

An aerial photograph of a densely populated favela, likely in Rio de Janeiro. The image shows a complex network of narrow, winding paths and small, closely packed buildings. A prominent red rectangular box is superimposed on the image, highlighting a specific area in the upper-middle section. The overall tone is dark and monochromatic, with the text providing a stark contrast.

# FAVELA E PAISAGEM

(Re)Pensando os Espaços Livres Públicos do Alto do Morro do Adeus

Lara Barreira de Vasconcelos  
orientação | Cristovão Duarte





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA PAISAGÍSTICA

# PAISAGEM E FAVELA:

(Re)Pensando os Espaços Livres Públicos do Alto do Morro do Adeus

Dissertação de Mestrado

Lara Barreira

orientação | Cristovão Duarte

Rio de Janeiro

2017

**B271**

Barreira, Lara,

Favela e paisagem: (re)pensando os espaços livres públicos do alto do Morro do Adeus/Lara Barreira. – Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2017.

157f. il.; 30 cm.

Orientador: Cristovão Duarte.

Dissertação (Mestrado Profissional em Arquitetura Paisagística) – UFRJ/PROURB/Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, 2017.

Referências bibliográficas: p.152 -154.

1. Projeto urbano. 2. Favelas. 3. Desenho urbano. 4. Espaços livres. 5. Direito à cidade. I. Duarte, Cristovão Fernandes. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo. III. Título.

CDD 712

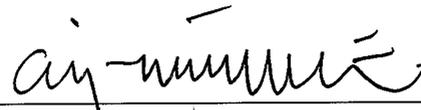
Lara Barreira

## Favela e Paisagem: (Re) pensando os Espaços Livres Públicos do Alto do Morro do Adeus

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação Arquitetura Paisagística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com o objeto de obtenção do título de mestre.

Aprovado em 13 /12/ 2017.

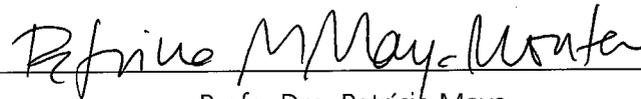
BANCA EXAMINADORA:



---

Prof. Dr. Cristóvão Duarte (Orientador)

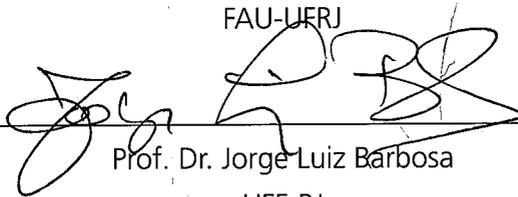
FAU-UFRJ



---

Profa. Dra. Patrícia Maya

FAU-UFRJ



---

Prof. Dr. Jorge Luiz Barbosa

UFF-RJ

Rio de Janeiro

2017

## Lista de Siglas

AMMA – Associação de Moradores do Morro do Adeus

APARU – Área de Proteção Ambiental e Recuperação Urbana

BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento

CEDAE - Companhia Estadual de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro

ENANPUR – Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional

ENEPEA – Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil

FAU – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPP - Instituto Pereira Passos

MPAP – Mestrado Profissional em Arquitetura Paisagística

PAC - Programa de Aceleração de Crescimento

PROURB – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo

SMDS – Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UPP – Unidade de Polícia Pacificadora

## 0. Apresentação **09**

RESUMO | p. 10  
OBJETIVOS | p. 11  
ESTRUTURA | p. 11  
METODOLOGIA | p. 12  
INTRODUÇÃO | p. 16

## 1. Considerações iniciais **21**

PORQUE UM TRABALHO SOBRE ARQUITETURA PAISAGÍSTICA NA FAVELA? | p. 22

## 2. Estudo de caso, problematização e identificação de dinâmicas do lugar **35**

O MORRO DO ADEUS | p. 34  
PROBLEMATIZAÇÃO | p. 43  
IDENTIFICAÇÃO DE DINÂMICAS DO LUGAR | p. 55





Figura 01. Foto de atividade de plantio no Morro do Adeus realizada pelo viveiro da CEDAE  
Fonte: Pesquisa de Campo

## 69 3. Aproximação das questões de projeto

O QUE CONSIDERAR EM PROJETO PARA TORNAR OS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DO ALTO DO MORRO DO ADEUS VIVOS E MOVIMENTADOS? | p. 70  
ORGANIZANDO REFLEXÕES TEÓRICAS E CONCEITUAIS EM ESTRATÉGIAS DE PROJETO | p. 79

## 87 4. Ensaio Projetual

DELIMITAÇÃO DA ÁREA DE INTERVENÇÃO | p. 88  
REALIZAÇÃO DE MAQUETE FÍSICA | p. 90  
EVOLUÇÃO DAS DECISÕES DE PROJETO | p. 91  
APRESENTAÇÃO DE ENSAIO PROJETUAL | p. 100

## 133 5. Considerações Finais, Anexos e Referências Bibliográficas

CONSIDERAÇÕES FINAIS | p. 134  
ANEXO 01. UNIDADES HABITACIONAIS COLOCADAS NO PROJETO | p. 137  
ANEXO 02. SOBRE A TORRE 8 | p. 142  
ANEXO 03. OFICINA DE SONHOS COLETIVOS DO MORRO DO ADEUS | p. 143  
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | p. 152

Na página seguinte  
Figura 02. Foto de maquete física do  
Morro do Adeus realizada pela autora.  
Fonte: Arquivo Pessoal.



0.

Apresentação

# RESUMO

Favelas fazem parte das paisagens urbanas brasileiras por mais de cem anos. Após décadas de políticas remocionistas, apenas nos últimos vinte anos é que a urbanização das favelas passou a ser considerada em políticas públicas. Admite-se que a urbanização representa um grande avanço no reconhecimento da favela como parte legítima da cidade, possibilitando dotá-la de infraestrutura sem destruir as redes sociais preexistentes e reconhecendo o direito de localização na cidade. Esse trabalho pretende avançar em questões relativas aos projetos de espaços livres públicos dentro do campo de urbanização de favelas. As favelas possuem em sua morfologia urbana espaços de convívio e locomoção na escala do corpo humano. A proposta da pesquisa é utilizar o Morro do Adeus como estudo de caso, contribuindo no campo metodológico-projetual através da análise da intervenção já realizada, da organização de estratégias de desenho urbano, e da realização de ensaio projetual subsequente para a área.

**Palavras chave:** Urbanização de favelas, espaço livre público, desenho urbano da paisagem.

# ABSTRACT

Favelas have been part of the Brazilian urban landscape for more than one hundred years. After decades of policies focused on removing, it is only in the last twenty years that the urbanization of the favelas has come to be considered in public policies. It is acknowledged that urbanization represents a major advance in the recognition of the favela as a legitimate part of the city, making it possible to provide it with infrastructure without destroying preexisting social networks, and recognizing the right of inclusion in the city. This study addresses issues related to public space projects within the favela urbanization field. The favelas have, in their urban morphology, spaces proportional to the scale of humanity. The research proposal is to use Morro do Adeus as a case study, contributing in the methodological-design field by means of the following steps: analysis of the PAC project - Favelas implanted in the locality, suggestion of strategies of urban design and subsequent design layouts for the area.

**Keywords:** Urbanization of favelas, public space, urban design of the landscape.

# OBJETIVOS

## OBJETIVO GERAL

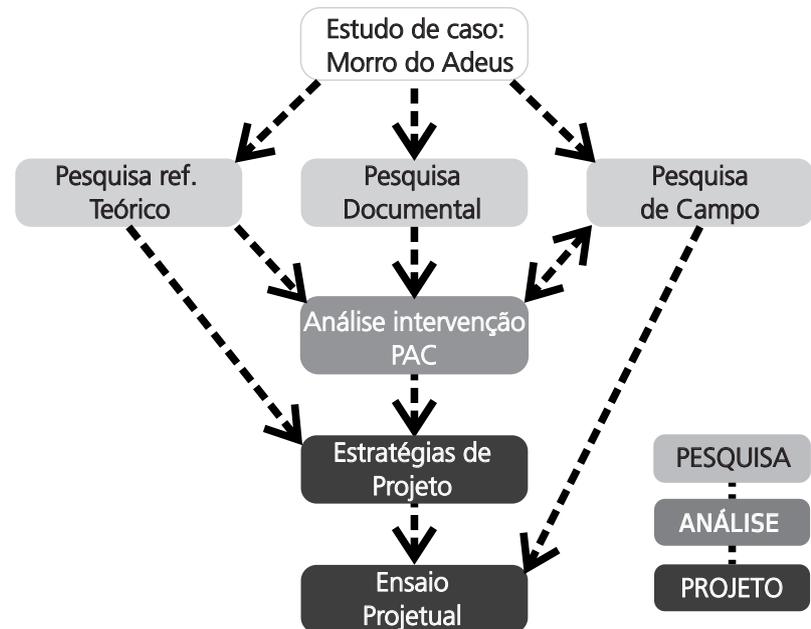
Contribuir no tema urbanização de favelas tendo como foco o campo da arquitetura paisagística e desenho urbano de espaços livres públicos utilizando o território do Morro do Adeus como estudo de caso para análise e investigação projetual.

## OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Tendo o Morro do Adeus como estudo de caso, realizar uma análise qualitativa sobre os espaços livres públicos do local, com foco nos espaços produzidos pelas intervenções urbanísticas realizadas pelo PAC-Favelas, considerando o contato com a população no sentido de aliar a investigação empírica à reflexão teórica;
2. Organizar conceitualmente estratégias projetuais a partir das reflexões teóricas e analíticas investigadas, a fim de apontar caminhos para uma intervenção que possa promover a vitalidade dos espaços livres públicos e a melhoria da qualidade de vida da população local;
3. Desenvolver um ensaio projetual para o alto do Morro do Adeus aplicando as estratégias previamente organizadas, com o objetivo de apontar caminhos para a mitigação dos impactos negativos produzidos pela intervenção do PAC-Favelas no local e fortalecer as potencialidades do território.

# ESTRUTURA

A pesquisa está dividida em três partes principais. Em um primeiro momento, foi feita uma análise dos espaços livres públicos resultantes de uma intervenção, anteriormente, realizada no local pelo PAC – Favelas (Capítulo 2). Em um segundo momento, foram organizadas estratégias de intervenção a partir da interpretação do referencial teórico utilizado (Capítulo 3). No terceiro momento foi feito um ensaio projetual como possibilidade de aplicação das estratégias, levando em consideração as reflexões realizadas, previamente, na pesquisa de campo. (Capítulo 4).



No capítulo Apresentação estão, de forma bastante objetiva, as informações básicas sobre o trabalho – objetivos, metodologia e texto introdutório, podendo em uma visada rápida compreender do que se trata a pesquisa. Os capítulos Considerações Iniciais e Considerações Finais contêm uma fala mais personalizada da autora sobre as questões enfrentadas. Os capítulos correspondentes ao coração da pesquisa são: Capítulo 2 - Problematização e análise do estudo de caso, Capítulo 3 - Aproximação das questões de projeto e Capítulo 4 - Ensaio projetual.

## METODOLOGIA

Como estudo de caso, o Morro do Adeus foi escolhido para ser o objeto de análise e projeto, que guiaram as reflexões teórico-projetuais realizadas nessa dissertação. Na última década o poder público, através do PAC-Favelas, realizou uma significativa intervenção no local. De maneira resumida, a intervenção consistiu na instalação de uma estação de teleférico, na remoção de várias unidades habitacionais, na implantação de novas vias e a construção de novos espaços livres públicos no entorno da estação de teleférico.

A pesquisa foi desenvolvida mediante as seguintes etapas:

- Pesquisa em campo - Observação participativa

- Pesquisa documental
- Pesquisa bibliográfica
- Análise da intervenção do PAC no local
- Organização de estratégias de projeto
- Elaboração de ensaio projetual

### 1. Pesquisa de Campo:

Como ponto de partida, para a realização deste trabalho, foram feitas visitas ao local, não apenas no intuito de reconhecer o território e as mensagens que sua paisagem e configuração nos diziam (espaço percebido), mas também para estabelecer um contato com a população. Nesse contato, sempre foi informado a todos a natureza de nossa presença no local e o caráter da pesquisa que estava sendo realizada.

Foi considerado de grande relevância a interação direta entre conhecimento acadêmico e a vivência em campo. Através do método de observação participativa, foram feitas caminhadas pelo morro nas quais moradores contaram sobre o espaço, o que existia antes e como entendem o que existe agora (pós intervenção PAC). Frequentei alguns eventos da comunidade realizados nos espaços livres públicos, como Dia das Mães (2016) e Festa Junina (2017). Várias visitas, acompanhadas de conversas, foram realizadas ao Viveiro da CEDAE instalado no local e a Associação de Moradores do Morro do Adeus (AMMA). Também

foi realizado o contato com o projeto social de aulas de ballet – Na Ponta dos Pés.

Ainda no âmbito do contato com a população, foi realizada uma atividade de desenho com algumas crianças do Adeus. A atividade foi desenvolvida em um dos espaços livres públicos do local, em que foram disponibilizados lápis de cor e papel às crianças. Durante a dinâmica, foi sugerido que elas desenhassem o que elas gostariam que tivesse nos espaços livres da favela e que elas sentem falta.

Nos percursos realizados pelo Morro do Adeus, após prévia explicação da realização da pesquisa, alguns moradores foram informalmente entrevistados com os seguintes pontos de perguntas:

1. O que você acha dos espaços livres aqui do Adeus? (explicando quando necessário que espaços livres é a parte em que não há construções, casas etc);
2. O que você acha que poderia melhorar?;
3. O que você acha que deveria ter e não tem nos espaços livres do Adeus?

As informações e percepções coletadas nessa etapa foram importantes tanto na realização da análise do projeto PAC-Favelas implantado no local (capítulo 2), como para elaboração do Ensaio Projetual (capítulo 4).

## 2. Pesquisa documental

Ao mesmo tempo em que foi realizada a pesquisa de campo, iniciou-se a pesquisa documental em busca da base cadastral da área e mais informações sobre o projeto do PAC realizado na área. Essa etapa apresentou limitações que acabaram por demandar mais tempo que o esperado. Três visitas foram feitas ao IPP (Instituto Pereira Passos) e ao setor de Urbanismo da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, que atualmente ficam no mesmo no mesmo edifício, localizado na Cidade Nova. Após algum tempo de busca junto com os funcionários de ambas as instituições, foi constatado que não havia levantamento cadastral atual das casas do Morro do Adeus. Mas no setor de urbanismo municipal, foi conseguido uma foto aérea de alta resolução da área. Dessa forma, foi possível fazer o desenho das casas no Morro, tendo como base a foto aérea.

Através do contato com um colega de turma, que já havia feito parceria com o escritório do arquiteto Jorge Mario Jáuregui, foi possível ter acesso a algumas plantas do Projeto. Nesse arquivo, foram conseguidas as curvas de nível mais atuais. Embora nesse mesmo arquivo também contivesse os polígonos das casas, foi verificado que não condizia com a base da foto aérea mais atual. Dessa forma, optou-se por desenhar por cima da foto aérea o polígono das casas, vias, caminhos e demais elementos do local.

## 3. Pesquisa Bibliográfica

Inicialmente se buscou autores que abordassem a temática do desenho de espaços livres públicos em favelas ou temas

relacionados. Porém houve certa dificuldade para encontrar esse tema em específico. Observou-se que a temática da habitação de interesse social, aparentemente, tem sido mais enfocada no campo de arquitetura e urbanismo quando o assunto é favela.

Então, optou-se por utilizar autores que estivessem relacionados com as duas abordagens principais do trabalho: 1. A busca da ampliação do Direito à Cidade através de espaços livres públicos de qualidade na favela. 2. O respeito à escala humana que as favelas carregam em seus espaços construídos, vistos neste trabalho como qualidade positiva. Nesse sentido foram norteadores do trabalho os seguintes autores seminais: Henri Lefebvre, Gordon Cullen, Jane Jacobs, Jan Gehl. No âmbito da compreensão do conceito de Direito à Cidade, Henri Lebre. No tema da escala humana na cidade foi investigado, em paralelo, as ideias de Jane Jacobs, Gordon Cullen e Jan Gehl.

Reconhece-se a fragilidade de trabalhar com autores estrangeiros para tratar de um tema tão delicado e brasileiro. Nesse sentido, considerou-se a constante reflexão da autora aliando os conceitos teóricos à sensibilidade desenvolvida na vivência em campo para perceber o que faria sentido em ser aplicado no território estudado.

Somado a busca constante pelo desenvolvimento dessa “sensibilidade contextual” na aplicação dos conceitos, outros autores brasileiros e melhor conhecedores da realidade brasileira também foram estudados. Nesse sentido, foi considerado como referências a professora da PUC-Campinas, Laura Bueno, e o professor Cristovão Duarte da FAU-UFRJ. Esse último, também foi orientador dessa pesquisa.

Essa fase ocorreu durante todo o período da realização da pesquisa.

#### 4. Análise da intervenção do PAC no local

Esta etapa de análise considerou tanto a visão dos moradores do Adeus através da escuta realizada durante a pesquisa de campo como a análise dos elementos da paisagem existentes. Também foi importante a compreensão do momento histórico atual da Cidade do Rio de Janeiro. Nesse sentido, o contato com os debates públicos que estavam sendo realizados na Cidade, bem como a observação do que estava sendo produzido no âmbito da produção artístico-cultural foram fundamentais para a compreensão mais contextualizada da realidade.

Considerou-se essa etapa de grande importância por duas razões: 1- Uma vez que essa pesquisa tem por objetivo contribuir no campo do projeto urbano de espaços livres públicos, considera-se que a análise de um projeto já realizado e construído é essencial para o amadurecimento do pensar propositivo-projetual. 2 - Foi de fundamental importância entrar em contato com a percepção dos moradores acerca do espaço existente para lançar diretrizes para intervenções futuras.

#### 5. Organização de estratégias de projeto

Foram organizadas estratégias de projeto que buscaram aproximar o conteúdo teórico estudado e as questões de projeto. Não bastaria afirmar que o projeto deveria respeitar o caráter

da escala humana, que deveria gerar espaços livres públicos acolhedores e convidativos para o bem-estar da população sem entender que elementos e ações projetuais poderiam dotá-lo de tais características. A busca pela compreensão de como os conceitos poderiam se tornar ações de projeto guiou essa etapa da pesquisa. Nesse sentido, a necessidade de avançar na proposição talvez seja uma vantagem entre o formato do mestrado profissional, programa em que essa pesquisa foi desenvolvida, e o modelo de mestrado acadêmico predominante nos programas de mestrado no Brasil. Entende-se que a análise e a crítica ao que está posto é essencial para evolução conhecimento. Entretanto, é através do desafiar-se na proposição que um outro avanço, com caráter de enfrentamento propositivo, tem oportunidade de acontecer. E se fosse para fazer diferente, como seria? Essa pergunta dá origem a uma outra etapa importante da reflexão para produção de conhecimento.

Essa fase foi nomeada de organização de estratégias em vez de criação de estratégias, pois são estratégias espaciais que já existem. É possível identificá-las presentes em vários espaços livres públicos das cidades. Porém, vale mencionar que, até o presente momento, não tive contato com literatura que as sistematizasse da forma como foi feito neste trabalho. Foi a partir da questão de projeto colocada pelo estudo de caso, que a leitura dos autores foi realizada na busca de identificar quais seriam as ações de projeto que relacionariam os conceitos com o desafio do ensaio projetual. Nesse sentido, essa etapa teve a função de aproximar a teoria da concretude do projeto.

## 6. Elaboração de Ensaio Projetual

O ensaio projetual foi realizado como etapa subsequente a organização das estratégias. As reflexões teóricas, previamente transformadas em estratégias, foram aplicadas no território do estudo de caso, alto do Morro do Adeus. Para além das estratégias foram consideradas também, com bastante relevância, as peculiaridades do lugar, em seu aspecto físico-espacial e sociocultural. Nesse sentido, a prévia realização de pesquisa de campo e contato com os moradores, bem como a execução da maquete física foram de fundamental relevância.

Para essa etapa, também foi considerado importante a execução de uma maquete de estudo do Morro do Adeus para compreender de forma mais concreta a configuração espacial do lugar. Considerando a complexidade da topografia do lugar, as plantas e as vistas aéreas não seriam suficientes para ter uma eficaz compreensão do território em sua configuração espacial. As curvas de nível, os polígonos das edificações, as vias, os caminhos e as praças foram cortadas em máquina a laser, utilizando placas de papelão. A montagem dos elementos foi feita de forma manual.

Vale ressaltar, que tanto as estratégias que foram organizadas quanto o ensaio projetual desenvolvido neste trabalho não pretendem ser a única, nem a melhor, forma de se intervir no espaço livre público. Porém, aponta para o caminho de compreender o problema e estabelecer estratégias para lidar com ele, de forma reflexiva e responsável, tendo como base o referencial teórico selecionado. Possivelmente, se outros autores tivessem sido escolhidos, as estratégias bem como o projeto seriam diferentes.

# INTRODUÇÃO

Ao longo da história das cidades brasileiras, as favelas passaram por diversas formas de intervenção, sendo a remoção a alternativa historicamente predominante, legitimada por uma cultura de estigmatização do espaço e do cidadão favelado por parte das classes sociais dominantes (SILVA; BARBOSA, 1959). A década de 1990 marcou uma mudança de postura do poder público, reconhecendo a favela como parte integrante da paisagem urbana. Nesse período iniciou-se uma política de urbanização dos espaços favelados. É inegável a importância dessa mudança de postura, levando em consideração o conceito de Direito à Cidade (Estatuto da Cidade, 2001).

No caso da capital fluminense, desde o deslocamento das populações para os parques proletários na Era Vargas, na década de 1940, até o governo de Carlos Lacerda seguido da Ditadura Militar nas décadas de 1960 e 1970, a forma de intervenção nas favelas cariocas pelo poder público era a remoção. O período da ditadura foi marcado pela periferização da população de menor renda a partir da remoção das favelas nas áreas de interesse imobiliário e reassentamento da população nos conjuntos habitacionais financiados pelo BNH (Banco Nacional de Habitação) que eram construídos nas franjas urbanas da cidade.

As populações das favelas bem como os movimentos sociais urbanos fizeram fortes críticas às políticas autoritárias de

remoções e periferização da moradia, passando a lutar pela urbanização das favelas. Somente a partir do período de redemocratização, a partir do fim da década de 1970 e década de 1980, que a manutenção das favelas em seu local bem como a urbanização dessas passaram a ser consideradas como alternativas pelo poder público.

Nesse sentido, merece destaque a contribuição metodológica e ideológica da atuação de Carlos Nelson Ferreira dos Santos que ainda no final da década 1970 escreveu sobre as favelas cariocas quebrando vários estigmas existentes. A urbanização de Braz de Pina (1979), encabeçada por ele, contribuiu significativamente para a mudança de paradigmas de como o estado pode intervir na favela.

Na década de 1980, a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS) passa a realizar diversas ações de mutirão nas favelas, porém de forma pontual e fragmentada. Somente a partir da década de 1990 que é criada uma política pública que passa a encarar o desafio da inclusão das favelas de forma mais ampla e sistemática. Em 1992, o Plano Diretor do Rio de Janeiro criou uma lei específica que incorpora o tema da urbanização de favelas. Como desdobramento desse processo o Programa Favela-Bairro é lançado e viabilizado financeiramente por acordos com o BID (Bando Interamericano de Desenvolvimento).

O programa Favela-Bairro representou um grande salto ideológico de como tratar as favelas dentro da cidade. As intervenções passaram a tratar não apenas habitações isoladas, como já havia sido feito em anos anteriores, mas incluíram

o projeto de melhoria dos espaços públicos e infraestrutura urbana. Dentro do programa, que ocorreu entre 1995 e 2005, cerca de 90 favelas receberam melhorias.

O programa Morar-Carioca lançado em 2008 foi anunciado como um programa ainda mais abrangente e que daria sequência a política de urbanização de favelas no Rio de Janeiro, porém jamais foi implementado da forma como foi publicizado. O contexto político, econômico e a realização de megaeventos na cidade do Rio de Janeiro acabou por dar prioridade a outras agendas. As ações realizadas em nome do programa foram pontuais e não incorporaram as metodologias de inclusão e participação social.

Para além disso, a agenda da cidade em preparativos para recepção dos megaeventos desconectou-se completamente das diretrizes de urbanização previstas no Plano Diretor e passou a legitimar novamente as práticas remocionistas, seja para valorização imobiliária, seja para implantação de infraestruturas esportivas e de transporte. Remoções essas que revisitaram características de décadas anteriores tanto no autoritarismo da forma como foram realizadas quanto na marcada subserviência do Estado aos interesses econômicos privados.

Recentemente o PAC – Favelas, lançado em 2008, realizou intervenções pontuais nos espaços das favelas do Complexo do Alemão, Rocinha, Mangueiras, Pavão-Pavãozinho/Cantagalo. Essas intervenções sofrem atualmente fortes críticas por não terem atuado nas prioridades apontadas pela população, como saneamento básico, por exemplo. As críticas se fundam principalmente por essas intervenções terem executado somente

obras de grande visibilidade, como a implantação dos teleféricos (SILVA, 2015), por não terem contemplado a participação da população e por terem sido implantadas de forma conjunta a militarização dos espaços das favelas, por meio da atuação da “polícia pacificadora” (PINHEIRO, 2015 e RODRIGUES, 2015). A instalação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP), com suas sedes implantadas ao lado das estações do teleférico, tem uma relação bastante conflituosa com a população.

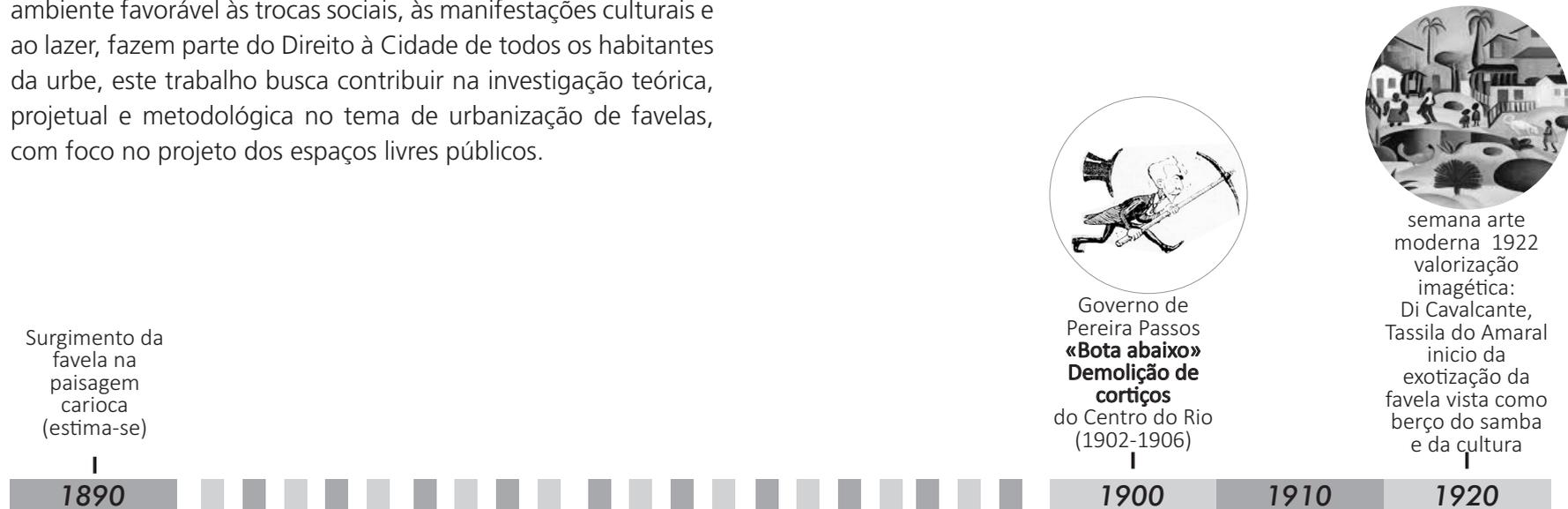
Como esse breve histórico nos mostra, mesmo as favelas existindo no cenário urbano carioca desde o final do século XIX, apenas nos anos 1990, as favelas passam a ser acolhidas por intervenções públicas para melhorias de infraestrutura de maneira mais sistemática. A partir dessa nova postura de atuação do poder público em relação à favela, muitas ações têm sido realizadas no campo de urbanização na cidade do Rio de Janeiro, passando pelo Programa Favela-Bairro, ocorrido entre 1995 e 2005, até as ações do PAC - Urbanização de Favelas, iniciado em 2008 e o programa Morar Carioca lançado em 2010.

Contudo, será que esses projetos de urbanização dialogam com a lógica espacial e social da favela? Em que medida vem promovendo uma real melhora na qualidade de vida da população? Que pensamentos urbanísticos e socioeconômicos apoiam a natureza dessas intervenções?

Bem, essas são questões bastante complexas que este trabalho não busca responder por completo, mas apresentar o debate por meio do estudo de caso da favela do Morro do Adeus situada no Complexo do Alemão na Zona Norte do Rio de Janeiro. O local passou recentemente por uma intervenção nos espaços livres

públicos no contexto da instalação do teleférico do Complexo do Alemão, inaugurado em 2010, que fez parte das ações do PAC-Favelas.

A investigação sobre intervenções no espaço da favela é um tema que permanece na agenda de desafios do projeto e planejamento urbano das cidades, tanto no âmbito de avaliar os impactos de intervenções já realizadas nas últimas décadas, como no âmbito de pensar como as intervenções poderão ocorrer nos próximos anos. Este trabalho buscou jogar luz sobre o tema com enfoque no estudo dos espaços livres públicos. Grande parte das vezes a importância dessa abordagem acaba ficando invisibilizada tanto pelas políticas públicas como pelas pesquisas acadêmicas, que, por vezes, resumem a complexidade da questão a um problema unicamente de “déficit habitacional”. Entendendo que o acesso a espaços livres públicos de qualidade, que proporcionem um ambiente favorável às trocas sociais, às manifestações culturais e ao lazer, fazem parte do Direito à Cidade de todos os habitantes da urbe, este trabalho busca contribuir na investigação teórica, projetual e metodológica no tema de urbanização de favelas, com foco no projeto dos espaços livres públicos.



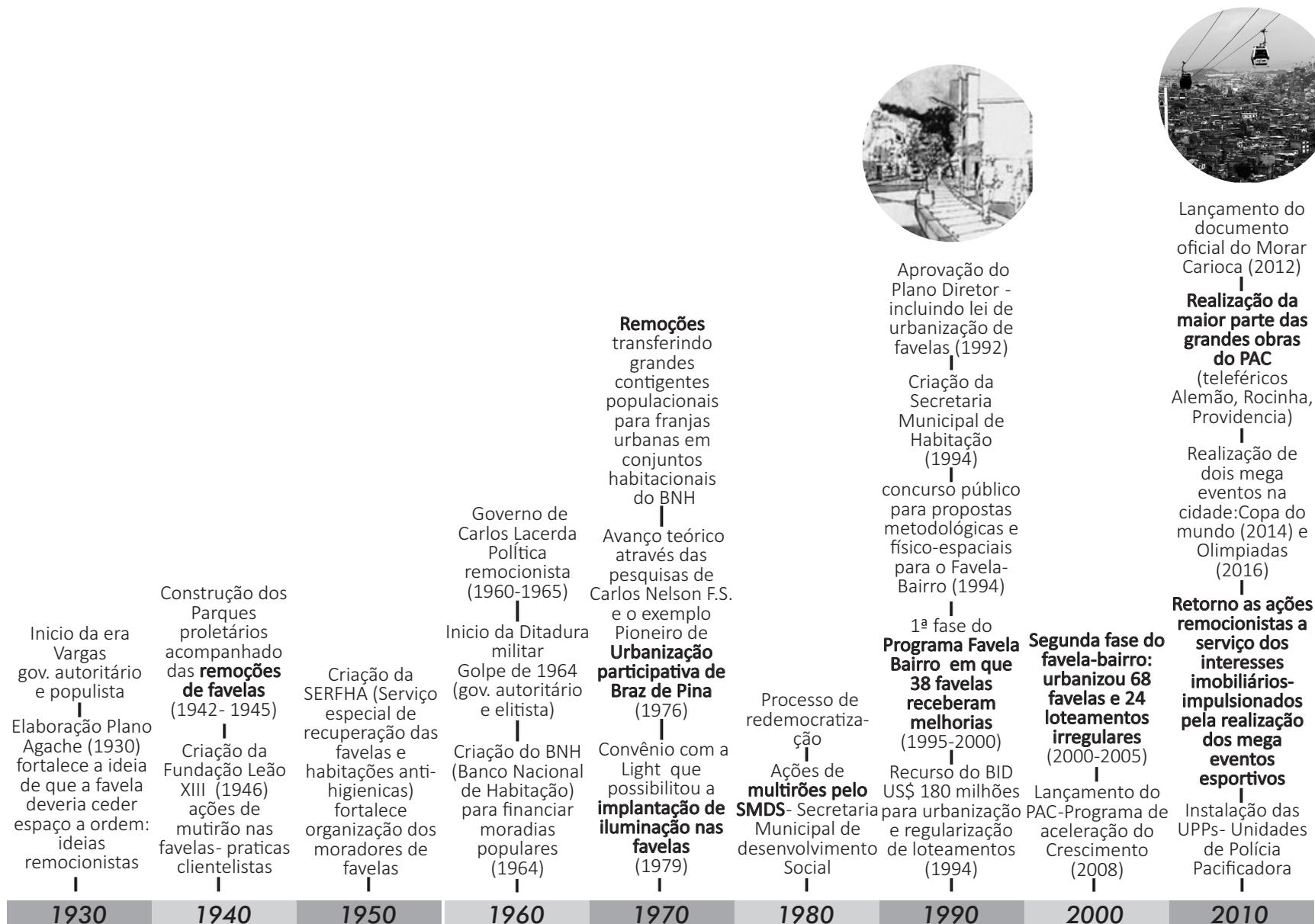


Figura 03 . Diagrama de linha temporal das políticas de públicas urbanas relacionadas a favelas no Rio de Janeiro.

Fonte: Diagrama realizado pela autora com base nas seguintes referências: 1. SILVA; BARBOSA, 2005; 2. Instituto Brasileiro de Administração Municipal, 1997; 3. RIOONWATCH, 2016.

Saudosa Maloca  
(Adoniran Barbosa)

Se o senhor não tá lembrado  
Dá licença de contá  
Que acá onde agora está  
Esse adifício arto  
Era uma casa véia  
Um palacete assobradado

Foi aqui seu moço  
Que eu, Mato Grosso e o Joca  
Construímos nossa maloca  
Mas um dia, nós nem pode se alembrá  
Veio os homis c'as ferramentas  
O dono mandô derrubá

Peguemos todas nossas coisas  
E fumos pro meio da rua  
Apreciá a demolição  
Que tristeza que nós sentia  
Cada táuba que caía  
Doía no coração

Mato Grosso quis gritá  
Mas em cima eu falei:  
Os homis tá cá razão  
Nós arranja outro lugar  
Só se conformemo quando o Joca falou:  
"Deus dá o frio conforme o cobertor"

E hoje nós pega páia nas gramas do jardim  
E prá esquecê, nós cantemos assim:  
Saudosa maloca, maloca querida  
Dim-dim donde nós passemos os dias feliz de nossa vida  
Saudosa maloca, maloca querida  
Dim-dim donde nós passemos os dias feliz de nossas vidas

Música de samba. Fonte: < <https://www.letras.mus.br/adoniran-barbosa/43969/>>

Na página seguinte.  
Figura 04 . Ilustração que faz crítica a instalação  
do sistema de teleférico no Complexo do Alemão  
representando as cabines do teleférico como  
elefantes brancos.

Fonte: autoria de David Amem, morador do Complexo  
do Alemão, integrante do grupo Classe D de Grafite  
e co-fundador do Instituto Raízes em Movimento.  
Disponível em < <https://www.facebook.com/Classe-D-Ateli%C3%AA-de-Ideias-950892308279847/> >  
acesso em: outubro 2017



1.

Considerações  
Iniciais

# POR QUE UM TRABALHO SOBRE PROJETO DE ARQUITETURA PAISAGÍSTICA NA FAVELA?

Talvez essa seja uma pergunta natural que venha a mente de qualquer pessoa ao ver este trabalho. Essa pergunta não foi verbalizada para mim com essas palavras, mas durante estes dois anos de mestrado senti vários olhares intrigados quando eu mencionava o tema da minha pesquisa - projeto de paisagismo na favela. Percebia que essa pergunta estava ali, latente, na “ponta da língua”. Existe um certo estranhamento em relação a esse tema. Não é à toa que no programa de mestrado do qual faço parte, Mestrado Profissional em Arquitetura Paisagística no PROURB – UFRJ, esse é primeiro trabalho com foco no tema da favela.

Quando fui ao congresso de paisagismo ENEPEA - Salvador, em setembro de 2016, senti certo desconforto, como se houvesse um relativo consenso que, se a abordagem pretendida por mim era sobre favelas, eu deveria estar em um outro tipo de congresso. Não que as pessoas não considerem o tema relevante, mas ali era, afinal, um congresso de paisagismo. Até então, não pude compreender o motivo desse desconforto, pois desde os últimos anos da minha graduação desejo pesquisar esse tema por acreditar na sua importância.

Um desconforto similar ocorreu no congresso de planejamento urbano ENAMPUR, em maio de 2017 em São Paulo. Nesse evento, percebi nas conversas com colegas que a disciplina do paisagismo não era tão bem compreendida, tampouco a sua relevância em estabelecer um diálogo com o tema do Planejamento Urbano.

A experiência de receber olhares de estranhamento, não só durante os dois congressos, mas também durante o convívio com os colegas de profissão e amigos, também de outras áreas, em todo o período do mestrado, fez-me refletir bastante. Durante este processo, foi de grande importância os diálogos com meu orientador, que, desde os primeiros contatos, passou total confiança em relação a relevância da abordagem da favela sob o aspecto do projeto urbano paisagístico.

Aos poucos, fui compreendendo a natureza desse estranhamento, percebendo significados que estavam tão óbvios na história e na configuração atual das cidades. De início, não pude captar tais evidências provavelmente pela minha relação de encantamento com a profissão que escolhi e pela minha condição privilegiada

de pertencer à classe média branca brasileira.

Da janela da casa onde moro no Rio de Janeiro, vejo a paisagem de um morro vegetado com uma bandeira do Brasil hasteada no topo. Essa paisagem conta a história da “ordem e do progresso” instaurados no Morro do Pasmado, após a remoção da favela e implantação de um parque urbano com trilhas e vistas contemplativas. Um processo similar, de remoção de favela e transformação do território em parque urbano, ocorreu com a favela da Catacumba. Ambos os casos ocorridos durante a década de 1960. Quem visita esses parques ainda pode ver as ruínas das casas dos antigos moradores em meio a vegetação. “Vejam só que maravilha de cidade, mais salubre e limpa, retiraram as favelas e temos novos parques urbanos! “. Bom, eu não conheci tais territórios quando as favelas ainda existiam no local, mas Carlos Nelson Ferreira dos Santos pôde conhecer e contar um pouco de sua visão como professor e pesquisador no campo da arquitetura e urbanismo:

Quando foram remover a favela (da Catacumba) dei uma entrevista a um jornal (...) A única coisa que, como arquiteto, me incomodava era que as construções fossem retiradas com seus construtores. Ali estavam exemplos do melhor urbanismo e da melhor arquitetura do Rio! Dava muita pena em todo mundo preocupado em preservar os símbolos da opressão dos séculos passados (...) enquanto não havia arquiteto indignado com a destruição daquele lugar. No entanto, mesmo vazia, cada casinha continuava revolucionária nos seus significados. Seria como congelar a um riso irônico contra a ordem estabelecida. Em tempo: na época, eu levava meus alunos à Catacumba, não para conhecerem um problema de moradia, mas para alimentarem sua esperança, para que vissem que ainda há muita inventividade no mundo. (SANTOS, 1984, p.105)

Esses exemplos são bastante emblemáticos de como o paisagismo (representado pelos parques urbanos) e o tema da favela (representado pelos casos do Pasmado e Catacumba) se relacionaram durante a história. Aparentemente, a relação é de dicotomia em que um é entendido como o oposto do outro. Enquanto um supostamente representaria beleza, salubridade e ordem (paisagismo); o outro representaria feiura, desordem e sujeira (favela).

A inserção de espaços livres para convívio das pessoas e maior contato com a natureza é de fundamental importância para a qualidade ambiental nas cidades e qualidade de vida dos cidadãos. Esse é um dos objetivos primordiais do estudo da disciplina da arquitetura paisagística. Porém, a inserção desses espaços nas cidades não deve ser excluyente em relação às favelas, como historicamente acontece, a exemplo dos casos da Catacumba e do Pasmado. As populações das favelas devem ser incluídas como parte dessa sociedade que necessita de espaços livres de fruição e lazer. Como aproximadamente um quarto da população carioca (22,03%, segundo o censo do IBGE - 2010) vive em favelas, pensar os espaços livres públicos desses territórios é de grande relevância.

É importante lembrar que esses territórios foram historicamente negligenciados em relação aos investimentos públicos em infraestrutura urbana. Dessa forma, o tema do projeto urbano-paisagístico na favela deveria ganhar mais espaço e maior visibilidade, tanto nas esferas do poder público como nas esferas acadêmicas de construção do conhecimento. Esse trabalho se coloca nesse sentido de contribuir no avanço do conhecimento nesse tema. Sob essa perspectiva, a favela não

deve ser abordada apenas como uma questão habitacional, deve ser encarada também como uma questão urbana, pois favela é cidade.

O campo do paisagismo possui várias possibilidades de abordagens. O projeto de parques urbanos nas cidades é uma das abordagens possíveis, bem como o projeto de espaços livres públicos inseridos em áreas urbanas. Este trabalho terá como enfoque o desenho da paisagem no nível dos espaços livres públicos urbanos. Os espaços livres públicos podem ser definidos de várias formas, uma forma bem simples de compreender o que esse termo significa na prática é considerar que praticamente todas as áreas públicas que não são ocupadas por edificações podem ser consideradas como espaços livres públicos. Dessa forma, praças, ruas, largos e equipamentos esportivos abertos são exemplos de espaços livres públicos nas cidades.

A visão de Carlos Nelson Ferreira dos Santos, ressaltada na citação anterior, reconhece na configuração espacial da favela características que ele considera como positivas. Essa percepção não é nem um pouco comum na nossa sociedade, sobretudo nos meios predominantemente ocupados pelas classes alta e média. Dessa forma, é importante retomar esse olhar desestigmatizado proposto por Carlos Nelson. Para este trabalho será de fundamental importância essa percepção que permite ver os aspectos positivos da urbanidade da favela.

Reconhecer que o tecido da favela possui aspectos positivos, significa fortalecer o argumento da não remoção, ao mesmo tempo permite compreender que a intervenção dentro do contexto da urbanização de favelas deve considerar os aspectos

e dinâmicas positivas existentes no local. Se, ao intervir, o pensamento for de que a favela em si representa o que é ruim e que melhor seria substituí-la por uma forma urbana similar à cidade do asfalto (moderna), o risco de destruir a urbanidade preexistente será enorme. A favela necessita de intervenção urbanística, mas a forma como essa intervenção é pensada deve dialogar com a paisagem urbana-favelada pré-existente.

## BREVE CONTEXTO SOBRE INTERVENÇÕES EM FAVELAS A PARTIR DO OLHAR DA AUTORA

A política remocionista não deu lugar apenas a parques urbanos, como os parques da Catacumba e Pasmado, mas há vários exemplos de favelas removidas em nome da instauração de bairros modernos, com seus espaços livres públicos de lazer (para aqueles que podem pagar por isso). Na minha cidade natal, Fortaleza, praticamente toda a orla mais valorizada está repleta de espaços livres públicos movimentados (símbolos do turismo na cidade) que foram construídos em cima de antigas comunidades pesqueiras entendidas como favelas. No Rio de Janeiro, a Lagoa Rodrigo de Freitas passou por processo semelhante. Em diversas cidades brasileiras ocorreram, e ainda ocorrem, processos parecidos. Essas intervenções são amparadas por uma forma higienista de pensar as cidades, que remonta às grandes reformas “embelezadoras” de Pereira Passos, no centro do Rio e pelos interesses da classe dominante que controla os meios de produção das cidades. O pano de fundo dessas ações é uma sociedade estruturalmente racista e socialmente segregada, que criminaliza tanto o território da favela como sua população.

A lógica, que apoiou as práticas de remoção, está diretamente refletida no processo de valorização do solo urbano. Nesse sentido, não podemos esquecer que as visões de mundo hegemônicas amparam e são amparadas pelos interesses econômicos de determinados grupos da sociedade.

O conhecimento produzido nas universidades, nos campos da arquitetura e urbanismo, também teve sua parcela de contribuição na legitimação dessas ações ao longo da história. O movimento modernista é um exemplo de pensamento que é estruturador e está presente na maior parte das escolas de arquitetura e urbanismo do país. Essas escolas por muitos anos formaram, e ainda formam, profissionais que atuam nas cidades buscando a salubridade acima de qualquer consideração de respeito ao tecido físico-social preexistente. O termo “tábula rasa” ficou conhecido por caracterizar as práticas projetuais do pensamento moderno.

Felizmente, a universidade, a cidade e a sociedade de uma forma mais ampla, se constroem a partir da disputa de narrativas e de pensamentos diferentes. Uma das primeiras figuras no nosso campo do conhecimento a começar a disputar essa narrativa, lançando um novo olhar sobre as favelas, foi o professor Carlos Nelson Ferreira dos Santos, como mostra a citação anterior. Há cerca de três décadas, ele defende que a favela não deve ser exterminada. O mais interessante é que ele argumentava isso, não apenas porque as favelas ocupam uma parte considerável do tecido urbano nas grandes cidades e seria muito custoso para o poder público removê-las, mas também porque a favela possui qualidades urbanas que devem ser consideradas.

Aproximadamente há 20, 30 anos atrás começou a ter maior visibilidade essa possível mudança de paradigma, quando começa-se a entender que a favela deve ser “incorporada à cidade” e não eliminada. Esse processo contou não apenas com a nova visão de pesquisadores que pensavam diferente no meio acadêmico, mas principalmente com a atuação dos movimentos sociais que lutavam pelo reconhecimento de seus direitos de localização na cidade e pela permanência de suas casas que foram construídas com muito esforço ao longo de anos.

Como já foi mencionado no texto de introdução, o Programa Favela Bairro incorpora esta forma mais inclusiva de encarar a favela. Nesse sentido, houve a transformação da urbanização de favela em uma política pública, cujo objetivo é dotar os espaços favelados de infraestrutura urbana e equipamentos sociais. Como a história não é linear, a visão remocionista/higienista ainda está muito presente na sociedade e nos desenhos das políticas urbanas na atualidade.

No ano de 2015 conheci a favela Vila Autódromo nos seus últimos meses de existência. Havia ruas movimentadas, muitas árvores, fachadas ativas, em um ambiente no qual as pessoas se conheciam e se cumprimentavam pelas ruas. O cenário urbano era algo muito próximo com o que Jane Jacobs chamaria de “vitalidade urbana”. Poucos meses depois, presenciei tratores destruindo por completo aquele lugar. Não foi fácil ver as imagens do rosto da líder local, dona Maria Penha, todo machucado e sangrando resultado da ação violenta da polícia, justamente no dia da mulher (8 de março de 2016). Fiz questão de citar o nome da dona Penha pois esse nome representa a história de

conquistas femininas em nosso país. Ironicamente esse é mesmo nome da lei que protege as mulheres contra a violência física.

Participei de algumas reuniões e eventos de resistência da Vila Autódromo. Era um contexto de pré-olimpíadas no Rio de Janeiro e a Vila Autódromo estava sendo removida porque, ao lado de seu território, foi construído o Parque Olímpico. Embora o perímetro do parque não ocupasse todo tecido da favela, tudo foi removido e “limpo”. Nesse contexto, uma estratégia de resistência foi criar o Museu das Remoções, que montava esculturas com os escombros das demolições nos lugares recém destruídos, que tinham um valor simbólico para comunidade, como por exemplo: associação de moradores, casa da mãe de santo, bar de reunião dos moradores, etc. Era colocada uma placa explicando como era aquele lugar antes e o porquê o local era significativo. Os turistas estrangeiros, que costumavam chegar semanas antes da realização do evento, eram convidados a visitar a exposição/instalação do museu a céu aberto.

O movimento de resistência conseguiu ganhar visibilidade internacional, o que resultou na permanência, no mesmo terreno, de 20 famílias (de um total de 600) em unidades habitacionais padronizadas e construídas lado a lado em uma única via. O resultado desse enfileiramento de pequenas “máquinas de morar” em uma via única produziu algo muito mais monótono e distante do que era a vitalidade urbana existente anteriormente. O fato foi considerado como uma vitória do movimento de resistência, que enfrentou os gigantes interesses do jogos olímpicos.

Até agora, comentei sobre duas formas aparentemente

antagônicas de intervir na favela. Uma seria a completa remoção (Vila Autódromo, Pasmado e Catacumba) e a outra seria a ideia de integrar a favela à cidade através da urbanização, representada pelas ações do Programa Favela Bairro mencionado. Mas, para entender a complexidade da natureza das intervenções em favelas atualmente, é preciso ter um olhar mais atento, pois esses dois discursos muitas vezes estão intrinsecamente relacionados e atuam nas cidades de forma conjunta.

Um exemplo irônico que mostra a forma confusa na qual os discursos de valorização/criminalização da favela se dão no campo simbólico e prático foi observado através da forma como o evento das Olimpíadas no Rio de Janeiro tratou as favelas. A apresentação de abertura dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro deu um grande destaque a paisagem da favela, tanto em seu cenário territorial, simulando a geometria dos morros cariocas, como pelo destaque dado ao funk, “música de favela”. No entanto, as dinâmicas urbanas decorrentes desse mesmo evento legitimaram a remoção de diversas favelas cariocas. Também foi legitimada uma ação mais violenta da polícia e do exército, sobretudo no território das favelas durante o período das Olimpíadas.

A ironia está em perceber que ao mesmo tempo em que as remoções e repressões policiais ocorriam, a abertura das Olimpíadas se mostrava como grande valorizadora da cultura e da paisagem da favela, apontando-a como símbolo da “brasilidade”, com o objetivo de vender para o mundo a ideia de uma “suposta” cultura de respeito à diversidade e inclusão social.

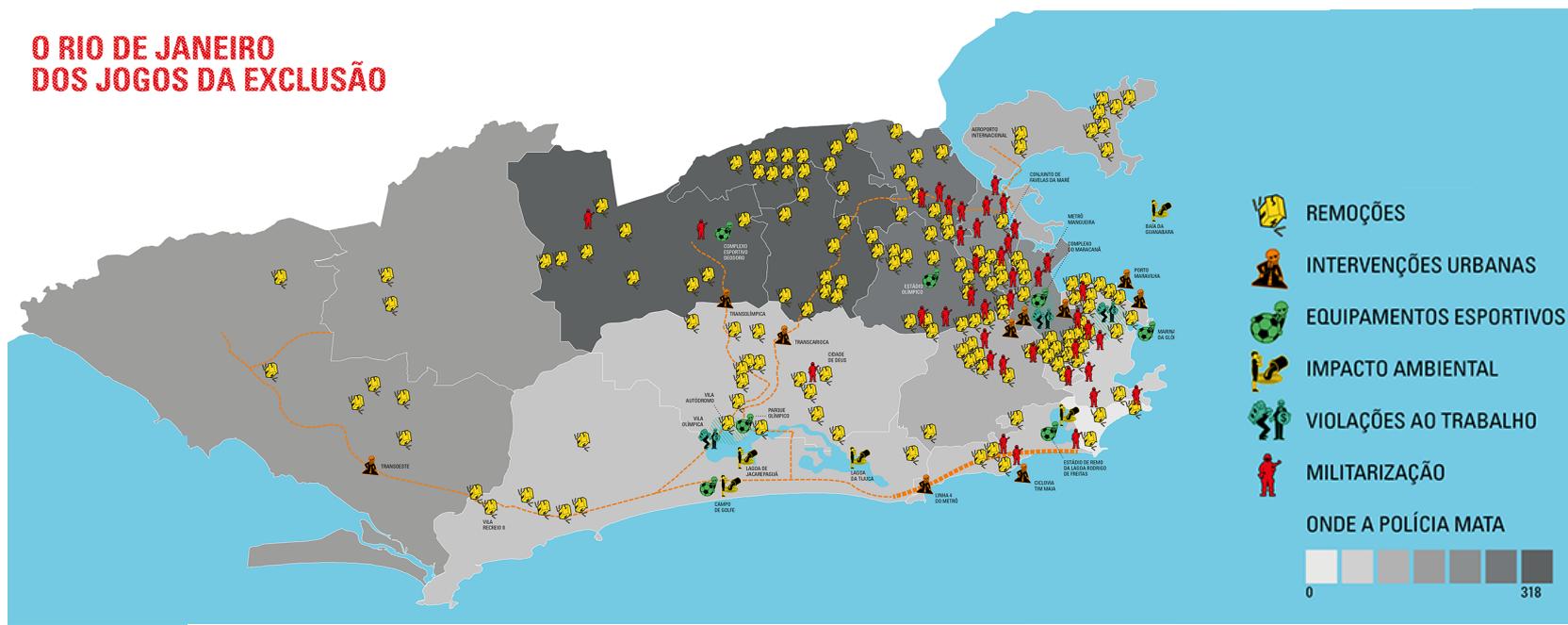
É importante entender esse processo de valorização ligado a produtificação dos espaços e da estética da favela para compreender as intervenções em favelas na contemporaneidade. Esta atenção necessária para perceber as possíveis contradições dos discursos deve ser ainda mais apurada no contexto das metrópoles litorâneas brasileiras, nas quais a projeção para o mercado do turismo (nacional e internacional) tem ganhado bastante relevância nas agendas urbanas municipais.



Figura 07: Foto do espetáculo de abertura do evento esportivo Olimpíadas, no Rio de Janeiro, em 2016. Ao fundo cenário representando a paisagem e morfologia urbana das favelas cariocas. Fonte: site de notícias O Globo. Disponível em < <https://oglobo.globo.com/esportes/cerimonia-de-abertura-da-rio-2016-emociona-com-historia-dos-povos-brasileiros-19864341> > acesso em novembro de 2017.

Figura 08: Mapa 'O Rio de Janeiro dos Jogos da Exclusão', produzido pelo Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro. Fonte: site da Agência de Notícias das Favelas. Disponível em < <http://www.anf.org.br/campanha-lanca-mapa-da-exclusao-olimpico/> > acesso em novembro de 2017.

## O RIO DE JANEIRO DOS JOGOS DA EXCLUSÃO



No Complexo do Alemão, por exemplo, o projeto de instalação do teleférico ora usou o discurso de promover a melhoria da mobilidade da população local, ora se anunciou como promotor do turismo no local. O Morro do Adeus, que passou pela intervenção do PAC – Favelas e recebeu a instalação da primeira estação do sistema de teleférico do Complexo do Alemão, foi mais profundamente analisado por este trabalho. Ao analisar o desenho resultante da intervenção percebemos que, embora o discurso utilizado tenha sido o da urbanização para melhoria da qualidade de vida a população, o projeto carrega em sua forma de implantação no espaço muitos elementos de intervenção remocionista/higienista. Na estação do Adeus, onde o turista desembarca não há mais casas, a favela pode ser observada apenas de longe, através dos mirantes instalados no local, e do alto, de dentro das cabines do teleférico. Dessa forma, criou-se um mecanismo de remoção da favela de dentro para fora, baseado na narrativa da urbanização. Esse é um caso bastante peculiar que será melhor analisado nos capítulos seguintes.

No contexto atual do Rio de Janeiro, a política pública relacionada às favelas parece ter como abordagem principal a questão da “guerra às drogas” e da ação policial. Nos últimos anos, pouco ou nada se vê relacionado a questão da urbanização ou das políticas sociais. Ao me aproximar do debate público relacionado ao território do Complexo do Alemão, o tema da violação de Direitos Humanos por parte da atuação policial pareceu ser, nesses dois anos (2015-2017), a principal pauta levantada pelos movimentos sociais urbanos, coletivos, comunicadores sociais e artistas favelados. Pude assistir duas audiências públicas durante esse período e a situação pareceu ser realmente bastante

preocupante e insustentável, com muito sangue derramado e impedimento da livre circulação pelo espaço público da favela.

Nesse cenário, novamente me perguntei se o tema da minha pesquisa faria sentido nesse momento. Era, aparentemente, um outro assunto, e não tenho formação para me aprofundar na questão da segurança pública, policial, de violação de Direitos Humanos, etc. A maior parte dos pesquisadores brasileiros e estrangeiros que conheci investigando sobre Complexo do Alemão eram das áreas das Ciências Sociais e estavam dedicados a esse tema.

Porém, ao escutar atentamente as reivindicações dos moradores, muitos apelavam justamente para que seus direitos de livre circulação e utilização dos espaços públicos fossem respeitados, argumentavam que a favela não precisava apenas de polícia, mas de cultura e lazer. Muitos moradores pediam a retirada da UPP e que o investimento realizado em policiamento e armas fosse redirecionado à outras pautas. Vale ressaltar também que, apesar de todos os conflitos, os moradores se declararam afeitos a favela onde moravam e pediam reconhecimento como sujeitos de direitos. No fim das audiências públicas, conclui que o cerne das reivindicações era o pedido para que as políticas públicas na favela tivessem uma postura mais respeitosa com seus moradores e seus espaços de vida. Apelavam para que o olhar não se voltasse apenas para as carências, para os problemas e para as notícias ruins da favela. Queriam ser enxergados também por suas potências. “Favela é potência”, reivindicavam. Foi aí que percebi que apesar da aparente contradição, o meu trabalho tem sim um diálogo direto com todo o contexto atual.

A política pública na favela necessita urgentemente de um olhar mais acolhedor. Parece que a mesma cidade que lançou a frase “Gentileza gera Gentileza” para o mundo, perdeu a capacidade de perceber que o oposto também é verdadeiro: “Violência gera violência”. A frase original foi criada por José Dantrino, personagem urbano conhecido por ser o profeta gentileza nos anos 1960. Essa frase ganhou status de sabedoria popular e ficou conhecida dentro e fora do Rio por simbolizar a cidade.



Figura 09: Ilustração ‘Gentileza gera Gentileza’ inspirada na arte de José Dantrino. Fonte: Revista Verso Proza e Arte. Disponível em: < <http://www.revistaproza-versoarte.com/gentileza-gera-gentileza-profeta-gentileza-jose-dantrino/> > acesso em: novembro de 2017.

David Amem, morador do Complexo do Alemão, integrante do grupo Classe D de Grafite e co-fundador do Instituto Raízes em Movimento, fez ilustrações de protesto em relação à maneira como a política pública chega às favelas do Complexo do Alemão. A fotomontagem de abertura dessa capítulo demonstra como a população interpreta a instalação do teleférico no local, como elefantes brancos, elementos estranhos. Em outra charge ainda (figura 10), o artista representa esse elefante branco em um cenário de muitos tiros e derrame de sangue no ambiente da favela. Provavelmente, essa é uma crítica a ocupação da UPP no local, uma vez que a charge se refere a atuação das políticas públicas no Complexo do Alemão.

A moradora do Morro do Adeus Tuany Nascimento, líder de um projeto social de ballet no qual trabalha de forma voluntária e sem qualquer apoio institucional, explica um pouco de sua visão a respeito da política na favela atualmente:

Eu achava que ao entrar a pacificação, eles também deveriam vir com algo mais, que seria o social para dentro da comunidade e fazer com que as pessoas que entrariam no mundo do tráfico, não entrassem exatamente por estarem envolvidas naquele social. A palavra pacificação vem como o radical que é paz. Mas infelizmente ela não acontece na maioria das comunidades pacificadas. A maioria das comunidades pacificadas ainda tem guerra. (NASCIMENTO, 2015)

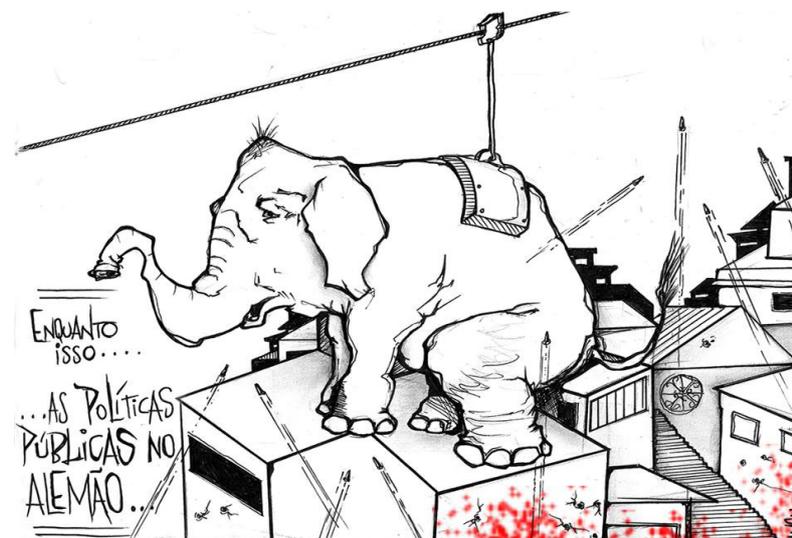


Figura 10. Charge que de crítica a às políticas públicas no Complexo do Alemão. Fonte: autoria de David Amem, morador do Complexo do Alemão, integrante do grupo Classe D de Grafite e co-fundador do Instituto Raízes em Movimento. Disponível em < <https://www.facebook.com/Classe-D-Ateli%C3%AA-de-Ideias-950892308279847/> > acesso em: outubro 2017

Dentro desse contexto é que o trabalho aqui proposto se insere. É urgente desenvolver dentro das políticas públicas de favelas esse olhar acolhedor com objetivo de prover direitos, garantir a qualidade de vida e o bem-estar dos moradores da favela. É necessário enxergar as potências que existem dentro das favelas e assumir uma postura de escuta para construir soluções mais integradas com as realidades de cada local. Nesse sentido, a urbanização deve ser colocada como elemento que pode compor essa política pública mais inclusiva e humana. Dentro dos projetos de urbanização a serem implantados nos próximos anos, é de fundamental relevância pensar na provisão de espaços livres públicos de qualidade que promovam um cotidiano favorável à fruição, às trocas sociais e que possam contribuir para a melhoria da qualidade de vida dentro da favela. E em um sentido mais amplo, o acesso a espaços livres públicos de qualidade próximos às residências significa também um importante passo importante em direção à busca pelo Direito à Cidade.

### Mudança no decorrer da pesquisa

É importante mencionar que houve um fator que modificou o andamento da pesquisa. Nos primeiros meses da realização da pesquisa (abril de 2015 a junho de 2017), o Morro do Adeus foi frequentado de forma relativamente tranquila. A partir do final de junho de 2017, começaram, frequentemente, os conflitos cotidianos no Morro do Adeus envolvendo disputa entre facções e policiais. Para além disso, algumas pessoas que estavam participando de forma colaborativa com a pesquisa e, em certa medida, legitimando nossa presença no local, precisaram se mudar em decorrência desses conflitos. Esse contexto influenciou

o andamento da pesquisa, porém foi compreendido que as etapas já realizadas da pesquisa de campo eram suficientes para a conclusão da dissertação. Contudo, ainda permanece a intenção de retomar o contato com os moradores, em um outro momento, para que o diálogo possa continuar e em seguida, seja possível a apresentação do produto desta pesquisa aos moradores do local.



## Capitães do Mato (MC Matina)

Eles já chegaram há 6 anos  
E já mostraram como nunca tratar um ser humano  
O genocídio desse século é aqui  
Na favela, na quebrada ou até na Alvorada  
Morador nesse lugar é tratado como marginal  
Todos os dias tem um de nós exterminado  
O que para eles já é normal  
A ordem já foi dada  
E aí de daquele que voltar atrás.  
Tem que abaixar a cabeça e respeitar o capataz  
Se demonstrar alforria  
Vai levar uma pisa  
Até entender  
Que estamos aqui  
Para “te proteger”  
A tocha olímpica veio e se foi  
Mas a qualidade de vida na favela  
Não chegou nem no feijão com arroz  
Passaram 6 anos e você ainda não percebeu?  
É obvio  
Que tem uma política de extermínio  
Contra a população negra, pobre, favelada  
Em todos os cantos

Poesia recitada em lugares públicos e ambientes da web.  
MC Matina é artista moradora do Morro do Adeus, Complexo do Alemão.  
Fonte: <<https://www.facebook.com/McMartinaOficial/videos/151099948708246/>>

Na página seguinte.  
Figura 11. Foto de espaço livre público construído pela intervenção do PAC - Favelas no topo do Morro do Adeus. Fonte: arquivo pessoal - pesquisa de campo.

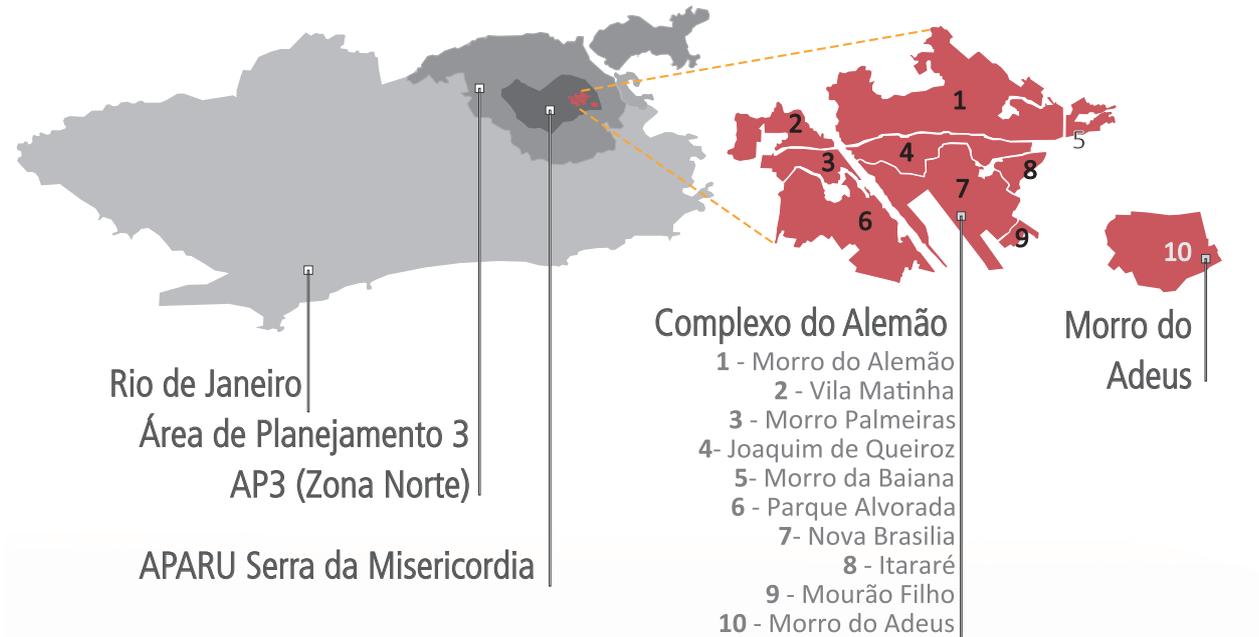


## 2.

Estudo de caso,  
problematização  
e identificação  
de dinâmicas do  
lugar

# O MORRO DO ADEUS

O estudo de caso proposto para aprofundar as questões referentes ao tema dos espaços livres públicos em projetos de urbanização de favelas foi o Morro do Adeus. Essa favela está situada na Zona Norte do Rio de Janeiro correspondente a Área de Planejamento 3 do Plano Diretor. Faz parte de um grupo de favelas que configura o Complexo do Alemão, considerado também um bairro. O bairro está inserido dentro da APARU da Serra da Misericórdia.



Poesia recitada em bat...  
públicos e ambientes o...  
Figura 12. Foto Morro do Adeus visto a partir de cabine do teleférico, Fonte: pesquisa de campo.



MAPA  
MORRO DO ADEUS  
ESC. 1/15.00

## Primeira leitura da paisagem existente

A paisagem atual do Morro do Adeus é marcada pelos elementos naturais da topografia acidentada característica de morro e por uma encosta relativamente vegetada. A presença humana marca a paisagem em duas tipologias distintas de espaço construído. Uma é composta pelas casas, ruas e comércios da favela. A outra é marcada pela intervenção do teleférico composta pela estação em si, pelos espaços públicos construídos a sua volta no topo do morro, pelas torres de sustentação dos cabos do teleférico e pelas vias de acesso à estação e às torres.

Existe uma distinção clara e bem delimitada entre os espaços construídos pela comunidade e os espaços construídos pela intervenção do teleférico. A distinção se dá principalmente pela escala e morfologia do espaço, sendo os espaços construídos pela favela mais próximos à escala humana e os novos espaços construídos pela intervenção do teleférico em dimensões monumentais. Essa distinção entre escalas se dá pela dimensão das vias, pela distância entre elementos construídos e pela dimensão da edificação e isolamento espacial da estação de teleférico no alto do morro.



Esse breve cenário é parte integrante dos elementos físicos que fazem parte da paisagem atual do Morro do Adeus. O diálogo com alguns moradores, bem como a vivência no local através da observação participativa, permitiu investigar melhor como as pessoas vêm e usam esse 'espaço'. Foi perguntado

Figura 13: Foto vista do Morro do Adeus, com edições da autora.  
Fonte: site escritório Jauregue. Disponível em : < <http://www.jauregui.arq.br/teleférico.html> >

aos moradores o que poderia ser melhorado nos espaços livres públicos do Adeus. Dentre os vários pedidos a principal, e mais recorrente, reivindicação foi a construção de pracinhas e espaços para as crianças brincarem.

Esse fato muito chamou a atenção, uma vez que foram construídas cinco pracinhas-mirante ao longo das vias de acesso à estação do teleférico do Adeus. Apesar de não haver equipamentos específicos de parquinho infantil, o espaço em teoria poderia ser apropriado pelas crianças e demais habitantes. O que faz com que esses moradores sintam falta de praças, mesmo fisicamente as pracinhas já existindo? Essa aparente contradição nos leva a considerar que por algum motivo essa população, ou parte relevante dela, não se reconhece nesses espaços. A observação do pouco uso desses espaços nas diversas visitas ao local endossa essa possibilidade.

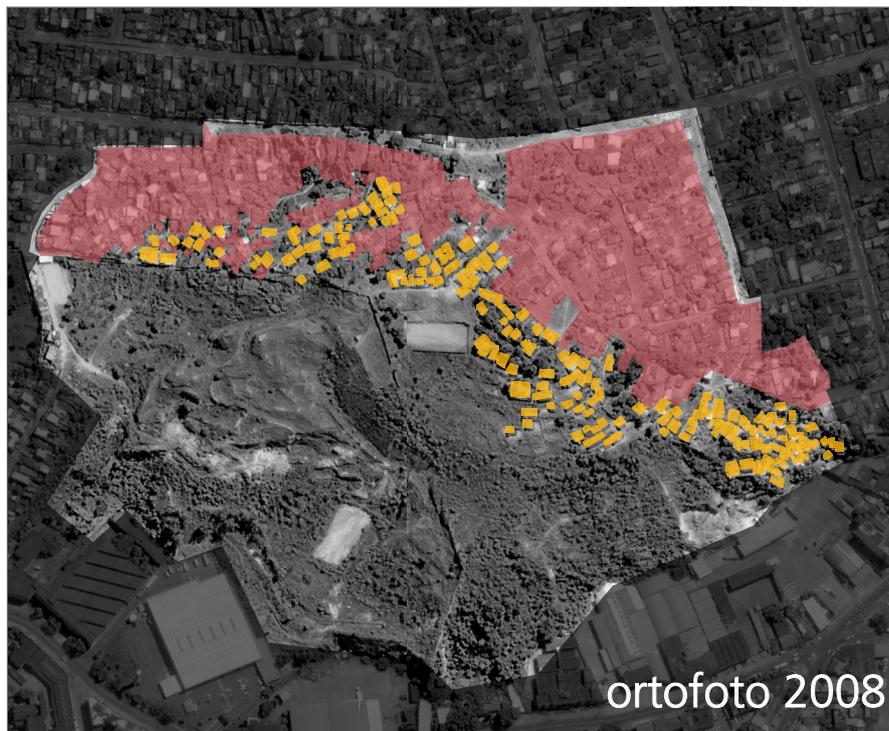


Figura 14: Ilustração pedidos moradores Morro do Adeus.  
Fonte: Produzido pela autora.

Ao perguntar para uma criança o porquê as pessoas não vão muito às pracinhas próximas ao teleférico, ela respondeu, sem pensar muito, que achava que aquelas pracinhas eram mais para as pessoas de fora que chegavam pelo teleférico. A mesma menina havia me perguntado anteriormente se eu era “gringa” (pessoa estrangeira).

Outro aspecto interessante observado nessa aproximação com a população foi que, ao caminhar pelo local na companhia de uma moradora, ela apontou ao longo do percurso vários espaços nos quais antes existiam casas de amigos e parentes. Descreveu que alguns familiares costumam chorar ao passar naqueles lugares, pois recordam de seus antigos lares. Em alguns trechos da caminhada encontramos parte de casas semi-destruídas, restando apenas piso e pedaços de parede ao relento. Os locais onde antes existiam casas se transformaram em espaços ocupados pelas pracinhas-mirante, por vegetação selvagem (mato) e pelas vias de acesso ao teleférico e às torres de sustentação dos cabos.

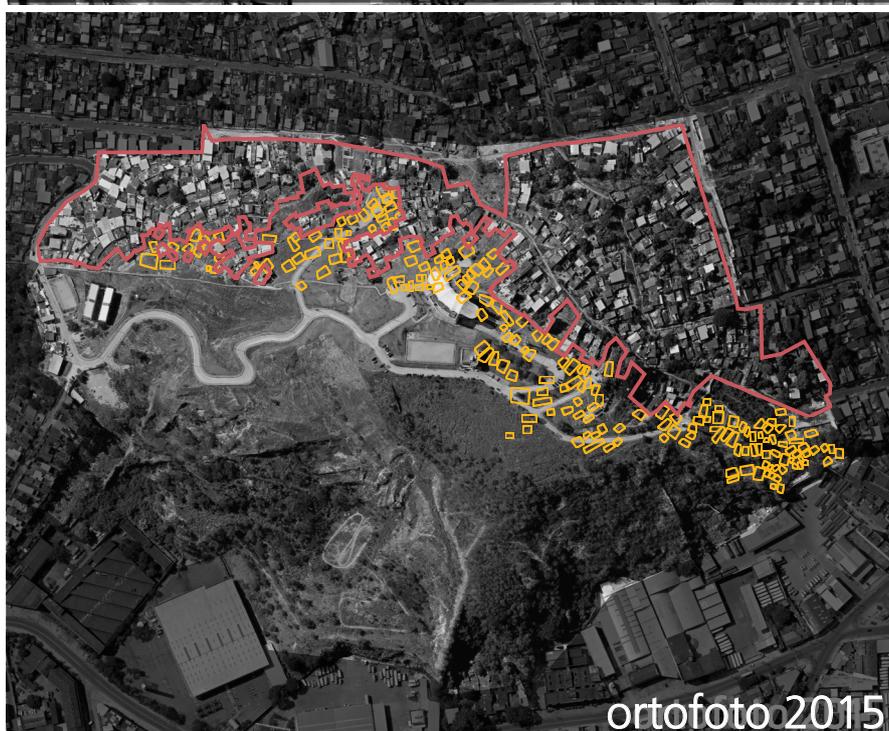
Ao comparar a imagem aérea do antes e depois da intervenção, é possível perceber a extensão do tecido urbano de casas que foi removido na intervenção. Estima-se aproximadamente 200 casas removidas. É importante perceber também que o tecido removido extrapola o que seria “estritamente necessário” para viabilizar a instalação da estação do teleférico e da principal via de acesso. O que leva concluir parcialmente que houveram mais remoções do que seria necessário pela justificativa da instalação da infraestrutura do teleférico.



ESTIMOU-SE CERCA DE 200 CASAS REMOVIDAS

CONSTRUÇÕES QUE FORAM REMOVIDAS

MALHA DE CONSTRUÇÕES QUE PERMANECEU



CONSTRUÇÕES QUE FORAM REMOVIDAS

MALHA DE CONSTRUÇÕES QUE PERMANECEU

Ainda segundo o relato dessa moradora, parte das famílias removidas foi realojada em um conjunto habitacional construído na região baixa do Morro do Adeus. Outra parte, recebeu indenização e foi se instalar em casas de favela dentro do Complexo. Outra, ainda, recebia aluguel social até a realização da entrevista. Em visita distinta, houve o relato de uma moradora que descreveu que, por estar viajando e ausente à sua casa, no período das obras de intervenção, não teve seus direitos

de moradora reconhecidos e perdeu tudo: a casa, todos os eletrodomésticos e bens pessoais.

Outro elemento importante para entender a nova dinâmica espacial estabelecida é perceber que a sede da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) fica ao lado na estação de teleférico, não apenas no Morro do Adeus, mas em todas as estações do Complexo.

ESTAÇÃO DE TELEFÉRICO DO  
MORRO DO ADEUS

SEDE DA UPP  
(Unidade de Polícia 'Pacificadora')

Figura 15: Vista topo do Morro do Adeus  
Fonte: Google Earth 3D





Pracetas -mirante  
1 - 2 - 3 - 4 - 5

Vias de acesso e  
manutenção da  
estação de e torres  
de sustentação dos  
cabos teleférico,  
construídas pela  
intervenção do  
PAC-favelas no  
Morro do Adeus

Edificações  
construídas pela  
intervenção do  
PAC-favelas no  
Morro do Adeus

Torres de  
sustentação dos  
cabos teleférico,  
construídas pela  
intervenção do  
PAC-favelas no  
Morro do Adeus

PRACETAS-MIRANTE

UPP

NOVAS VIAS  
INTERVENÇÃO  
PAC-FAVLAS

ESTAÇÃO DE  
TELEFÉRICO

1 km

MAPA ELEMENTOS  
CONSTRUÍDOS PELA  
INTERVENÇÃO  
PAC-FAVELAS NO  
MORRO DO ADEUS  
ESC. 1/15.000



Acima: Figura 16, 17 e 18: Fotos vias de acesso e manutenção da estação de e torres de sustentação dos cabos teleférico, construídas pela intervenção do PAC-Favelas no Morro do Adeus.  
Fonte: arquivo pessoal - pesquisa de campo.



Acima: Figura 19, 20 e 21: Fotos estação de teleférico do Morro do Adeus, construída pela intervenção do PAC-favelas no Morro do Adeus.  
Fonte: arquivo pessoal - pesquisa de campo.



Praceta-mirante 01



Praceta-mirante 02



Praceta-mirante 03

Acima: Figura 22, 23 e 24: Fotos pracetas-mirante, construídas pela intervenção do PAC-Favelas no Morro do Adeus.  
Fonte: arquivo pessoal - pesquisa de campo.



Ao lado direito. Figura25: Coluna de de fotos, ilustrando contexto do sistema de teleférico do Complexo do Alemão. Fonte: <http://www.jauregui.arq.br/teleferico.html>

Figura 26: Foto ilustrando contexto sistema de teleférico do Complexo do Alemão. Fonte: <http://www.jauregui.arq.br/teleferico.html>

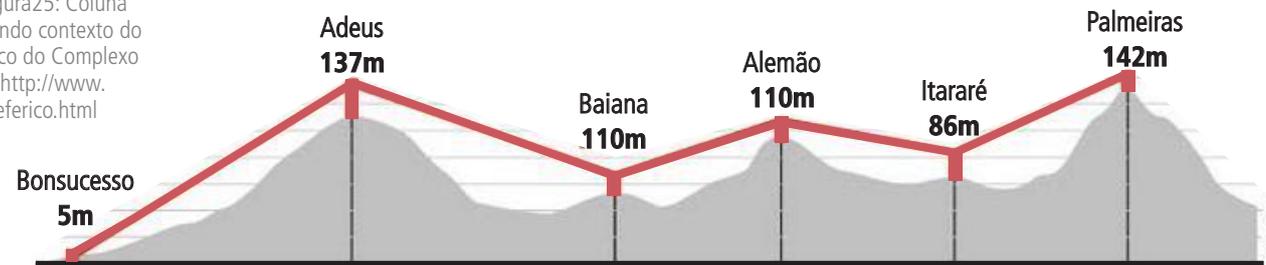


Figura 27: Ilustração alturas das estações de teleférico do Complexo do Alemão. Fonte: Adaptada pela autora a partir de imagem da web. Disponível em: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=120643475&langid=5>



Figura28: Foto Vista do Morro do Adeus a partir de cabine do teleférico do Alemão. Fonte: Arquivo pessoal pesquisa de campo com edição da autora.

# PROBLEMATIZAÇÃO

A partir dessas observações acerca do contato com os moradores e de como se configura atualmente a paisagem e o espaço do Morro do Adeus, foram elaboradas algumas hipóteses e reflexões na tentativa de compreender o porquê que esses espaços livres públicos construídos pela intervenção do PAC-Favelas são pouco reconhecidos pela população. Optei por chamar as hipóteses lançadas de 'suspeitas', pois a palavra hipótese poderia ser interpretada de forma não condizente com a ideia que se pretende neste trabalho. A palavra hipótese, em um trabalho acadêmico, poderia ser interpretada como algo que precisaria ser provado ou refutado ao final da pesquisa, mas não é esse o caso. A elaboração dessas hipóteses/suspeitas foi realizada apenas no sentido de lançar uma reflexão acerca das lógicas impressas no projeto e refletir sobre as possíveis razões da baixa apropriação dos espaços livres públicos por parte dos moradores do Adeus.

## Suspeita 01: Produção de espaços monumentais não condizente à escala local

A intervenção do PAC no local inclui não apenas a construção da estação do teleférico e torres de sustentação dos cabos aéreos, mas também a construção de vias, pracetas-mirante e sede da UPP nas imediações da estação. Observa-se que o resultado dessa intervenção produziu espaços monumentais e voltados à

lógica dos visitantes de fora, desconectados com a lógica da escala humana preexistente no local. Duarte (2015) descreve a diferença entre as lógicas espaciais entre a favela e a "cidade do asfalto":

As frequentes comparações entre as malhas viárias da cidade e da favela costumam acentuar a baixa acessibilidade da última, sobretudo em áreas de topografia acidentada. É certo que a precariedade da pavimentação, assim como a improvisação na solução dos acessos mais íngremes, contribuem para reduzir a sua eficiência. Contudo, se tivermos em conta o corpo humano como instrumento de mediação dos espaços, a acessibilidade intrínseca do traçado urbano da favela pode revelar-se bastante satisfatória, com espaços públicos construídos para as pessoas e não para carros. Tal distinção aparece tacitamente na conhecida oposição entre 'favela' e 'asfalto'. Ao identificar a cidade com o asfalto, admitimos que suas ruas largas e bem pavimentadas destinam-se preponderantemente aos automóveis. Congestionamentos, poluição ambiental, atropelamentos e colisões tornaram-se fatos corriqueiros, incorporados ao cenário 'progressista' da cidade do asfalto.

A acessibilidade das favelas deve, portanto, ser analisada frente à generosa oferta de espaços adequados e seguros para as práticas socioespaciais cotidianas. Uma espécie de 'inteligência corporal coletiva', que se traduz em competência urbanística pela racionalização dos recursos disponíveis, preside a interligação das vias na favela. As articulações entre ruas, moradias e quadras criam uma 'sintaxe espacial' perfeitamente legível, responsável pela estruturação do seu tecido urbano.

(DUARTE, 2015. p.01)

Essa sintaxe espacial foi rompida a medida que a articulação entre os elementos casa, rua e quadras é desfeita. Não existe mais proximidade e articulação entre os espaços, que ficam soltos, distantes e visualmente desconectados da identidade e morfologia espacial preexistente.

Segundo Jane Jacobs (2009) a colocação indiscriminada de espaços livres, ainda que sejam supostamente de lazer pelos urbanistas, é um grave erro. Segundo ela a crença de que eles são benéficos em qualquer situação é errônea. Ela pondera que na maioria das vezes esses espaços se tornam desertos e mal cuidados, com frequente ocorrência de atos violentos. Argumenta que o espaço mais adequado para as crianças brincarem é nas proximidades de suas casas, onde os adultos conhecidos podem supervisioná-las enquanto trocam ideias informalmente com seus vizinhos, onde o lazer surge entre uma atividade e outra sem a necessidade do deslocamento. Segundo a autora, os espaços de lazer são importantes para vitalidade dos bairros, mas devem ser colocados em lugares que já são bastante movimentados, durante várias horas do dia, devido a diversidade de usos do entorno.

### Suspeita 02: Memória das remoções como barreira simbólica para a recriação de sentimento de pertencimento

O fato da intervenção ter removido considerável tecido urbano de casas onde residiam amigos e familiares dos atuais moradores, pode ter provocado um sentimento de que o espaço que foi implantado no lugar dessas remoções não foi feito para aquela comunidade. Nesse sentido, pode haver um ressentimento na memória coletiva da população provocado por essas remoções.

O fato de ter sido verificado que as remoções realizadas ultrapassam o que seria o “estritamente necessário” para

implantar a estação do teleférico aponta para a possibilidade de que essa intervenção ainda esteja fortemente influenciada pela mentalidade higienista e remocionista, que marcou a maior parte da história das intervenções em favelas. No Brasil e no Rio de Janeiro, ainda é muito presente, no imaginário coletivo e nas políticas públicas, a visão estigmatizada de que as favelas deveriam ser exterminadas e substituídas por conjuntos habitacionais, dentro da lógica funcionalista do urbanismo moderno.

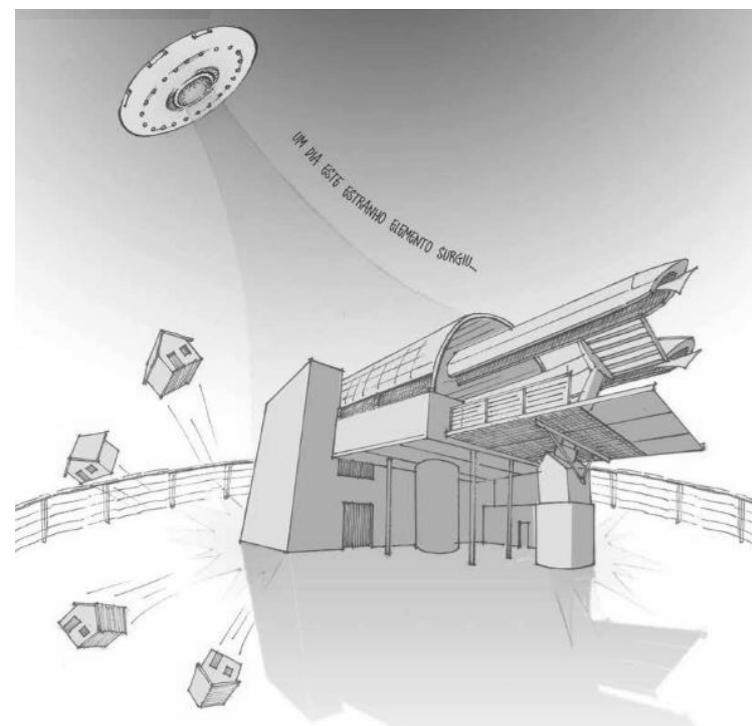


Figura 29: Ilustração em quadrinho acerca da instalação do teleférico no Morro da Providência, demonstrando o caráter remocionista das instalações dos teleféricos nas favelas cariocas. Frase escrita no quadrinho: “Um dia este estranho elemento surgiu...”  
Autoria: Rafael Dias Fonseca. Fonte: FONSECA, 2015.

### Suspeita 03: Criação de espaços de controle policial como inibidores da espontaneidade no uso do espaço público

A instalação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP) de forma simultânea às intervenções urbanas faz parte de uma estratégia de estabelecimento de uma nova ordem de poder que busca se sobrepor às ordens de poder não oficiais. A omissão do poder público durante décadas tornou as favelas no Rio de Janeiro espaços onde o tráfico de drogas encontrou possibilidade de articulação, ainda que a maior parte dos moradores não tenha envolvimento direto com o tráfico estabelecido. No contexto de “guerra às drogas”, as políticas urbanas aliam intervenção urbana às ações policiais que buscam exercer uma nova ordem de poder e controle no local. Dessa forma, os espaços resultantes das ações urbanizadoras, nesse contexto, se tornam espaços de “panóptico” potencialmente opressores. Em grande parte das vezes, a atuação da polícia está impregnada da visão estigmatizada de que qualquer morador da favela é potencialmente um bandido, envolvido com o tráfico. Nesse contexto, são muitas as situações de violação de Direitos Humanos, abuso do poder e assassinato de moradores inocentes por policiais.

Na história da prática do urbanismo, a criação de espaços vazios em tecidos urbanos anteriormente densos com a finalidade (velada ou declarada) de geração de espaços de controle e poder bélico sob a justificativa da salubridade e beleza da cidade não é uma novidade:

O urbanismo de Hausman, homem desse estado bonapartista que erige sobre a sociedade afim de tratá-la cinicamente (e não apenas como a arena) das lutas pelo poder, substitui as ruas

tortuosas mais vivas por longas avenidas, os bairros sórdidos mais animados por bairros aburguesados. Se ele abre boulevards, se arranja espaços vazios, não é pela beleza das perspectivas. É para “penetrar Paris com as metralhadoras” (LEFEBVRE, 2001, p. 23)

Na citação acima, Lefebvre reflete sobre o autoritarismo que estava por trás do urbanismo haussmaniano da França bonapartista, justificado pela beleza e progresso dos boulevards parisienses. Embora o célebre marco da gestão de Pereira Passos, no início dos anos 1900, tenha sido o exemplo mais clássico da aplicação desse pensamento urbanístico embelezador e higienista, não se pode considerar que, nos dias atuais, a forma higienista de intervir nas cidades tenha sido completamente superada, principalmente quando se trata da atuação em projetos de urbanização de favelas.

Duarte (2010) sugere uma mudança de paradigma em relação ao enfrentamento da problemática da violência urbana. Aponta, nesse sentido, que a população da favela, em sua maioria desvinculada das atividades do tráfico, é a mais interessada no combate a violência urbana, portanto ela deve ser considerada uma importante aliada.

A preconceituosa e desinformada associação entre violência e favela constitui um grande obstáculo na busca de soluções eficazes e duradouras para o problema. O longo aprendizado acumulado pela cidade demonstra o equívoco representado pela ideia de que para se acabar com o narcotráfico se faz necessário eliminar as favelas ou, ainda, que será possível combater a desigualdade social com a força policial e a construção de novos presídios de segurança máxima. Os moradores das favelas são, ao contrário, os maiores interessados no fim da violência, já que constituem o segmento da população mais diretamente atingido por suas consequências

nefastas. Tal condição faz destas populações nossos principais aliados na luta contra a violência perpetrada não apenas pelo tráfico de drogas e armamentos, mas também e sobretudo, pelo próprio sistema econômico. (DUARTE, 2010, p.70)

Se o lucrativo mercado de drogas se instala no território das favelas (espaços urbanos que já existiam antes da entrada tráfico), certamente foi pela negação de direitos a essa população e pela ausência e omissão do estado para com esses espaços físicos e sociais. A insistência da ação do poder público com a lógica de negação de direitos tende a agravar a problemática. Nesse caso, negando inclusive o direito primordial à vida de sujeitos que são condenados à pena de morte sem qualquer julgamento.

A figura 30 a seguir ilustra a maneira como, no imaginário da população, existe uma associação direta entre a instalação do teleférico no Complexo do Alemão e a violência policial criminosa a partir da inserção das UPP's. A charge aborda o caso de uma criança de dez anos morta arbitrariamente por um policial militar, na porta de sua casa, a tiro de fuzil na cabeça em abril de 2015. A alusão de caixões circulando como se fossem as cabines do teleférico, que se direcionam à estação em forma de caveira, deixa evidente a ideia de que a violência policial da UPP e a instalação do teleférico estão diretamente relacionadas na percepção do espaço pelos moradores. A figura 31 a seguir demonstra como a população entende o poder Estatal na favela. A charge denuncia que o Estado não entra na favela no sentido de prover direitos, mas sim para apontar a arma na cabeça da população.



Figura 30: Charge acerca da morte do menino Eduardo Ferreira. Autoria: Carlos Latuf. Fonte: <<http://consciencia.net/hoje-o-eduardo-foi-morto-no-complexo-do-alemao/>> acesso em: outubro de 2016.



Figura 31: Charge acerca da repressão policial nas favelas e a estatização do jovem favelado. Autoria: Carlos Latuf. Fonte: <<http://www.imparesonline.com.br/2013/09/segu-ranca-publica-ou-guerra-contra.html>> acesso em: outubro de 2016.

Sabrina Matina, artista moradora do Morro do Adeus, escreve versos acerca do cotidiano de violência do lugar como forma de resistência. Ela se apresenta em transportes públicos e eventos de arte e poesia da cidade para dar visibilidade à problemática:

Não quero falar de guerra  
(MC Matina)

Não quero falar de guerra, mas é isso que me cerca  
Quase não fui estudar hoje porque não dá para andar pela favela  
Foi dito há sete anos atrás que era pela paz  
Hoje me pego lendo post de menino doce com medo, receio e  
agonia  
Chorando no colo de sua mãe, pedindo por favor  
Me salva dessa covardia  
Moradores agoniados, comércios fechados e pracinhas vazias  
Casas metralhadas como se fossem tiro ao alvo  
É sério!  
Como posso dar bom dia?  
Faz silêncio na favela, mas a trilha sonora ainda é de tiro  
Se eu pedir paz vocês mandam bala  
Então eu peço compaixão  
Compaixão para o moleque que foi ali rapidinho comprar o pão  
Para a tia que tá indo trabalhar porque é mãe solteira  
E para a menozada que tá doida para voltar a estudar segunda-feira  
E se ainda não for suficiente  
Vai morrendo cada vez mais gente  
E aí?  
O que será dos nossos descendentes?  
(MATINA, 2017)

Nessa letra, a MC revela a forma como se sente acuada com a ação da polícia no seu dia a dia e como esse contexto de violência afeta as atividades cotidianas da cidade como o comércio local, a ida das crianças à escola, etc. Vale destacar também o verso sobre as pracinhas vazias, relacionando diretamente a fala da artista com o tema da utilização de espaços livres públicos abordado neste trabalho.

#### Suspeita 04: Intenção de tornar o Morro do Adeus um ponto turístico

No contexto da globalização, a cidade do Rio de Janeiro está inserida em um cenário competitivo de disputa por investimentos e pela busca da afirmação e reafirmação da cidade como um dos principais destinos turísticos no âmbito nacional e internacional. Nesse sentido, a escolha da cidade para sediar os megaeventos - Copa do Mundo e Jogos Olímpicos - acirrou ainda mais os processos de transformação urbana voltados para a produção de espaços que possam ser “consumidos” pelo público turístico.

Nos últimos anos, a paisagem da favela tem sido divulgada e vendida como cenário exótico e berço da rica diversidade cultural brasileira. Nesse contexto, existe uma gama de ofertas de pacotes de passeios turísticos às favelas no Rio de Janeiro. A paisagem do Complexo do Alemão composta pelas casas nas encostas e pela Serra da Misericórdia como pano de fundo é bastante impressionante e atraente. É provável que a construção do teleférico no Complexo do Alemão tenha tido a pretensão de promover o lugar como mais um importante ponto turístico da cidade.

Ainda que o discurso vendido pelo turismo em favela seja de uma possível troca cultural entre os visitantes e a população, a forma como a intervenção foi implantada no Morro do Adeus nega essa possibilidade. A intervenção realizada favorece uma forma de turismo que exotiza o espaço da favela e desrespeita a população. O visitante não entra em contato com o ambiente social da favela, ao contrário, de dentro de uma cápsula fechada (cabine do teleférico), distanciada de 20 metros do chão, o outsider avista as casas, devassando a intimidade das pessoas do alto. Todo o espaço de visitação (entorno da estação do teleférico) é marcado pelo controle e coibição da população local pela UPP, sediada próxima estação. Pinheiro (2016) pesquisador do instituto Raízes em Movimento e morador do Complexo denuncia um “turismo de zoológico humano” e nega que o teleférico tenha sido implantado para mobilidade dos moradores da favela. O mesmo autor ressignificou ironicamente a sigla UPP para “Unidade de Porrada nos Pretos” (PINHEIRO, 2016, p.230)



Figura 32: Foto de turistas utilizando o sistema de teleférico no Complexo do Alemão para fim de passeio. Fonte: site da revista trip UOL. Disponível em <<https://revistatrip.uol.com.br/trip/conexao-morro-asfalto>> acesso em: outubro de 2017.

A manchete a seguir publicada, em julho de 2015, pelo site de notícias da UOL confirma que o teleférico teve o interesse em promover o turismo no local.

## UOL notícias Cotidiano

ÚLTIMAS ▾ SEU ESTADO ▾ CIÊNCIA E SAÚDE ▾ ELEIÇÕES 2016 ▾ ECONOMIA ▾ INTER ▾ JORNAIS

### Em 4 anos, teleférico do Alemão fracassa para o turismo e para o transporte 86

Hanrikson de Andrade  
Do UOL, no Rio 05/07/2015 | 06h00



Ouvir texto

Imprimir

Comunicar erro



Figura 33: Manchete UOL notícias. Fonte: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/07/05/deficitario-teleferico-no-alemao-rj-e-visto-com-desinteresse-apos-4-anos.htm#fotoNav=4>> acesso em: outubro de 2016.

Esse caráter da intervenção sinaliza uma lógica de imposição de interesses externos ao lugar, não tendo como princípio a melhoria da qualidade de vida local, mas a subordinação da lógica local a uma lógica externa e global de ‘produtificação’ dos espaços. O fato de o Morro do Adeus ser a primeira parada do circuito

de cinco estações do Complexo, torna ainda mais provável essa hipótese/suspeita. A lógica de construção do projeto que foi implantado, no qual várias casas foram removidas para dar lugar a vazios contemplativos compostos por pracetas-mirante valorizando as belas visuais, torna ainda mais evidente que essa lógica é exógena ao local.

Lefebvre chama a atenção para essa nova ordem urbana global, à qual a cidade contemporânea pós-industrial se submete, em que a obra é substituída pelo produto, o valor de uso é substituído pelo valor de troca. “A cidade e a realidade urbana dependem do valor de uso. O valor de troca e a generalização da mercadoria pela industrialização tendem a destruir, ao subordiná-las a si”. (LEFEBVRE, 2001, p. 14). O autor coloca ainda:

Através das diversas tendências esboça-se uma estratégia global (isto é, um sistema unitário e urbanismo já total). Uns farão entrar para prática e concretização em ato a sociedade de consumo dirigida. Construirão não apenas centros comerciais como também centros de consumo privilegiados: a cidade renovada. Imporão, tornando-a legível, uma ideologia da felicidade através do consumo, a alegria através do urbanismo adaptado à sua nova missão. (...) Todas as condições se reúnem assim para que exista uma dominação perfeita para uma exploração apurada das pessoas, ao mesmo tempo como produtores, como consumidores de produtos, como consumidores de espaço. (LEFEBVRE, 2001, p. 33-33)

As evidências indicam que a lógica do espaço construído para ser consumido subiu os morros cariocas. Esse processo não ocorre de forma isolada, está orquestrado com várias outras ações que buscam promover turisticamente a cidade dita “maravilhosa”. Durante o contato com a população, uma das crianças mencionou: “essas praças são para as pessoas que

chegam de fora”. Porém, o objetivo de tornar as paradas do teleférico do Complexo do Alemão pontos turísticos da cidade nunca se consolidou, devido aos crescentes conflitos e tiroteios no local envolvendo facções criminosas e policiais. Nesse sentido, as unidades policiais instaladas pouco ou nada tiveram de pacificadoras.

Seria mais coerente investir em uma intervenção que tivesse como prioridade ao valor de uso dos espaços através de uma urbanização pensada a partir das necessidades locais, respeitando as preexistências e dialogando com morfologia espacial existente no local. Os níveis de violência de um lugar estão geralmente relacionados ao nível bem-estar da população. Nessa perspectiva, investir na qualidade de vida é também investir na diminuição da violência urbana.

### Suspeita 05: Geração de vazio de usos e consequente destruição da urbanidade.

A remoção de todo o tecido urbano de casas e comércios no topo do Morro do Adeus, para instalação da estação do teleférico e espaços livres em seu entorno, provocou um enorme vazio de usos nessa porção do território. Tornou o espaço “monofuncional”, sem a diversidade de usos que existia anteriormente. O uso do equipamento – teleférico – não é suficiente para dar vida ao local. Quando a pesquisa começou, em 2015, dentro da estação do teleférico funcionavam banheiros públicos e um banco, mas também existiam algumas salas ociosas. No período de conclusão dessa pesquisa (2017), a edificação estava fechada, sem qualquer uso. O projeto inicial previa a construção de uma

biblioteca nas proximidades da estação de teleférico, porém ela nunca foi construída.

Vale esclarecer, de forma sucinta, neste tópico o que viria a ser o conceito de urbanidade. Embora haja diferentes abordagens pelos autores, de uma forma geral, o termo urbanidade está relacionado à vitalidade urbana caracterizada por espaços públicos cheio de pessoas transitando, realizando trocas e interações sociais.

Essa qualidade de urbanidade é mensurada e enfatizada pelos autores sob diferentes aspectos: o quão as pessoas se sentem seguras (Jacobs, 2009 ; Andrade, 2010), o quão se sentem acolhidas pela escala dos lugares (Gehl, 2012) e o quão se sentem à vontade e convidadas a interagir socialmente no espaço (Andrade, 2010; Jacobs; 2009).

Segundo Jacobs, a diversidade de usos é uma das características mais essenciais para vitalidade urbana e qualidade do espaço:

(...) Nas cidades precisamos de todos os tipos de diversidade, intrinsecamente combinados e mutuamente sustentados. Isso é necessário para que a vida urbana funcione adequada e construtivamente, de modo que a população das cidades possa preservar (e desenvolver ainda mais) a sociedade e a civilização. (...) (JACOBS, 2009, p.267)

Para compreender as cidades, precisamos admitir de imediato, como fenômeno fundamental as combinações ou misturas de usos, não os usos separados.(...) (JACOBS, 2009, p.158)

A recente paralisação do funcionamento do teleférico no dia quatorze de outubro de 2016 torna o espaço ainda mais vazio e obsoleto. O fechamento das estações ocorreu devido à falta de

pagamento do Estado para o consórcio Rio Teleféricos desde abril e até o presente momento (2017) não há previsão de retorno.

### Suspeita 06: Espaços livres públicos construídos pouco convidativos, fragmentados e não acolhedores

A conformação espacial dos espaços livres construídos pela intervenção do PAC no Adeus gerou espaços indefinidos, fragmentados e com vários problemas em relação a qualidade ambiental e condição de permeância dos usuários.

As cinco pracetas-mirante existentes atualmente são caracterizadas por uma pequena superfície cimentada, sem a presença de vegetação ou árvore de sombra. As superfícies das pracetas estão implantadas próximas a áreas de encostas vegetadas, no entanto essa vegetação tampouco possui árvores que gerem sombra nas pracetas. Seu mobiliário urbano é pouco convidativo e já está relativamente degradado. As pracetas encontram-se cercadas por guarda-corpos metálicos que segregam a área cimentada da área vegetada. A disposição dessas pequenas áreas cimentadas no território tampouco proporciona uma integração visual entre elas. As pracetas estão dispostas relativamente distantes e em cotas mais altas em relação a maior parte das casas do Adeus, isso também não favorece o uso desses espaços no cotidiano.

**Praceta-mirante 01:** A praceta-mirante 01 é a única que possui um rasgo no piso onde há uma árvore plantada, mas ela ainda não possui porte suficiente para dar sombra. Há duas mesinhas de concreto e lixeira como mobiliário urbano. A praceta 01 está contígua à via de acesso ao teleférico e é a praceta mais distante



Figura 34: Foto pracetamirante 01. Fonte: arquivo pessoal pesquisa de campo.

das casas da favela. Nas visitas ao local, essa pracetamirante nunca foi observada sendo utilizada pelos moradores. Aparentemente, o seu principal uso é para o estacionamento de veículos.

**Pracetamirante 02:** De todas as pracetas-mirante, a pracetamirante 02 foi encontrada mais vezes sendo utilizada pela população. Embora tenha sido observado que a sua utilização está fortemente condicionada a questão climática. O espaço foi encontrado vazio em vários dias. Apenas em dias nublados, mas sem chuva, foi observado alguma utilização (as duas fotos ilustram a diferença dos cenários de utilização influenciados pelo clima). É provável que isso ocorra pelo fato de que a pracetamirante 02 não possui espaços sombreados.

A partir da observação participativa, estima-se que sua maior utilização em relação às outras está relacionada a dois fatores:

1. A praça é uma das mais próximas das casas existentes e há um caminho, entre as casas próximas, que leva diretamente a essa pracetamirante



Figura 35: Foto pracetamirante 02 em dia de sol. Fonte: arquivo pessoal pesquisa de campo.



Figura 36: Foto pracetamirante 02 em dia nublado. Fonte: arquivo pessoal pesquisa de campo.

2. O mobiliário, que originalmente seria para malhação, é reinventado pelas crianças como brinquedos de um parquinho. Embora relativamente deteriorados, os elementos metálicos instalados são escalados pelas as crianças que se penduram de ponta cabeça e os guarda-corpos tornam-se barra de equilíbrio.

Essa observação confirma o que foi dito nas entrevistas por adultos e crianças, que o Morro do Adeus carece de espaços lúdicos de brincadeira para as crianças. Com tanto investimento público feito no local, esse tipo de equipamento urbano tão singelo não entrou no programa. Configura-se, dessa forma, mais uma evidência que a intervenção realizada não ouviu a população local.

Outro aspecto importante desse espaço é a vista. Embora todas as praças tenham esse caráter de mirante, a partir dessa praça, em especial, é possível assistir um impressionante pôr do sol, que alaranja o céu e o cenário de casas do Complexo do Alemão. O conjunto montanhoso da Serra da Misericórdia



Figura37 : Foto praça-mirante 02 em dia nublado- crianças brincando em mobiliário de malhação. Fonte: arquivo pessoal pesquisa de campo.

contribui para o cenário, sendo o local onde o sol se esconde após o entardecer.

**Praceta-mirante 3:** A praça-mirante 3 encontra-se contígua a uma das entradas da estação do teleférico, não possui árvores,



Figuras 38 e 39: Fotos praça-mirante 03 em período que teleférico ainda funcionava (junho 2015). Fonte: arquivo pessoal pesquisa de campo.

mas em determinadas horas do dia a edificação do teleférico sombreia o espaço. Seus únicos mobiliários, assim como a praça 01, são mesinhas de concreto e lixeiras.

Observou-se durante a realização desta pesquisa que enquanto o teleférico ainda estava em funcionamento havia alguma utilização dessa praça. Não era uma utilização intensa, mas algumas poucas vezes foi visto crianças andando de bicicleta e patinete. Após a paralisação do funcionamento do teleférico (outubro de 2015) o espaço encontra-se ainda mais abandonado e inóspito. Essa observação mostra que a utilização desse espaço estava diretamente relacionada à sensação de haver movimento e circulação de pessoas. As crianças de patinete não iriam utilizar o teleférico, mas a sensação de que estariam em um lugar onde há movimento de pessoas influenciava a utilização do espaço.

Para Jan Gehl (2013, p.239) um espaço público confortável, capaz de atrair pessoas, deve possuir “oportunidades de aproveitar aspectos positivos do clima” e diversas “oportunidades para sentar-se”. Dessa forma, constata-se que os espaços analisados não possuem essas características, sendo essa mais uma possível explicação do porquê esses espaços são tão pouco utilizados pela população.

Além das praças-mirante, as vias implantadas pela intervenção são elementos que talvez sejam ainda mais marcantes no espaço construído pelo PAC. Essas vias foram construídas a partir de uma lógica totalmente distanciada da morfologia do lugar e da vida urbana da favela. As vias possuem uma configuração que privilegia o carro, as calçadas são estreitas e o desenho das vias não estabelece relação com os elementos construídos. Não há

sombra, não há usos urbanos ao longo das vias.

Utilizando uma metáfora poderíamos dizer que esses elementos construídos são vias, mas não são ruas. As ruas de uma cidade em seu significado mais amplo, além de permitir a circulação (de pessoas e veículos) também interage com as edificações, com os espaços sociais e se tornam também lugar de encontro e trocas sociais.

Para J. Jacobs (2009, p. 29), “as ruas são os principais locais públicos de uma cidade, seus órgãos mais vitais”. A autora também enfatiza a importância da relação entre as ruas e os espaços públicos com as edificações de usos diversificados. Vogel e Mello, na obra “Quando a Rua Vira Casa” (2017), descrevem a relação de gradação entre o público (externo) e o privado (íntimo-interno), apontando que “quanto mais portas se abrem para a calçada, tanto mais completamente o espaço público é passível de apropriação” (VOGEL E MELLO, 2017, p.76).

Nas vezes que subi o morro de mototáxi, após a paralisação do teleférico, os mototaxistas sempre faziam o comentário: “Aqui é esquisito, né? ”, quando o caminho era pela nova via construída do PAC. Uma vez perguntei: “Por que você acha esquisito? ” Ele respondeu: “Não tem nada, só mato!”. Dessa forma, é possível notar que há uma falta de referência espacial, uma indefinição do espaço.

### Diretrizes iniciais de projeto a partir da problematização

As Suspeitas (Hipóteses), acima formuladas, buscam lançar questões em relação a prática de urbanização de favelas na

atualidade. Através da análise do espaço e do contato com os moradores, lança-se a hipótese-síntese de que a urbanização promovida pelo PAC no local ainda está fortemente ligada a uma ideologia higienista e atende a lógicas exógenas ao lugar como o turismo e a visibilidade externa da mega-infraestrutura implantada. A forma dessa intervenção se implantar valorizou os espaços monumentais em detrimento do diálogo com a morfologia local e escala espacial da favela.

Nessa perspectiva, é importante ressaltar que, para além de reconhecer a importância de consolidar as políticas de urbanização de favelas, é essencial observar quais lógicas estão sendo impressas nessas intervenções e em que medida essas modificações no espaço da favela estão contribuindo efetivamente para a melhoria da qualidade de vida dos moradores.

Para Lefebvre (2001), a cidade deve ser o lugar da festa e do encontro dos diferentes. A intervenção de urbanização associada à criação de vazios monumentais, “monofuncionais” e que ainda se tornam espaços de controle policial, contribui para a destruição de uma urbanidade preexistente no lugar. O cenário almejado seria que a intervenção urbana, ao contrário, pudesse contribuir para o florescimento da vida urbana nos espaços públicos da favela.

Com base nessa análise inicial, apontamos algumas diretrizes que, além de servirem de parâmetros iniciais para etapa de Ensaio Projetual desta dissertação, podem também contribuir no debate acerca do tema urbanização de favelas:

1. Os espaços livres públicos devem ter relação de proximidade e conexão a usos diversos e cotidianos;
2. A lógica da intervenção deve atender prioritariamente às necessidades endógenas do local, devendo ser respeitado o valor de uso legítimo da população;
3. As intervenções devem prezar pela permanência da população e melhoria da qualidade dos espaços urbanos, buscando a remoção mínima ou a não remoção;
4. As intervenções em favelas devem ampliar direitos, minimizar estigmas e melhorar a qualidade de vida da população;
5. Os usos diversos preexistentes, para além do uso habitacional, devem ser reconhecidos, mantidos, incentivados e incorporados à lógica da intervenção, como por exemplo: comércios, serviços, templos religiosos, etc;
6. Os espaços livres públicos devem promover a liberdade para manifestações culturais e trocas sociais;
7. Os projetos em favelas devem promover a continuidade do tecido urbano, respeitando a escala humana presente na morfologia da paisagem da favela e inserir, na escala local, espaços públicos de qualidade que possam promover práticas socioespaciais cotidianas de lazer e bem estar.

## Projeto com lógicas exógenas



## Projeto com lógicas endógenas



# IDENTIFICAÇÃO DE DINÂMICAS DO LUGAR

Ao mesmo tempo em que foram observadas essas questões levantadas na problematização, buscou-se também identificar, durante a pesquisa de campo, dinâmicas locais que apontassem aspectos positivos que pudessem contribuir na proposição futura. Nesse sentido, enquanto na primeira parte deste capítulo foram reunidas informações e reflexões que problematizam o aspecto da baixa apropriação dos espaços livres públicos construídos pelo PAC no Morro do Adeus, nesta segunda parte, estão reunidas informações consideradas relevantes para pensar as propostas para uma intervenção futura. Essa etapa também teve como principal fonte a pesquisa de campo, o contato e escuta da população.

## O Bar da Anália e a Torre 8

O Bar da Anália ficava de frente para uma área de retorno de carros onde uma das torres de sustentação dos cabos do teleférico, a Torre 8, está inserida. Essa área de retorno chamada tecnicamente de "cul-de-sac" ou rôtula, embora seja uma

estrutura totalmente construída para os carros, as pessoas utilizam o espaço como uma praça. O Bar da Anália, bem como um outro bar que abriu ao lado (também de frente para a rótula), estavam sempre cheios de moradores sentados bebendo cerveja enquanto as crianças brincavam por perto. Esse cenário de vitalidade acontecia sobretudo durante os finais de semana e feriados.

A Anália funcionava como uma “figura pública do cotidiano” (JACOBS, 2009), embora não assumia postura de liderança em nenhuma instituição, todos por perto a conheciam. Ela organizava em seu bar festividades da comunidade como dia das mães, dia dos pais, festas juninas etc. A Anália foi uma das moradoras que contribuiu com a pesquisa nos acompanhando em caminhadas pelo Morro do Adeus e mediando um primeiro contato com outros moradores.

A confiança na rua forma-se com o tempo a partir de inúmeros pequenos contatos públicos nas calçadas. Ela nasce de pessoas que param no bar para tomar uma cerveja, que recebem conselhos do merceiro e dão conselhos ao jornaleiro, que cotejam opiniões com outros fregueses na padaria e dão bom dia aos garotos que bebem refrigerante a porta de casa, de olho nas meninas enquanto esperam ser chamados para o jantar, que advertem as crianças, que ouvem do sujeito da loja de ferragens que há um emprego e pegam um dólar emprestado com o farmacêutico, que admiram os bebês novos e confirmam que um casaco realmente desbotou. (...) Grande parte desses contactos é absolutamente trivial, mas a soma de tudo não é nem um pouco trivial. A soma desses contactos públicos no âmbito local (...) resulta na compreensão da identidade pública das pessoas, uma rede de respeito e confiança mútuos e um apoio eventual na dificuldade pessoal ou da vizinhança. (...) (JACOBS, 2009, p.60)

Infelizmente, durante a realização da pesquisa, esse cenário de

tranquilidade e vitalidade urbana cotidiana foi abalado. No final do mês de junho de 2017 começaram a haver disputas entre facções. A facção que dominava a maior parte do Complexo do Alemão começou as investidas para comandar o Adeus. Nesse contexto, o cenário de tranquilidade que perdurou durante os primeiros meses de realização da pesquisa foi abalado. A dinâmica do lugar mudou e com isso a utilização dos espaços livres públicos foi abalada.

Pesquisando sobre o passado do Morro do Adeus, foi percebido que essa disputa entre facções é histórica. Estando sempre em uma alternância de facções. Essa questão histórica não será aprofundada nesse trabalho, mas vale considerar que esses fatos, sem dúvida, influenciam na utilização dos espaços livres públicos.

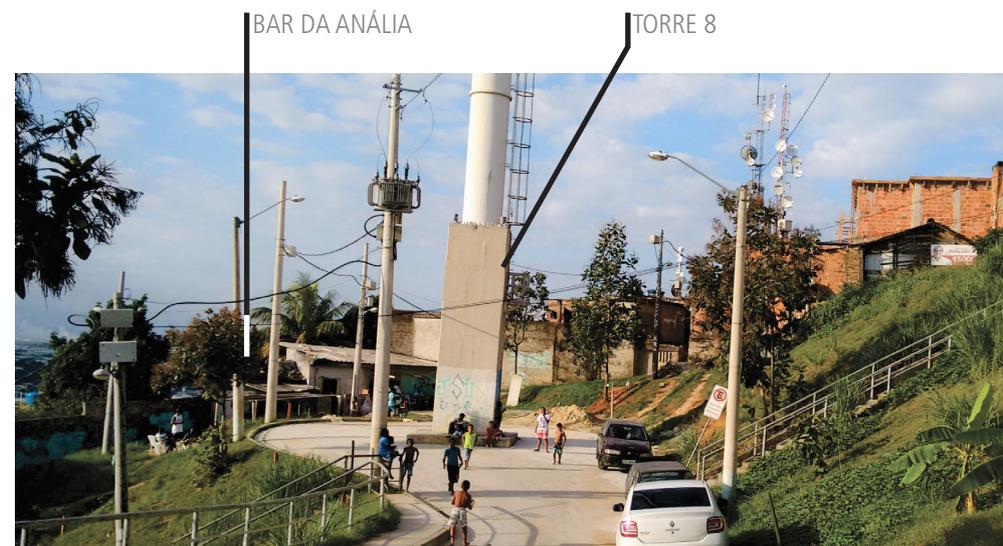


Figura 40: Foto Torre 8 e Bar da Anália ao fundo.  
Fonte: arquivo pessoal - pesquisa de campo.

Vale ressaltar que antes desse ocorrido, o lugar foi frequentado entre abril de 2016 a junho de 2017 e notou-se um cenário de tranquilidade. Essa constatação serve para contrapor a ideia que os meios de comunicação hegemônicos passam acerca favela, fazendo parecer que a favela é um lugar que “por natureza” tem um cotidiano violento. Na pesquisa de campo deste trabalho, verificou-se que o cotidiano mais comum na favela é marcado pela convivência harmoniosa entre os moradores.

## 2. O Viveiro da CEDAE no Adeus

Outro importante contato feito durante a pesquisa de campo foi com o viveiro da CEDADE, instalado no local. O viveiro realiza atividades de plantio de espécies da Mata Atlântica com o objetivo de vegetar as encostas do Morro.

Durante a pesquisa de campo, participei de algumas atividades de plantio e conscientização ambiental realizadas pelo viveiro juntamente com escolas próximas. A Escola Olga Benário demonstrou ser a instituição em que essa parceria – viveiro/escola, encontrava-se mais consolidada.

Para além da participação desses eventos promovidos pelo viveiro, o diálogo com alguns dos funcionários do viveiro também foi considerado. O Maxoel (Max) não é morador do Adeus, mas é um dos funcionários mais empolgados com a realização das atividades do viveiro, é o articulador da parceria com as escolas. Essa parceria potencializa o importante caráter da educação ambiental das atividades do viveiro. A Denise, que mora no Adeus e também trabalha no viveiro, contribui para

uma maior integração entre o viveiro e os moradores do entorno mais imediato.

Os funcionários do viveiro relataram sentir falta de uma sala maior que possa funcionar como sala de aula para melhor desenvolver as aulas de educação ambiental. A ideia seria fazer um viveiro escola. Já existe uma lista de filmes selecionados sobre educação ambiental com os quais se desejaria fazer atividades de cine debate.

A infraestrutura implantada na edificação do viveiro dá suporte às etapas: Semeadura, Casa de Sombra/Repicagem e Rustificação. As imagens a seguir ilustram essas etapas realizadas em uma atividade com alunos de ensino médio da escola Olga Benário.



VIVEIRO  
DA CEDAE

Figura41: Foto Viveiro da CEDAE a partir de cabine do teleférico. Fonte: arquivo pessoal pesquisa de campo.



A partir desse contato com o viveiro e seus funcionários, foram identificadas algumas fragilidades e potencialidades. Mas vale ressaltar que a presença e o funcionamento do viveiro no Morro do Adeus é de grande importância. A indicação das fragilidades e potencialidades a seguir possui apenas o intuito de abrir a possibilidade de um diálogo construtivo e interdisciplinar.

## **2.1. Fragilidades:**

### **A. Fragilidade em relação a compreensão e envolvimento dos moradores nas atividades do plantio**

Segundo relato dos funcionários, já ocorreram situações em que no dia seguinte de uma atividade de plantio, as mudas foram, supostamente, arrancadas do local por moradores. Com isso, percebe-se que não existe uma total compreensão e/ou aproximação dos moradores com as atividades do viveiro.

Em um dia em que fiz um caminho diferente para ir ao Adeus, precisei perguntar para moradores e comerciantes locais onde se localizava o viveiro. Vários dos comerciantes e moradores responderam não saber da existência de um viveiro de mudas no Morro do Adeus. Esse ocorrido sinaliza um outro indício da fragilidade na relação à interação entre o viveiro e a população do Morro do Adeus. Embora o viveiro realize atividades com a escola mais próxima, esse contato não garante o envolvimento da população do Adeus propriamente dita, pois essa escola possui alunos de vários lugares não apenas do Adeus.

### **B. Fragilidade em relação a sobrevivência das mudas plantadas**

Percebeu-se que, após as atividades de plantio, o processo de acompanhamento do desenvolvimento das mudas é a etapa mais frágil. Um dos motivos dessa fragilidade decorre exatamente do item anterior. É provável que também existam outros fatores, que poderiam ser melhor investigados por uma equipe interdisciplinar composta por profissionais de outras áreas.

## **2.2. Potencialidades:**

### **A. Potencialidade da atuação do viveiro provocar um impacto positivo na qualidade dos espaços livres públicos**

Identificado a falta de sombra nos espaços livres públicos como um dos motivos da pouca apropriação desses espaços, lança-se a possibilidade de a atuação do viveiro poder direcionar parte de suas ações para o plantio de árvores da Mata Atlântica no entorno dos espaços livres públicos do Adeus. Caminhos, vias e praças poderiam ter uma considerável melhoria da qualidade ambiental com a presença de árvores em seu entorno. Até agora as ações do viveiro estiveram guiadas para o reflorestamento de encostas, a questão da arborização dos espaços para geração de sombra e conforto ambiental dos moradores não recebe muita atenção pelas atividades do viveiro.

Embora possa parecer contraditório, estes dois direcionamentos - reflorestamento de encostas e arborização urbana - podem se tornar complementares, no caso específico do Morro do

Adeus. Existem vários desses espaços livres públicos, tanto as praças como os caminhos e vias, que estão conjugados a áreas de encostas. Nesse sentido, seria uma questão apenas de haver um planejamento em que fosse dada prioridade a essas áreas que potencialmente poderiam gerar um impacto mais direto na melhoria de qualidade de vida dos moradores. Ao afetar, mais diretamente, o bem-estar cotidiano dos habitantes, pode ser impulsionado uma melhor aproximação e entendimento da população em relação a relevância das atividades do viveiro.

Para além da geração de sombra, existem muitas outras vantagens decorrentes do plantio de espécies da Mata Atlântica nos espaços livres, como árvores frutíferas, medicinais e com troncos tortuosos convidativos à brincadeira de crianças. Há também espécies vegetais que atraem a fauna que, junto com a beleza das próprias árvores, fortalece o potencial contemplativo. A Mata Atlântica é um bioma rico e diverso, com muitas possibilidades para gerar qualidade no espaço e, com isso, aproximar a população das propriedades benéficas desse bioma.

Essa aproximação pode potencializar a consciência ambiental da população, uma vez que os benefícios propiciados pelas árvores poderão ser vivenciados no cotidiano.

### **B. Potencialidade de o viveiro envolver mais diretamente os moradores do Morro do Adeus em suas atividades**

A parceria que o viveiro vem desenvolvendo com as escolas públicas próximas já é de grande importância. A difusão da educação ambiental por um viveiro que está localizado em uma área tão urbana, próximo à tantas casas, é fundamental. Porém, entende-se que, para ampliar a eficácia das ações do viveiro,

seria interessante que este conseguisse envolver mais moradores do entorno mais imediato.

Uma alternativa para a viabilização dessa diretriz seria o viveiro realizar parcerias também com instituições não governamentais que funcionam localmente com crianças e jovens do Morro do Adeus: projeto “Na Pontas dos Pés”, de aulas de ballet; Associação de Moradores do Morro do Adeus; escolinha de futebol do Adeus e reforço escolar “Bem Me Quer”. Algumas dessas organizações serão melhor comentadas nos itens seguintes.

### **3. Atividade de desenho realizada com crianças do Adeus**

Além de conversas com os adultos, foi realizada também uma atividade de desenho com algumas crianças do Adeus. Essa atividade foi realizada da praça-mirante 02. Como já foi comentado anteriormente neste texto, essa praça é a única que possui, esporadicamente, alguma utilização em dias nublados. A atividade foi realizada em um dia de céu com muitas nuvens.

Nessa atividade, foi pedido que as crianças desenhassem como elas gostariam que fossem os espaços livres públicos no Adeus e, para tanto, foram disponibilizados papel e lápis de cor. A postura de aplicação da atividade buscou condicionar as crianças o mínimo possível, deixando-as com autonomia para fazerem seus desenhos como quisessem e para participarem ou não da atividade. Os desenhos foram feitos em meio a um momento lúdico de brincadeira em que elas levantavam, brincavam e voltavam para terminar seus desenhos livremente.

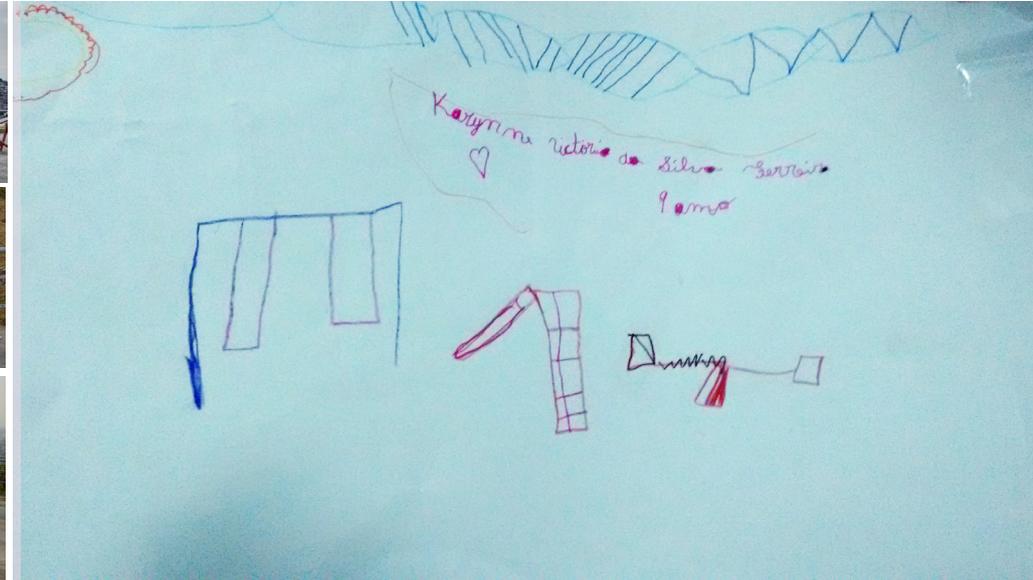


Figura 43: Mosaico de fotos de atividade de desenho com crianças do Adeus e respectivos desenhos produzidos.  
 Fonte: arquivo pessoal - pesquisa de campo.

O tema do parquinho apareceu novamente com bastante ênfase nos desenhos produzidos, convergindo ao que já havia sido observado nas entrevistas com os adultos. Observou-se também durante a atividade que os equipamentos, supostamente de ginástica, eram utilizados como brinquedos de um parquinho. O contato com as crianças indicou também a existência de um grupo de ballet liderado por uma jovem moradora: o projeto “Na Ponta dos Pés”.

#### 4. Grupo de ballet Na Ponta dos Pés

O grupo de ballet Na Ponta dos Pés é organizado pela Tuany Nascimento, bailarina, moradora do Adeus, educadora física em formação. Ela divide seu tempo entre o trabalho formal, as aulas da faculdade e a dedicação ao ensino de ballet clássico às meninas e jovens mulheres moradoras do Adeus.



Figura 44: Foto de aula de ballet do grupo Na Ponta dos Pés. Fonte: arquivo pessoal - pesquisa de campo.

As aulas acontecem às segundas, quartas, sextas e sábados, geralmente em uma quadra coberta. As aulas já ocorreram em vários espaços diferentes e o sonho do grupo é ter um espaço físico próprio para as aulas de ballet. Esse desejo está fortemente relacionado à vulnerabilidade em que as aulas de ballet acabam se submetendo em períodos de conflito na favela, pois o espaço aberto da quadra fica em uma rua em que já ocorreram diversos conflitos. O grupo lançou uma campanha de financiamento coletivo para tentar viabilizar financeiramente a construção de uma sala fechada mais protegida e melhor equipada para as aulas de dança.

Na festa junina do ano de 2017, estive presente na confraternização organizada pelo grupo. Ao sair da quadra, presenciei uma situação de conflito iminente, em que haviam policiais fortemente armados e posicionados bem próximos de onde ocorria a festa.



Figura 45: Foto homens da UPP próximos à quadra onde, no momento da foto, ocorria a festa junina do grupo de ballet Na Ponta dos Pés. Fonte:arquivo pessoal - pesquisa de campo.

O papel de educadora e referência que a Tuany representa para as meninas do Adeus ultrapassa a função de uma professora de dança. Abaixo segue uma fala da Tuany:

Elas estarem fazendo ballet é como se elas estivessem tendo uma experiência de vida. Sabendo que elas podem encontrar desafios, que elas podem não conseguir alguma coisa hoje, mas se elas persistirem, amanhã elas vão estar perfeitas naquilo. E carregarem isso para a vida delas. Só de saber que vão sair dali seres capazes de transformar as suas vidas, de levarem experiências para um outro lugar e dizerem que elas são da comunidade, que estão inseridas dentro dela. E que estão ali na sociedade. Elas não vão se sentir à parte, não vão se sentir diminuídas, nem desprezadas por alguma coisa. Então o ballet transforma a vida delas e faz com que elas sejam mais corajosas e mais capazes de enfrentar todos os desafios que elas tiverem pela frente. (NASCIMENTO, 2015)

## 5. Associação de Moradores - AMMA

Outra organização importante para a pesquisa de campo foi a Associação de Moradores do Morro do Adeus (AMMA). A associação de moradores desempenha importantes funções desde a arrecadação de cestas básicas e a subsequente distribuição entre as famílias mais necessitadas, até o papel de ser o principal contato que a prefeitura tem ao precisar fazer alguma manutenção ou obra no espaço público da favela. Os integrantes da associação foram bastante solícitos com a atividade da pesquisa. Algumas conversas foram realizadas com os integrantes da associação, Naldo, Gladston e Clotilde.

Alguns integrantes da associação também organizam aulas de futebol no campo do alto do Morro do Adeus, envolvendo mais

de 50 meninos e jovens homens do morro. Vale ressaltar que nem as aulas de futebol, tampouco as aulas de ballet, recebem qualquer tipo de apoio do poder público.

Os organizadores das aulas de futebol disseram que a maior parte das aulas acontecem no campo, localizado ao lado do teleférico, mas relataram achar o lugar “esquisito”. Segundo descrição dos professores de futebol, lá em cima “não tem nada, é muito vazio”. Essa situação se agravou ainda mais após a interrupção do funcionamento do teleférico.

Foi dado início ao planejamento de uma atividade que envolveria os participantes da associação de moradores, os meninos do futebol, as meninas do ballet e os funcionários do viveiro. Essa atividade daria continuidade a pesquisa de campo deste trabalho de mestrado. Porém não pôde ser realizada devido a situação



Figura 46: Foto campo de futebol no alto do Morro do Adeus sendo utilizado por crianças e jovens do Adeus. Fonte: arquivo pessoal - pesquisa de campo.

conflituosa que começou a se instalar no fim de junho de 2017.

Na associação de moradores, também entrei em contato com a Dona Clotilde. Ela é uma moradora antiga do Morro do Adeus que tem um grande conhecimento acerca das propriedades medicinais das plantas. Em uma caminhada pelo Morro ela indicava várias plantas que aparentemente eram “mato”, mas que ela tinha conhecimento das propriedades medicinais das folhas, sementes e frutos. Essa moradora, que trabalhou grande parte da sua vida como catadora de materiais recicláveis, possui um grande senso de ecologia desenvolvido pela atividade com reciclagem e conhecimento das plantas. Ela demonstrou grande entusiasmo com a ideia de implantação hortas comunitárias pelo Adeus.

## 6. Direcionamentos de projeto a partir do contato com as dinâmicas do lugar

A identificação dessas dinâmicas do lugar confirma o distanciamento das ações do poder público em relação às potencialidades e reais necessidades locais. Como direcionamentos para propostas futuras merece destaque:

1. A necessidade de incluir um espaço lúdico infantil nas áreas livres públicas do Morro Adeus em um local movimentado, onde haja circulação e permanência de adultos. Considerar também a proximidade de local público fechado para onde as crianças possam correr e se abrigar no caso de situação de conflito repentino no espaço livre público.

2. A necessidade de um equipamento cultural que possa dar suporte às aulas de Ballet, às aulas de educação ambiental, bem como aos outros projetos que possam surgir. Para além da construção do equipamento físico, considera-se a necessidade de possibilitar o vínculo institucional trabalhista desses educadores comunitários.

3. A maior interação entre as atividades do viveiro com os moradores e os saberes locais. Possibilitar que as atividades do viveiro sejam direcionadas a fim de proporcionar um impacto positivo na qualidade dos espaços livres públicos através do plantio de árvores da Mata Atlântica nesses espaços e em seu entorno.



QUADRA AULAS DE BALLE

VIVEIRO DA CEDAE

MALHA DE CASAS QUE ENVOLVE A TORRE 8

TORRE 8

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES

CAMPO DE FUTEBOL

MAPA LUGARES ONDE OCORRE DINÂMICAS LOCAIS IMPORTANTES ESC. 1/15.000



1



3



6



2



4

5



7



9

Figura 46: Mosaico de fotos pesquisa de campo. 1. Caminhadas pelo Morro do Adeus guiados por moradora; 2. Bar da Anália; 3. Atividade de plantio com o viveiro da CEDAE; 4, 5 e 9. Dona Clotilde, apresentando as sementes e espécies medicinais existentes no Morro do Adeus; 6. Conversa com moradoras; 7. Conversa com funcionários do viveiro da CEDAE no Adeus. Fonte:arquivo pessoal - pesquisa de campo.



Abre a janela da favela  
(Ponto De Equilibrio)

Abre a janela!  
Abre a janela da favela  
Você vai ver a beleza que tem por dentro dela  
Abre a janela moço!  
Abre a janela da favela  
Você vai ver a beleza que tem por dentro dela

Não quero dizer que lá não existe tristeza  
Não quero dizer que lá não existe pobreza  
Porque favela sem miséria não é favela  
Porque favela sem miséria não é favela  
Abre! Abre a janela da favela  
Você vai ver a beleza que tem por dentro dela  
Abre a janela moço!  
Abre a janela da favela  
Você vai ver a beleza que tem por dentro dela

Vai, no silêncio quando a noite cede a vez à madrugada  
Pra romper um novo dia  
Puxe a cortina da mesma lentamente  
E você vai ver o samba em pessoa falando com a gente  
Puxe a cortina da mesma lentamente  
E você vai ver o samba em pessoa falando com a gente.

Abre a janela!  
Abre a janela da favela  
Você vai ver a beleza que tem por dentro dela  
Abre a janela!  
Abre a janela da favela  
Você vai ver a beleza que tem por dentro dela. (repete)  
Você vai ver a beleza que tem !

Musica de reggae  
Fonte: <https://www.letras.mus.br/ponto-de-equilibrio/987626/>

Na página seguinte.  
Figura 48: Foto vista a partir do viveiro da CEDAE no Morro do Adeus. No canto esquerdo, frondosa aroeira pimeta. Como pano de fundo, o mar de casas do Complexo e, no canto direito, vista da Igreja da Penha. Fonte: arquivo pessoal - pesquisa de campo.



# 3.

Aproximação das  
questões de  
projeto

# O QUE CONSIDERAR EM PROJETO PARA TORNAR OS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DO ALTO DO MORRO DO ADEUS VIVOS?

Este capítulo intermediário pretende conectar as reflexões feitas na análise, o referencial bibliográfico escolhido e dar início a apontamentos para o projeto. O formato desta pesquisa de mestrado, como já comentado na parte de apresentação, possui como último objetivo específico a proposição de um ensaio projetual com base nas análises e reflexões previamente realizadas. Vale elucidar que embora o ensaio projetual tenha sido colocado como última etapa do processo não significa que ele seja a etapa mais importante do processo, todas outras etapas o são.



J. Jacobs

## VITALIDADE URBANA

«Cidades vivas e diversas, múltiplos usos»



G. Cullen

## PAISAGEM URBANA

«Recintos Urbanos»  
«Percepção da cidade em visão serial»



J. Gehl

## PAISAGEM HUMANA

«Cidade ao nível dos olhos»  
«Cidade para Pessoas»



H. Levebvre

## DIREITO À CIDADE

«Cidade como o lugar do encontro,  
das trocas sociais, da festa»

Assim sendo, no capítulo anterior vimos que a área do alto do Morro do Adeus sofreu grandes modificações pela intervenção do PAC-Favelas. Essas modificações promoveram a remoção de cerca de 200 casas, representando uma parte relevante do tecido urbano original do Morro do Adeus. No lugar dessas remoções foram colocadas, além da edificação do teleférico, vias e praças que aparentemente não possuem grande significado para os moradores, uma vez que esses espaços são pouco utilizados pela população local. Um dos moradores do Adeus, comentou que antes da intervenção havia movimento, barulho, animação; “agora o Adeus está sem graça, muito silencioso.” Ele também afirmou que os comércios que não foram removidos pela intervenção estão tendo dificuldades para se manterem, alguns fecharam as portas.

Essa área do alto do Morro do Adeus teria potencial de se tornar um espaço com mais significado para a população e pudesse ter maior utilização. Tal região no topo do morro, que passou pelas intervenções referidas, possui aproximadamente vinte e três mil metros quadrados. É necessário pensar em uma intervenção que possa promover um impacto positivo que promova a melhoria da qualidade de vida local. O equipamento do teleférico, após tanto investimento realizado na implantação de sua infraestrutura, precisa voltar ao seu funcionamento regular.

Nessa perspectiva, o desafio aqui posto está em como propor uma intervenção que dialogue com o tecido preexistente da favela. A reflexão feita até aqui mostra que negar a favela e impor uma lógica completamente alheia não funciona. Vale ressaltar que uma proposição que busque estabelecer um diálogo com a morfologia urbana da favela não significaria necessariamente

propor um desenho de projeto mimético a ela. Então o que seria importante preservar na lógica morfológica da favela?

Essa não é uma questão fácil, tampouco trivial. Existe quase um senso comum impregnado nas classes mais altas de que tudo que vem da favela é algo ruim. Esse pensamento deve ser questionado. Alguns autores comparam o tecido da favela à morfologia das cidades tradicionais e reconhecem a existência de uma unidade estética nesse tecidos. A profa. Laura Bueno e o prof. Cristovão Duarte comentam essas questões. Segundo Bueno:

A forma urbana resultante das favelas urbanizadas é bastante semelhante – no traçado e largura das vias, vielas e becos, no desenho dos lotes, nos gabaritos e recuos das edificações, a apropriação dos elementos do sítio natural (declividade, existência de nascentes e córregos) – à de certos trechos de origem medieval de cidades europeias. Há semelhanças nas soluções/ adaptações do tecido urbano. O mesmo se poderia dizer de nossas cidades coloniais. (BUENO, 2000, p.285)

O reconhecimento do valor estético, arquitetônico e cultural dos assentamentos de favela, certamente, um argumento favorável à política de consolidar as áreas ocupadas por favelas mediante obras de urbanização. Ao observar-se um núcleo habitacional, devemos procurar pelos sinais dos valores que a comunidade atribui ao ambiente construído.(...) (BUENO, 2000, p.283)

Duarte apresenta uma visão semelhante ao reconhecer a semelhança entre o tecido da favela e o tecido da cidade tradicional, chamando a atenção para a capacidade desses conjuntos urbanísticos possuírem uma articulação entre os elementos, gerando característica de continuidade. Segundo o autor:

(...) as favelas constituíram bairros auto construídos, como uma alternativa popular para o problema da habitação, reproduzindo, no espaço, a lógica estruturante do tecido urbano das cidades de crescimento aditivo. Sem qualquer plano de ocupação previamente elaborado, também, sem contar com os recursos tecnológicos da “cidade formal”, as favelas reeditam, do ponto de vista morfológico, os traçados urbanos irregulares que caracterizam as cidades medievais e islâmicas. Em que passe à precariedade dos suportes das construções, os conjuntos urbanísticos formados por esses assentamentos de baixa renda são inegavelmente dotados de unidade estética, permitindo neles reconhecer aquela articulação das partes entre si e com o todo, responsável pela continuidade do tecido urbano das cidades tradicionais. Nesses bairros populares, a população, forçada a se retirar da cidade que lhe fora negada, tenta também reconstruí-la (na medida do possível) sobre novas bases. (...) (DUARTE, 2006, p.118)

(...) A solução para as favelas não está fora das favelas, mas no reconhecimento que a favela representa a reinvenção da própria cidade, entendida como lugar do encontro e da troca entre os diferentes. Uma cidade renascente, rejuvenescida descontráida e, incontestavelmente, alegre. Construída como resposta aos processos de exclusão social e segregação espacial, mas também como uma forma alternativa e clarividente de autoproteção com relação a rumos que tomava a grande cidade a sua volta. A um tempo, reflexo e espelho de uma sociedade desigual, a sócio diversidade presente nas favelas figura hoje como parte fundamental da solução para os problemas enfrentados pela cidade como um todo. (DUARTE, 2010, p.82)

Existe um debate muito atual que questiona a perda da escala humana pelas cidades modernas. Jan Gehl é um dos principais autores no campo do urbanismo que defende a construção de uma “cidade ao nível dos olhos”. Essa crítica em relação a perda da escala humana nos espaços urbanos é feita inclusive à grande parte da cidade dita “do asfalto”. Vias expressas, afastamento das edificações do espaço público, tecido urbano marcado

pela fragmentação, grades e muros; são alguns exemplos que ilustram elementos das cidades (atuais/do asfalto) que marcam a perda da escala humana.

Será mesmo que a cidade do asfalto (ideal moderno) é tudo o que há de bom, inquestionavelmente, e a favela é tudo o que há de ruim? Há de se questionar essas “verdades”. Dentro do tema da escala humana na cidade, a morfologia da favela guarda características que podem ser consideradas como positivas. A pesquisadora Laura Bueno ressalta a importância de se considerar as características da morfologia da favela nos projetos de intervenção:

Uma política de urbanização de favelas que respeite ao máximo a forma do assentamento e as edificações é certamente melhor, sob diversos aspectos, do que políticas de remoção ou demolição e reconstrução total da ocupação. (...). (BUENO, 2000, p.283)

Estamos produzindo um novo urbanismo, mais viável e próximo do terceiro mundo. Ao invés do urbanismo americano, cartesiano, modernista, e até obrigados pela situação concreta a enfrentar, recuperamos os conceitos da Landscape Architecture, do urbanismo orgânico, do traçado da cidade medieval incorporando o padrão de infra-estrutura urbano contemporânea. (BUENO, 2000, p.291)

Reconhecer que a favela possui características positivas que devem ser consideradas não significa, no entanto, negar a importância da intervenção urbanística na favela. Pelo contrário, a busca de uma cidade mais democrática passa por reivindicar que toda a cidade possa contar com infraestrutura e espaços urbanos qualificados. Historicamente o território das favelas foi colocado em uma posição de marginalização. Ou seja, enquanto as áreas mais nobres da cidade recebem investimentos

públicos em infraestrutura urbana que proporcionam qualidade no ambiente construído; as favelas ficaram, durante muitas décadas, à margem desses investimentos.

Tendo em vista que favelas e periferias carecem de espaços livres públicos, a intervenção na área do alto do Morro do Adeus, investigado neste trabalho, deveria ser entendida como positiva, uma vez que tornou todo o entorno da estação do teleférico em um grande “espaço livre e público”. Porém, embora tecnicamente o Alto do Adeus seja um espaço livre e também público, essa área não funciona como tal; pois sua conformação não configura um espaço agradável para encontro e para congregação social. Assim sendo, admite-se a importância de pensar essa área para configurar espaços livres públicos que possam melhor desempenhar essa função. Nesse processo surgem algumas perguntas: Como fazer isso? Que características seriam capazes de dotar os espaços com as qualidades de acolhimento que buscamos? Que intervenções no espaço seriam capazes de devolver ao alto do Morro do Adeus a vida urbana que lhe foi retirada?

Na busca de caminhos para essas inquietações do projeto, considerou-se a visão de alguns autores que abordam a temática dos espaços livres públicos, considerando a preservação da escala humana e das características positivas do tecido tradicional de cidade. Tais autores selecionados foram: Gordon Cullen, Jane Jacobs e Jan Gehl.

Vejam um pouco sobre o pensamento desses teóricos, dando um enfoque maior em como eles abordam o tema dos espaços livres públicos.

## JANE JACOBS :

A autora faz uma crítica aos que acreditam que sempre colocar mais áreas livres nos espaços urbanos, indiscriminadamente, seria benéfico a população. Faz essa crítica direcionada principalmente ao pensamento moderno que ela nomeia de planejamento urbano ortodoxo. Para a autora, os espaços livres são importantes e necessários às cidades, porém existem algumas condições para que eles sejam de fato movimentados e utilizados pela população.

No planejamento urbano ortodoxo, as áreas livres dos bairros são veneradas de uma maneira surpreendentemente acrítica, quase como selvagens veneram fetiches. Se perguntarmos a um construtor como fazer para melhorar seu projeto na cidade tradicional, ele responderá, como se fosse uma virtude patente: Mais Áreas Livres. Se perguntarmos a um técnico sobre os avanços nos códigos de zoneamento progressistas, ele mencionará, mais uma vez como uma virtude patente, o incentivo a mais áreas livres. Se andarmos com um planejador por um bairro desvitalizado, já marcado por parques vazios e jardins descuidados cheios de papéis velhos, ele vislumbrará um futuro de Mais Áreas Livres.

Mais Áreas Livres para quê? Para facilitar assaltos? Para haver mais vazios entre prédios? Ou para as pessoas comuns usarem e usufruírem? Porém as pessoas não utilizam as áreas livres só porque elas estão lá, e os urbanistas e planejadores gostariam que elas utilizassem. (JACOBS, 2009, p.98)

De uma forma mais ampla a autora defende um conceito de “vitalidade urbana” que estaria diretamente ligada a diversidade e mistura de usos no tecido urbano. Para ela, para que os espaços livres públicos sejam bem utilizados, a primeira condição seria o entorno ter uma mistura de usos – habitacionais, comerciais, institucionais etc – para que haja uma movimentação natural de pessoas em todas as horas do dia. A segunda condição seria

as áreas adjacentes terem uma certa densidade de pessoas morando. Ela também comenta sobre a arquitetura, afirmando que as edificações devem permitir ao máximo a visualização dos espaços externos, defende que esse aspecto influencia indiretamente a vitalidade dos espaços urbanos.

Posta essa primeira abordagem, mais relacionada ao que a autora fala acerca do entorno dos espaços livres públicos do que sobre eles em si, Jacobs faz também um comentário a respeito do desenho e da conformação desses espaços. Para ela quatro aspectos são importantes: complexidade, centralidade, insolação e delimitação espacial.

### **Sobre Complexidade:**

(...) A complexidade que está em jogo é a complexidade visual, mudanças de nível do piso, agrupamentos de árvores, espaços que abrem perspectivas variadas – resumindo, diferenças sutis. As diferenças sutis da paisagem são acentuadas pelas diferenças de usos que nela proliferam. (JACOBS, 2009, p.113)

### **Sobre Centralidade:**

Talvez o elemento mais importante da complexidade seja a centralidade. Os parques pequenos e bons geralmente tem um lugar reconhecido por todos como sendo o centro – no mínimo, um cruzamento principal e ponto de partida, um local de destaque. Certos parques e certas praças pequenas são quase que unicamente um centro, e sua complexidade deve-se a diferenças menores na periferia. (JACOBS, 2009, p.114)

### **Sobre Insolação:**

A autora, que viveu em país mais frio, enaltece a necessidade de áreas com insolação direta, para que a população possa desfrutar do calor do sol nos dias frios. Contextualizando com nossa realidade tropical, os espaços livres públicos devem possuir áreas sombreadas acolhedoras. Em algumas situações mesclar áreas de: sombra, luz filtrada e sol. Essas diferentes ambiências e sensações dialogam com o item de complexidade espacial.

### **Sobre Delimitação Espacial:**

(...) a existência de construções à volta deles (os espaços livres) é importante nos projetos. Elas os envolvem. Criam uma forma definida de espaço, de modo que ele se destaca como um elemento importante no cenário urbano, em aspecto positivo e não um excedente supérfluo. Em vez de se sentirem atraídas por pedaços indefinidos de terrenos, as pessoas se sentem repelidas por eles. Até atravessam a rua quando defrontam com um desses, o que se pode comprovar, por exemplo, nos lugares em que os conjuntos habitacionais limitam com uma rua movimentada. (...) (JACOBS, 2009, p.115)

A autora também faz comentário em relação aos usos internos dos espaços livres ao enaltecer que é necessário que existam equipamentos atrativos, que podem estar ligados a atividades esportivas ou de outra natureza, mas esses equipamentos precisam realmente ser capazes de atrair as pessoas para tais espaços livres públicos. “Uma diversidade de usos derivada, que atraia naturalmente uma inserção de frequentadores diferentes, deve ser introduzida deliberadamente(...)”. (JACOBS, 2009, p.118)

## GORDON CULLEN:

O autor, em seu livro Paisagem Urbana, enaltece as emoções vividas ao caminhar pela cidade. Sugere uma forma de vivenciar a cidade que ele chama de “Visão Serial” que consiste em observar as diversas paisagens urbanas que se sucedem em um percurso. Cullen foi um dos autores pioneiros a valorizar o olhar e percurso humano como método para analisar o espaço.

O autor valoriza a relação entre os elementos urbanos, colocando que existe uma “arte do relacionamento” nas cidades. Nesse sentido o autor afirma que; ao ter-se um edifício isolado, tem-se arquitetura apenas, ao ter-se dois ou mais edifícios que se relacionam e conformam um espaço entre eles, tem-se já uma paisagem urbana.

Uma construção isolada no meio do campo dá-nos a sensação de estarmos perante uma obra de arquitetura, mas um grupo de construções imediatamente surge a possibilidade de se criar uma arte diferente. Num conjunto edificado ocorrem fenômenos que não se verificam numa relação em um edifício isolado. No caso do conjunto imaginemos o percurso do transeunte: ao afastar-se pouco a pouco dos edifícios e depara, ao virar uma esquina, com um edifício totalmente inesperado. (...) Existe, sem dúvida, uma arte do relacionamento tal como existe uma arte arquitetônica. O seu objetivo é a reunião dos elementos que concorrem para a criação de um ambiente, desde os edifícios aos anúncios e ao tráfego, passando pelas árvores pela água, por toda a natureza, enfim, e entretecendo esses elementos de maneira a despertarem emoção ou interesse. Uma cidade é antes do mais uma ocorrência emocionante ao meio ambiente. (Cullen, 1983, p.9 e 10)

O autor descreve através de texto e imagens que ilustram uma série de relações interessantes entre os elementos urbanos ao nível dos olhos. Uma dessas categorias de relação/espaço, que é

de grande relevância para o estudo aqui proposto, é o ‘recinto’.

O recinto é (...) a unidade base duma certa morfologia urbana. (...) no interior o sossego e a tranquilidade de sentir que o largo, a praça, ou o pátio tem escala humana. O recinto é o objetivo da circulação, o local para onde o tráfego nos conduz.” (CULLEN, 1983, p. 27)

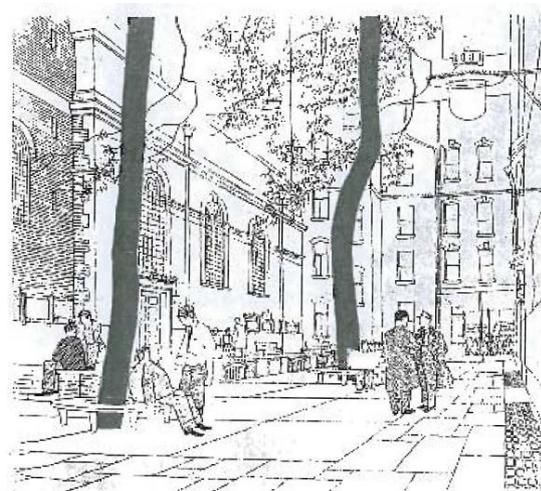


Figura 49:  
Representação de  
recinto urbano por  
Gordon Cullen. Fonte:  
CULLEN, 1983, p.27

Cullen (1983, p. 170 a 176) também dá destaque às árvores como elementos que são capazes de pontuar os espaços em conjunto com os edifícios. Enaltece características como a geometria, o caráter escultórico e a capacidade de fortalecer ou enfraquecer a verticalidade ou horizontalidade de um ambiente.

Um outro aspecto interessante do pensamento desse autor é a importância que ele dá aos sentidos de localização que o nosso corpo possui, destaca os sentidos do “Aqui” e do “Além”, em nossa percepção do espaço. Ele descreve a evolução de percepção: “Estou aqui”, “Vou entrar ali” (CULLEN, 1983, p.

12). Chama a atenção para a importância de o espaço urbano permitir essas percepções do espaço que geram diferentes sensações. A delimitação de visuais, mudanças de níveis, dentre outros aspectos podem contribuir para criação dessa relação do “Aqui” e “Além”.

Dessa maneira, de um determinado compartimento/recinto urbano, a pessoa visualiza um ‘além’ através de uma abertura nos elementos que definem o espaço, ou avista um espaço que está em um outro nível do terreno. Essa visualização de um ‘além’, diferente do ‘aqui’, onde se localiza o observador, desperta o interesse e a dramaticidade do espaço. Afirma que um espaço em que, em uma única visada, todo o espaço é apreendido, torna-se monótono e não gera interesse. (CULLEN, 1983)

## JAN GEHL

O autor, assim como Gordon Cullen, dá atenção a uma abordagem de vivência “ao nível dos olhos” nas cidades (GEHL, 2013). Ele faz referência à autora J. Jacobs e defende também que os espaços públicos de uma cidade devem ter qualidades que os tornem vivos, movimentados. Para ele o espaço da cidade deve ser bom para caminhar, para permanecer, para encontrar pessoas, etc.

No livro “Cidade para Pessoas” (GEHL, 2013), ele elenca critérios/características que são importantes para qualificar o espaço livre urbano. Dentre esses critérios, destacamos alguns relevantes para essa pesquisa:

- Oportunidades para sentar-se e para ficar em pé
- Oportunidades para brincar e praticar atividade física
- Oportunidades para ouvir e conversar (baixos ruídos e mobiliários que favoreça conversas)
- Oportunidades para aproveitar aspectos positivos do clima (sol/sombra, calor/frescor, brisa etc)
- Experiências sensoriais positivas (árvores, plantas, visuais)
- Edifícios e espaços projetados de acordo com a escala humana

Um outro aspecto que o autor aborda mais detalhadamente é a importância das zonas de transição nos espaços livres. Os espaços de transição geralmente estão nas bordas do espaço livre, ou em uma zona à frente de uma edificação que delimita e faz fronteira com o espaço livre. Segundo o autor, esses seriam os espaços mais propícios para a colocação de mobiliário para sentar, pois, psicologicamente, as pessoas se sentem mais confortáveis para permanecer nesses espaços de borda. Por vezes o mobiliário de estar pode ser móvel, sendo colocado para fora pelos estabelecimentos comerciais do entorno das áreas livres. Segue um trecho do pensamento do autor:

Sempre que as pessoas param um pouco, elas procuram lugares no limite do espaço, um fenômeno que pode ser chamado de “efeito de espaços de transição”. Quando ficamos nesses limites, ou espaços de transição, não estamos no meio do tráfego de pedestres e podemos nos manter quietos e discretos. Os espaços de transição têm vários benefícios importantes: espaço a frente para ver tudo, as costas protegidas de forma que não venha nenhuma surpresa por trás e bom apoio físico e psicológico. (...) Um espaço urbano

sem essas transições oferece poucas condições para se ficar.(...) O contato direto com construções com apenas um dos lados de uma praça pode melhorar muito as atividades estacionárias, oferecendo oportunidades para desenvolvimento de atividades diretamente na praça. Atividades nos térreos podem ajudar que uma praça de travessia possa se tornar uma área de estar. (GEHL, 2013, p. 137)

Um outro aspecto importante a ser comentado e que foi colocado pelo livro Cidade para Pessoas do Jan Gehl é a questão da segurança. O autor é bastante enfático ao dizer que a sensação de segurança é o item primeiro na busca da urbanidade e bem-estar no espaço urbano. É importante ressaltar que o autor tem grande parte da sua vida profissional ligada a Europa e Austrália. É verdade que a sensação de bem estar e segurança é importante em qualquer lugar do mundo. No contexto do Brasil, Rio de Janeiro, Zona Norte, Complexo do Alemão, Morro do Adeus deveríamos então desistir de qualificar os espaços livres públicos? Se respondermos que sim, estaríamos legitimando mais uma vez o pensamento de que a favela é um campo minado e não merece investimento por não ser um lugar seguro. Esse trabalho se coloca exatamente em oposição a esse pensamento.

Proponho ainda uma reflexão. A sensação de insegurança na favela (Morro do Adeus) tem características diferentes da sensação de insegurança das demais áreas da cidade. Na favela as pessoas não têm medo de serem assaltadas por exemplo. O medo geralmente está relacionado a outros fatores:

A. Estar acontecendo um tiroteio e alguma bala atingir você ou alguém da sua família.

B. Policiais interpretarem que algo que você está fazendo é suspeito.

C. Caso a pessoa tenha familiar envolvido no tráfico ou ela mesma tenha envolvimento, a pessoa e a família correm o risco de ser alvo de outra facção e o risco de ser alvo de policial aumenta.

D. Você é um *outsider* e alguém interpreta de forma negativa sua presença.

Isso quer dizer que em períodos em que não está havendo conflitos (tiroteios) diários, para a grande parte dos moradores comuns da favela, a sensação de segurança nesses territórios pode ser considerada até maior que em muitas outras partes da cidade. Chega a existir inclusive uma sensação de auto proteção coletiva. Talvez a pior sensação de insegurança e ameaça para os moradores comuns, não envolvidos, seja provocada pela má atuação da polícia, que condena a morte qualquer atividade suspeita sem averiguar se a suspeita é verdadeira, ou considerar que o suspeito deveria ser julgando pelas vias legais. Ainda que essas vias legais nem sempre sejam justas.

## HENRI LEFEBVRE:

Embora o autor Henri Lefebvre não tenha se dedicado especificamente a conformação dos espaços livres públicos, em seu Livro "O Direito a Cidade" faz comentários relevantes à reflexão aqui posta:

(...) As necessidades sociais tem um fundamento antropológico; opostas e complementares, compreendem a necessidade de segurança e a de abertura, a necessidade de certeza e a necessidade de aventura, da organização do trabalho e a do

jogo, as necessidades de previsibilidade e do imprevisto, de unidade e de diferença, de isolamento e de encontro, de trocas e de investimentos, de independência (e mesmo solidão) e de comunicação, de imediatividade e de perspectiva a longo prazo. O ser humano tem também a necessidade de acumular energias e a necessidade de gastá-las, e mesmo de desperdiçá-las no jogo. Tem necessidade de ver, de ouvir, de tocar, de degustar, e a necessidade de reunir essas percepções num "mundo". A essas necessidades antropológicas socialmente elaboradas (isto é, ora separadas, ora reunidas, aqui comprimidas e ali hipertrofiadas) acrescentam-se necessidades específicas, que não satisfazem os equipamentos comerciais e culturais que são mais ou menos parcimoniosamente levados em consideração em pelos urbanistas. Trata-se da necessidade de uma atividade criadora, de obra (e não apenas de produtos e de bens materiais consumíveis), necessidades de informação, de simbolismo, de imaginário, de atividades lúdicas. (...) As necessidades urbanas específicas não seriam necessidades de lugares qualificados, lugares de simultaneidade e de encontros, lugares onde a troca não seria tomada pelo valor de troca, pelo comércio e pelo lucro? Não seria também a necessidade de um tempo desses encontros? (LEFEBVRE, 2001, p. 105 e 106)

Como mostra a citação acima, Lefebvre acredita que a cidade deve ser o espaço do encontro, da livre fruição, com espaço para vivência de trocas fluidas que não sejam marcadas necessariamente pelas dinâmicas do capital (valor de troca). Essa diversidade de sensações que ele descreve como necessidades sociais que o ambiente urbano deve proporcionar se relaciona com o sentido de complexidade espacial citada por Jane Jacobs e com a ideia de Gordon Cullen de que a cidade deve ser uma vivência com diversas emoções.

Lefebvre também comenta sobre os processos de modificação da cidade (Paris, França) a partir do fim do século XIX que, embasados no pensamento moderno, levaram a construção de

conjuntos habitacionais nas periferias da cidade e destruíram os elementos urbanos que ele chama de legíveis (ruas, praças, etc.) A partir da destruição desses elementos da cidade tradicional ele chama a atenção para uma urbanização desurbanizada. Esse processo se consolida, na visão do autor, ao prover infraestrutura urbana a um lugar, mas ao mesmo tempo destruir (ou não prover) os elementos legíveis, de cidade tradicional, do lugar. Também fala da substituição do habitar pelo habitat, que estaria relacionada a mesma lógica:

Toda a realidade urbana perceptível (legível) desapareceu: ruas, praças, monumentos, espaços para encontros. Nem mesmo o bar e o café deixaram de suscitar o ressentimento dos "conjuntistas", o seu gosto pelo ascetismo, sua redução do habitar para o habitat. Foi preciso que fossem até o fim de sua destruição da realidade urbana sensível para que surgisse para que surgisse a exigência de uma restituição. (...) (LEFEBVRE, 2001, p. 27)

(...) Até então "habitar" era participar de uma vida social, de uma comunidade, aldeia ou cidade. A vida urbana detinha, entre outras, essa qualidade, esse atributo. Ela deixava habitar, permitia que os cidadãos cidadãos habitassem. (...) (LEFEBVRE, 2001, p. 23)

Essas falas de Lefebvre se conectam com o caso do Morro do Adeus à medida que, a partir da análise anteriormente feita, identificou-se também a destruição dos elementos legíveis do local configurando uma possível urbanização desurbanizada. Os espaços livres públicos não favorecem o "habitar" que na visão do autor estaria relacionado a uma vida social no espaço urbano.

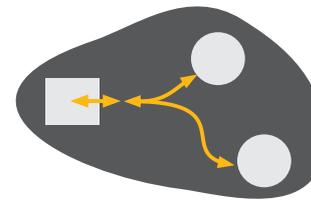
# ORGANIZANDO REFLEXÕES TEÓRICAS EM ESTRATÉGIAS DE PROJETO

A partir desse breve apanhado acerca do que cada um desses quatro autores coloca acerca do desenho e conformação dos espaços livres públicos, foram organizadas quatro estratégias urbanas de projeto. A organização dessas estratégias buscou sintetizar os conceitos em possíveis ações de projeto. Visando sempre refletir sobre o que poderia contribuir para o projeto, do estudo de caso em questão, no Morro do Adeus.

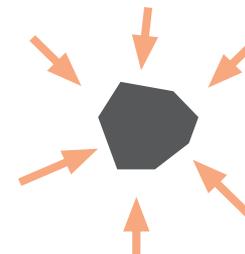
Nas páginas seguintes estão descritas cada estratégia e em seguida há tabela que sintetiza algumas das principais problemáticas identificadas no estudo de caso – Alto do Morro do Adeus – e sugestões de diretrizes que estão conectadas com as estratégias de projeto aqui propostas. As estratégias são: 1. Envolver; 2. Conectar; 3. Atrair e 4. Sombrear/Arborizar.



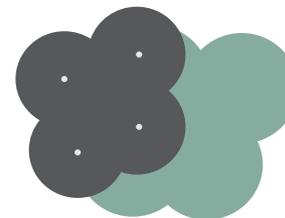
ENVOLOVER



CONECTAR



ATRAIR



ARBORIZAR/  
SOMBREAR

## Estratégia Envolver

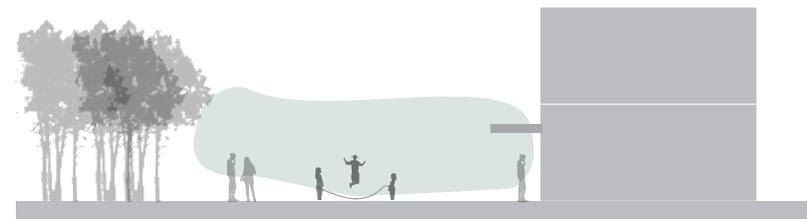
A estratégia envolver propõe que os espaços livres públicos sejam conformados/envolvidos por edificações e/ou vegetação. O envolvimento dos espaços livres públicos tem os objetivos de:

1. Promover uma delimitação espacial;
2. Envolver o entorno do espaço livre público de usos diversos, que se relacionem com o espaço livre público, e que promovam movimentação de pessoas no local;
3. Criar áreas de transição que serão favoráveis às atividades estacionárias;
4. Criar recintos urbanos acolhedores;
5. Criar um jogo de encobrir/descortinar visuais gerando pontos de interesse e complexidade espacial.



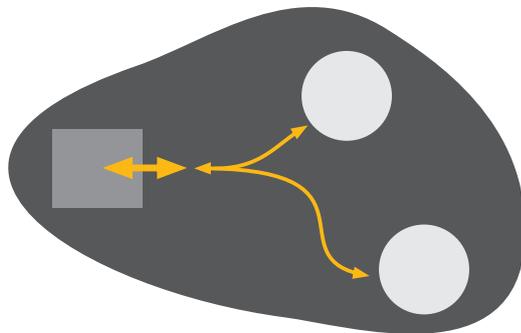
## ENVOLVER

- ATRAVÉS DE MASSAS EDIFICADAS E/OU MASSAS VEGETAIS
- ENVOLVER DE USOS E VOLUMETRICAMENTE
- CRIAÇÃO DE ESPAÇOS DE TRANSIÇÃO



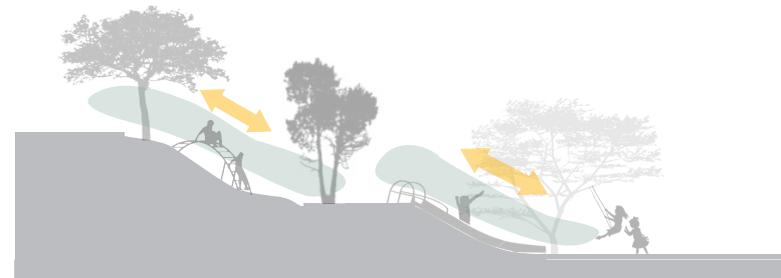
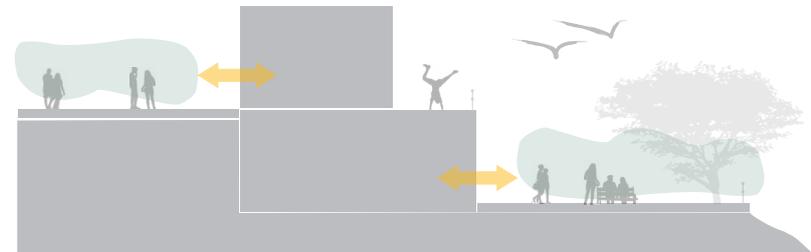
## Estratégia Conectar

Esta estratégia propõe pensar em conexões entre as diferentes ambiências dos espaços livres públicos, os vários níveis topográficos e também entre os espaços livres (abertos) e as edificações (com seus espaços cerrados). A conexão dos espaços livres entre si e entre esses espaços e as edificações têm os seguintes objetivos: 1. Gerar continuidade nos espaços; 2. Gerar diversas áreas de interesses ao longo dos percursos de caminhada; 3. Estabelecer uma relação de conexão entre as atividades desenvolvidas nas edificações e a utilização dos espaços livres públicos, o movimento de um fortalecendo o uso do outro.



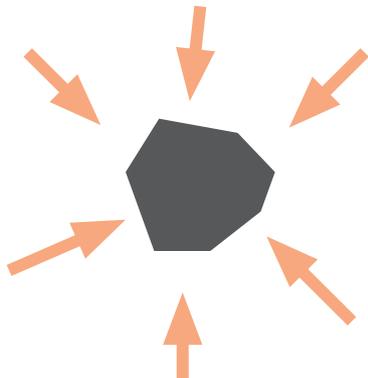
## CONECTAR

- ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS
- NÍVEIS TOPOGRÁFICOS
- EDIFICAÇÕES (ESPAÇO INTERNO) E ESPAÇOS LIVRES (ESPAÇOS EXTERNOS)



## Estratégia Atrair

Esta estratégia visa criar atrativos no espaço público, como infraestruturas para atividades lúdicas, esportivas, ou apenas áreas sombreadas com oportunidades para se sentar em áreas de transição convidativas. As atividades realizadas nas edificações próximas também podem funcionar como atrativos. Além dos espaços com atividades pré-definidas, também é importante deixar áreas mais flexíveis que permitam a livre apropriação pela população, para que o espaço livre público dê também oportunidades para o surgimento de atividades inesperadas e espontâneas. Alguns exemplos de atividades que podem surgir pela livre apropriação são: feiras, festividades locais, campeonatos de pipas, eventos musicais etc. Essas atividades que decorrem da livre apropriação dos espaços também se tornam atrativos com o passar do tempo. A criação desses atrativos tem o objetivo de: 1. Promover atividades lúdicas e culturais nos espaços livres públicos; 2. Dar motivos para as pessoas se deslocarem das suas casas e irem até o espaço livre público e, a partir desse deslocamento, entrarem em contato com as demais atividades e ambiências, sendo convidadas a permanecerem.



## ATRAIR

- ATRAÇÃO DA POPULAÇÃO PARA IR E PERMANECER NOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS



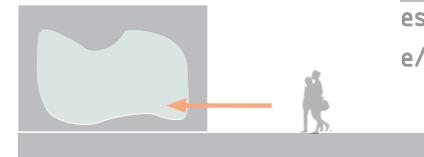
atividades sugeridas no espaço livre



sombra agradável



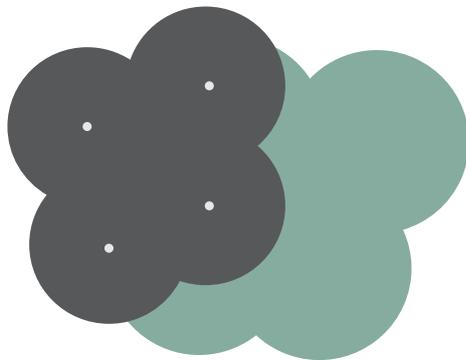
espécies que incitem alguma atividade e/ou contemplação



Atividades desenvolvidas pelas edificações que envolvem o espaço livre público

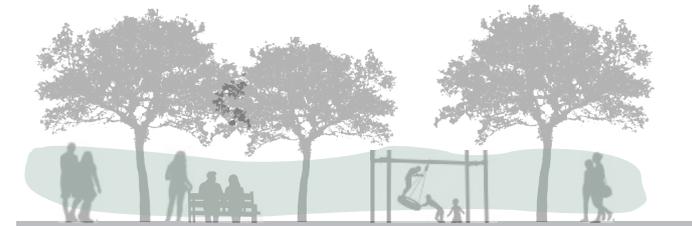
## Estratégia Arborizar/Sombrear

A estratégia da arborização visa melhorar o conforto ambiental dos espaços livres públicos, podendo criar diversas ambiências de acordo com o tipo de sombra fornecido pelas espécies vegetais plantadas. O sombreamento pela arborização também possui outros objetivos além do sombreamento, são eles: 1. Dar acesso a população a frutos e propriedades medicinais da vegetação; 2. Aproximar a população dos benefícios e propriedades singulares das espécies da Mata Atlântica; 3. Promover atividade lúdica e/ou contemplativa através do plantio de espécies com formato de troncos tortuosos, convidativos a subir; e espécies com cores interessantes em sua folhagem, flores e troncos; 4. Atrair fauna para os espaços públicos, fortalecendo o caráter contemplativo; 5. Contribuir indiretamente com o processo de reflorestamento das encostas próximas através do plantio de espécies pioneiras da Mata Atlântica de fácil propagação pelo vento e fauna; 6. Pontuar os espaços criando marcos, demarcando percursos.

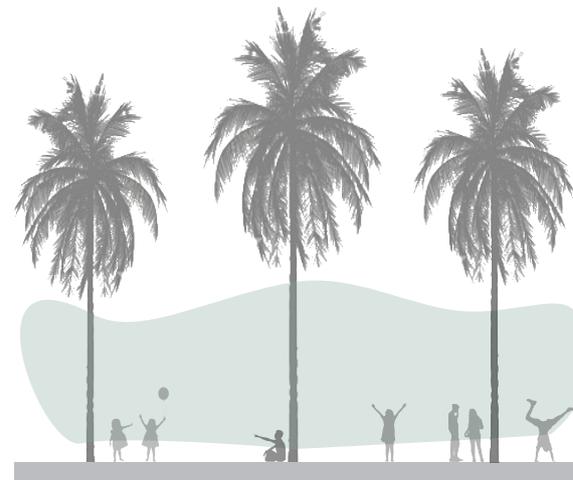


## ARBORIZAR/SOMBREAR

- GERANDO ACOLHIMENTO
- DIFERENTES TIPOS AMBIÊNCIAS



Sombra fechada e baixa: espaço avarandado acolhedor



Luz filtrada alta: amplitude

## Problemas

1. Espaços pouco acolhedores, sem sombra, sem mobiliário atrativo, sem espaços de transição.
2. Falta de conexão entre habitações (casas do Morro do Adeus) e espaços livres públicos construídos pelo PAC Adeus.
3.
  - a. Falta de usos variados no topo do Morro do Adeus (entorno do teleférico), tornando espaços livres públicos construídos pouco movimentados e pouco utilizados pela população.
  - b. Distância de serviços básicos (mercado, farmácia, banco, dentre outros)
4. Descontinuidade dos espaços livres públicos em vários pequenos fragmentos desconectados por vias carroçáveis, diferentes níveis topográficos e distância física.
5. Atividades esportivas e culturais realizadas por grupos de moradores organizados atualmente – Ballet, escolinha de futebol, boxe – atualmente em situação de grande vulnerabilidade devido a grande parte dessas atividades acontecem em espaços abertos (campo de futebol coberto) e que ficaram sujeitos a balas perdidas de tiroteio quando há conflitos inesperados no local.
6. Dificuldades na efetivação do reflorestamento de encostas proposto pelo Viveiro da CEDAE localizado no Morro do Adeus. Falta de compreensão por uma parcela da população em relação a importância das atividades, do viveiro, de reflorestamento e do potencial de melhoria da qualidade ambiental do lugar através do plantio de espécies da Mata Atlântica.

# Diretrizes

1. Criar espaços livres acolhedores utilizando vegetação e volumes edificados como conformação de espaços e sombreamento



2. Criar relação de proximidade e maior conexão entre habitações e espaços livres públicos.



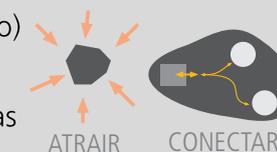
3. Inserção de novos e diversificados usos:

a. Inserção de equipamentos de lazer e de cultura atrativos nos espaços públicos, bem como superfícies para livre apropriação com flexibilidade de usos e com elementos que tornem os espaços acolhedores (sombra, mobiliário, bons espaços de transição)

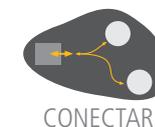
b. Novas habitações nas proximidades dos espaços livres públicos com flexibilidade para implantação de comércios no térreo, alimentando os espaços públicos com serviços oferecidos pelos moradores próximos e com o movimento de pessoas a todas as horas do dia pela proximidade com as habitações

c. Inserção de serviços urbanos essenciais no interior da edificação da estação do teleférico atualmente abandonada (farmácia, banco, mercadinho)

d. Retorno ao funcionamento do modal teleférico melhorando o acesso a diversidade de serviços existentes em Bonsucesso, nas proximidades da Praça das Nações.



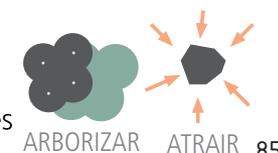
4. Criar relação de continuidade entre os espaços livres públicos através de projeto que promova a conexão entre os diferentes níveis, a melhor demarcação de percursos e inserção de novas superfícies de espaços livres que promova conexão entre as existentes.



5. Criação de equipamento cultural (Escola-Parque) que possua espaço físico fechado e infraestrutura institucional que possa abrigar as atividades culturais já realizadas no Morro do Adeus, para que seja possível o surgimento de outras atividades.



6. Criar relação de proximidade entre a população e as espécies da Mata Atlântica. Arborizar espaços livres públicos com espécies da Mata Atlântica. Explorar características flora que são benéficas à população como sombra, frutos, propriedades medicinais, beleza e convite à brincadeira.



Eu só quero é ser feliz  
(Cidinho & Doca)

Eu só quero é ser feliz  
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é  
E poder me orgulhar  
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar  
Fé em Deus, DJ

Eu só quero é ser feliz  
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é  
E poder me orgulhar  
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar  
Mas eu só quero é ser feliz, feliz, feliz, feliz, feliz  
Onde eu nasci, han  
E poder me orgulhar  
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar  
(Refrão)

Minha cara autoridade, eu já não sei o que fazer  
Com tanta violência eu sinto medo de viver  
Pois moro na favela e sou muito desrespeitado  
A tristeza e alegria aqui caminham lado a lado  
Eu faço uma oração para uma santa protetora  
Mas sou interrompido à tiros de metralhadora  
Enquanto os ricos moram numa casa grande e bela  
O pobre é humilhado, esculachado na favela  
Já não aguento mais essa onda de violência  
Só peço a autoridade um pouco mais de competência

(Repete refrão)

Diversão hoje em dia não podemos nem pensar  
Pois até lá nos bailes, eles vem nos humilhar  
Fica lá na praça que era tudo tão normal  
Agora virou moda a violência no local  
Pessoas inocentes que não tem nada a ver  
Estão perdendo hoje o seu direito de viver

Nunca vi cartão postal que se destaque uma favela  
Só vejo paisagem muito linda e muito bela  
Quem vai pro exterior da favela sente saudade  
O gringo vem aqui e não conhece a realidade  
Vai pra zona sul pra conhecer água de côco  
E o pobre na favela vive passando sufoco  
Trocaram a presidência, uma nova esperança  
Sofri na tempestade, agora eu quero abonança  
O povo tem a força, precisa descobrir  
Se eles lá não fazem nada, faremos tudo daqui

(Repete refrão)

Música de funk

Fonte: < <https://www.letras.mus.br/rap-brasil/564946/>>

Na página seguinte.

Figura 50: Imagem ilustrativa de parte do Ensaio Projetual. Fonte: Maquete eletrônica realizada pela autora. Os os murais em grafite representados nas imagens do projeto são autoria de integrantes do grupo Classe D, atuante no Complexo do Alemão. Disponível em < <https://www.facebook.com/Classe-D-Ateli%C3%AA-de-l-deias-950892308279847/> > acesso em: outubro 2017



4.

Ensaio  
Projetual

# DELIMITAÇÃO DA ÁREA DE INTERVENÇÃO

Para área de intervenção do ensaio projetual foi escolhido a área do topo do morro, onde os impactos da intervenção do PAC-Favelas no Morro do Adeus foram mais marcantes. Reconhecendo que o vazio produzido pela intervenção deve ser ressignificado, propõe-se uma nova intervenção que buscará trazer novos usos para a área e espaços livres públicos que proporcionem a melhoria na qualidade de vida da população através de espaços acolhedores de encontro.

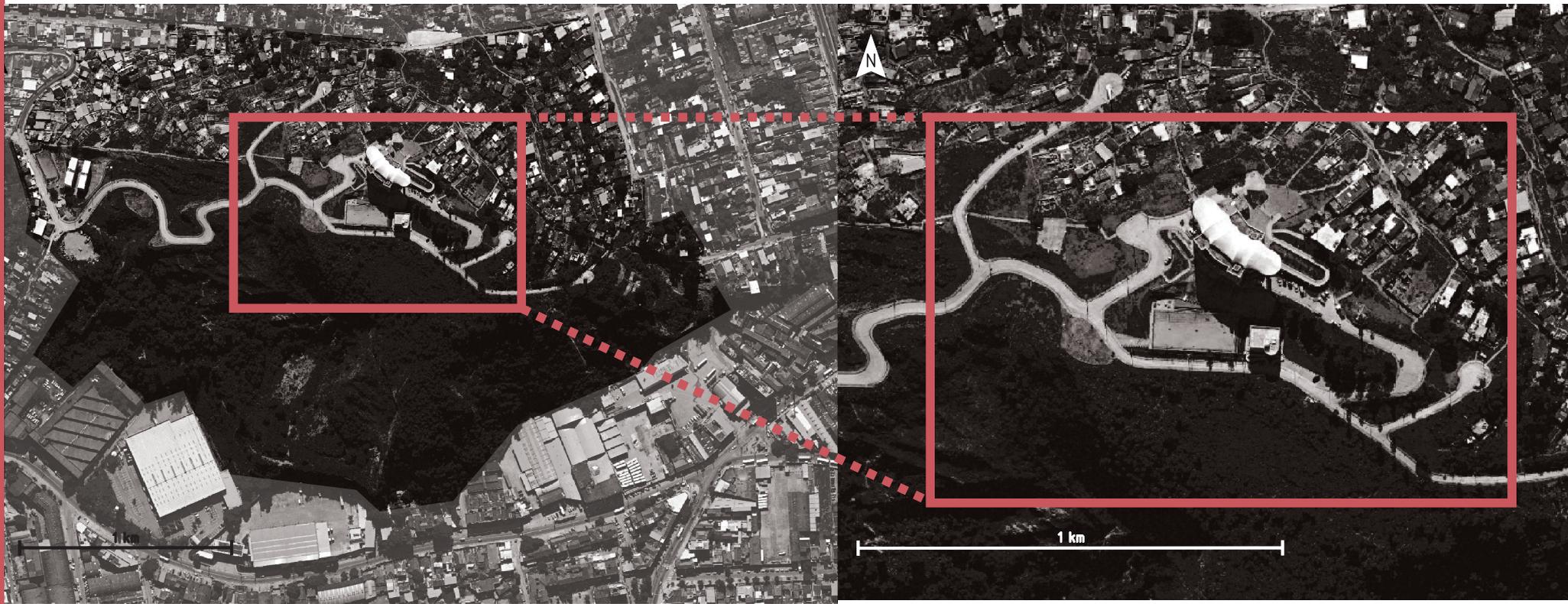




Figura 51: Vista topo do Morro do Adeus com destaque para recorte da área de projeto dessa pesquisa. Fonte: imagem do Google Earth 3D, editada pela autora.

# REALIZAÇÃO DE MAQUETE FÍSICA

A execução de uma maquete física do Morro do Adeus foi uma etapa essencial para compreender de forma mais concreta a configuração espacial do lugar. Considerando a complexidade da topografia do lugar, as plantas e as vistas aéreas, não seriam suficientes para ter uma eficaz compreensão do território em sua configuração espacial. As curvas de nível, os polígonos das edificações, as vias, os caminhos e as praças foram cortadas em máquina a laser, utilizando placas de papelão. A montagem dos elementos foi feita de forma manual.

A partir da maquete física, buscou-se pensar como seria possível aplicar as estratégias previamente elaboradas no sentido de conformar espaços acolhedores e que estivessem conectados em um todo coerente.

## Método: das experimentações com papelão e massinha à maquete eletrônica

Com a representação do espaço físico em mãos (maquete física), foram feitas várias experimentações, utilizando massa de modelar (massinha). Em um primeiro momento, as massinhas (independente das cores) representavam volumes que horas eram vistas como massas edificadas, horas eram interpretados como massas vegetais. Dessa forma, a “brincadeira” inicial seria

envolver e conectar espaços, de forma a conformar múltiplos recintos urbanos abertos conectados entre si.

Em um segundo momento, uma parte da massa de modelar foi achatada e imaginada como superfícies, que ora representavam o piso dos espaços livres conformados, ora caminhos, percursos e ruas. Essa dinâmica com a maquete e a experimentação com massinhas permitiu um exercício criativo inicial mais livre. Porém, vale ressaltar que, como a pesquisa de campo havia sido realizada anteriormente, com várias visitas ao local, já havia um entendimento prévio do espaço através da vivência no lugar. Nesse sentido, mesmo nessa etapa de maior abstração, várias vezes as fotos das visitas foram revisitadas no sentido de não perder o vínculo com a realidade atual e concreta do lugar.

Após essa experimentação mais desprendida com a maquete de papelão e as massinhas, foi feita uma maquete eletrônica no computador. Na maquete eletrônica foi possível avançar com mais detalhe no desenho e ter uma visão mais aproximada das ambiências conformadas. A partir do posicionamento da câmera do 3D no nível do olho humano, pôde-se simular o que seria a apreensão da paisagem criada “ao nível dos olhos”.

# EVOLUÇÃO DAS DECISÕES DE PROJETO

A prévia dinâmica com a maquete e a “experimentação” com massinhas permitiu uma apreensão do espaço bastante orgânica. Nesse tópico, buscou-se sistematizar algumas etapas da apreensão do lugar e início da atividade propositiva. Assim, foi identificadas duas áreas consideradas chave para o projeto:

## Área 1 – Área plana ao lado do teleférico:

Foi identificado que ao lado da edificação da estação do teleférico há uma área relativamente plana, ao contrário da maior parte do território que é bastante acidentado. Considerou-se essa área uma potencialidade para conformação de um espaço livre público plano no alto do morro que pudesse reconfigurar e resinificar o alto do Morro do Adeus, transformando-o de um espaço ermo e sem vida a lugar de vitalidade urbana, encontro de pessoas, e possíveis festividades locais.

Uma das questões marcantes do alto do Morro do Adeus é a monumentalidade arquitetônica da edificação do teleférico, que

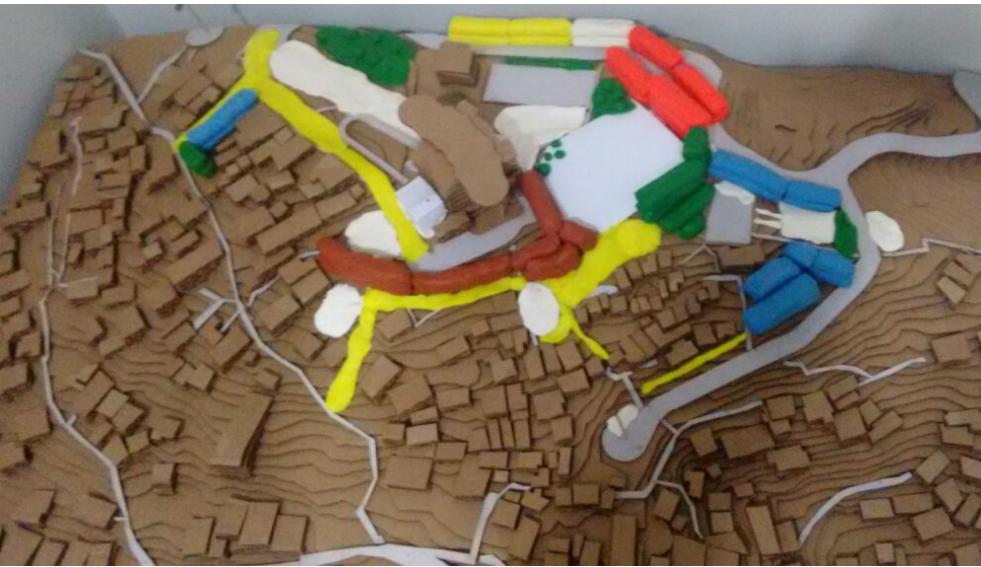


Figura 51: Mosaico de fotos de realização da maquete de estudo. Fonte: Maquete física realizada pela autora.

se destaca em tamanho e na implantação isolada no alto do morro. Essa implantação amplia a sensação de distanciamento das casas do Morro do Adeus e a perda da escala humana.

Assim, a conformação de uma praça de encontro no alto do morro poderia contar com a inserção de novas edificações que envolvessem a praça e criassem uma relação com o volume edificado da estação de teleférico. Essas novas edificações teriam um primeiro objetivo de transformar a “monumentalidade arquitetônica” em “monumentalidade urbana” (CULLEN, 1983), criando um espaço do ‘entre’, envolvido por essas edificações. Esse espaço do entre, seria a praça. Propondo a criação de uma centralidade no alto do morro.

Na conformação atual, em uma só visada é possível apreender todo o espaço do alto do morro, essas novas edificações também teriam esse caráter de ora encobrir o campo de visão, ora descortinar. As vistas que se tem do alto do Morro do Adeus são bastante impressionantes e bonitas. Vê-se a Zona Norte da cidade, o mar de casas do Complexo subindo e descendo os morros, ao fundo o maciço da Serra da Misericórdia, a Igreja da Penha, a Ilha do Fundão e a Baía de Guanabara. A questão é que essa rápida apreensão de todas essas visuais faz com que o interesse se perca em pouco tempo. Esse jogo de encobrir, descortinar e emoldurar as visuais pode gerar um maior interesse no percorrer do espaço. O outro objetivo dessas novas edificações é levar ao alto do morro novos usos em equipamentos culturais e novas habitações, alimentando de movimento e atraindo mais pessoas dos demais locais do morro. Neste trabalho, essa praça, que possui papel “central” no ensaio projetual aqui proposto, será denominada de “Praça do Alto Adeus”.

Atualmente, essa área plana ao lado do teleférico é cortada por uma via que tem por única função dar acesso de manutenção a uma das torres de sustentação dos cabos do teleférico. No sentido de configurar essa praça como um espaço de encontro e de livre apropriação, foi proposto a supressão de um trecho da via nesse local da praça. Desse modo, foi pensado a estruturação de um acesso de carros para essa torre de sustentação de cabos pelo outro lado da edificação da estação do teleférico de forma a não prejudicar a necessidade eventual de sua manutenção. A configuração desse outro acesso será melhor explicada em outro tópico.

## **Área 2 – Área atrás da edificação do teleférico**

Na área atrás do teleférico também há a característica de vazio de usos. O espaço também é cortado por uma via de acesso às torres de sustentação dos cabos. Ao analisar o espaço resultante, algumas observações foram feitas:

1. Existem algumas edificações da favela, porém a via construída não estabelece uma relação com essas edificações, pois está distanciada delas.
2. A via construída pela intervenção PAC-Favelas divide o espaço atrás da estação em duas áreas vegetadas que atualmente não possuem nenhuma utilização de espaço livre público.
3. Embora a via chegue bem perto da edificação da estação do teleférico, não há uma área de embarque e desembarque, que poderia ser útil para a possibilidade de integração com outros transportes (modais) da favela como vans e mototáxis.

Área 1 - Área plana ao lado da estação de teleférico

Área 2 - Área atrás da edificação do teleférico



Figura 52: marcação 'Área 1' e 'Área 2', mencionadas no texto. Fonte: Maquete física realizada pela autora.

Figura 53: Foto Área 1 - área plana ao lado do teleférico. Fonte: pesquisa de campo.



Figura 54: Foto Área 1 - área plana ao lado do teleférico. Fonte: pesquisa de campo.



Figura 55: Foto Área 2 - área atrás da estação de teleférico. Fonte: pesquisa de campo.



Figura 56: Foto Área 2 - área atrás da estação de teleférico. Fonte: pesquisa de campo.

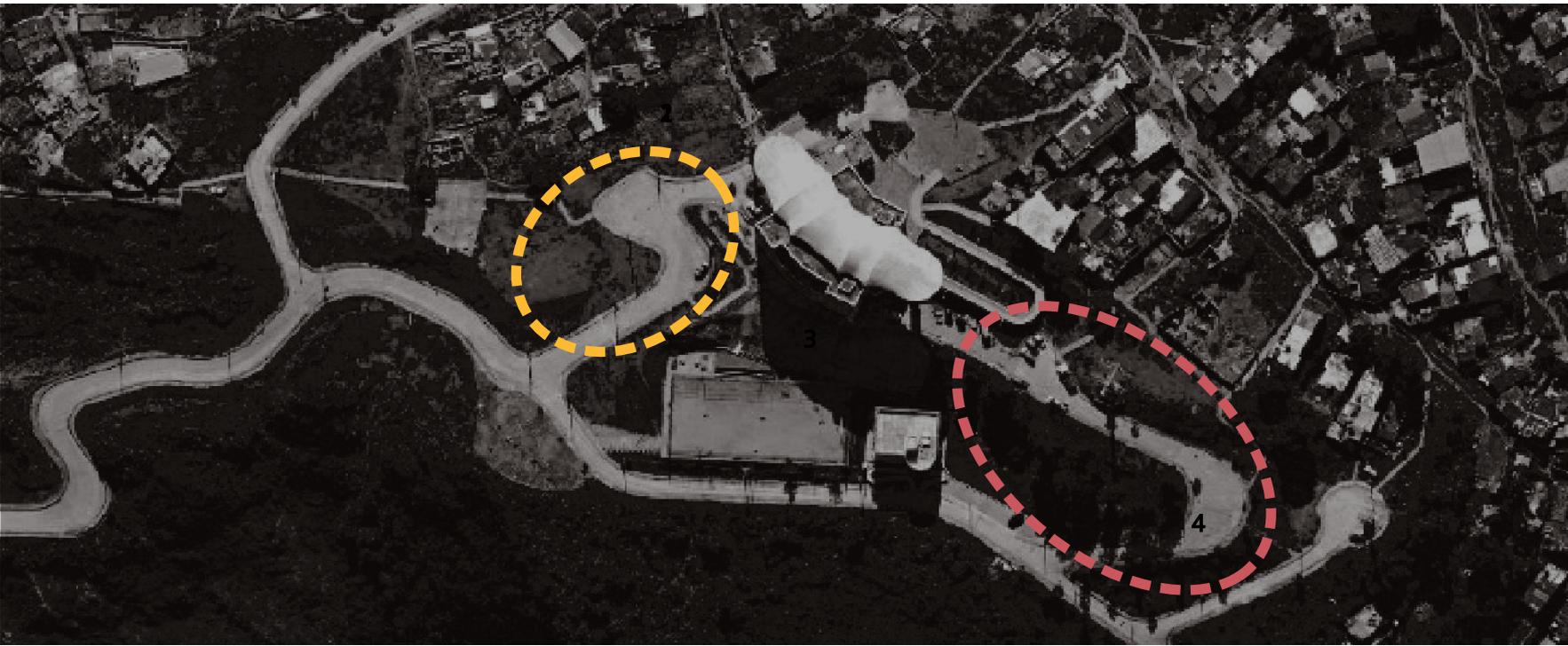


Área 1 - Área plana ao lado da estação de teleférico

Área 2 - Área atrás da edificação do teleférico



Figura 57: marcação 'Área1' e 'Área 2', mencionadas no texto. Fonte: imagem do Google Earth 3D, editada pela autora.



 Área 1 - Área plana ao lado da estação de teleférico

 Área 2 - Área atrás da edificação do teleférico

PLANTA ESQUEMÁTICA  
IDENTIFICAÇÃO DE  
ÁREAS CHAVE  
ESC. 1/7.500

Nessa perspectiva, o olhar para essa área buscou soluções para viabilizar as seguintes questões:

A. Estruturar um novo acesso para a torre da frente do teleférico, uma vez que a proposta da “Praça do Alto Adeus” propôs suprimir um trecho da via que permite esse acesso de manutenção atualmente.

B. Estabelecer uma relação entre a estrutura viária e as edificações (lotes) da favela que permanecem nesta região, buscando restabelecer a tradicional relação de continuidade rua-lote.

C. Estruturar novos espaços livres públicos com usos atrativos para essa área, com relação de proximidade com as casas existentes.

D. Propor novas habitações que tragam maior densidade de pessoas ao Alto do Adeus e garantam o movimento dessas áreas de lazer, atraindo assim outros usuários do restante do morro também.

E. Estruturar um acesso de embarque e desembarque para a edificação do teleférico, facilitando a possibilidade de integração com outros modais de transporte da favela (vans e mototáxis).

### Alteração de via e estruturação de novos espaços

Tendo em vista as considerações feitas nos itens anteriores, propôs-se uma alteração viária no sistema construído pela intervenção do PAC nessa região do alto do morro.

No sentido de promover a continuidade espacial e a conexão entre

os novos espaços livres públicos, identificou-se áreas com desníveis que teriam potencial de se tornar espaços livres em níveis. Assim como a área plana da Praça do Alto Adeus é importante para congregação de pessoas e determinados tipos de apropriação, as áreas inclinadas também podem desempenhar um importante papel no sistema de espaços livres. Uma das razões da sensação de fragmentação dos espaços livres públicos atualmente é a separação destes em diferentes níveis topográficos. Sendo assim, espaços livres em níveis podem contribuir para a sensação de continuidade em percursos contínuos, com diversos pontos de interesse ao longo de uma caminhada.

Um outro ponto interessante é que os diferentes níveis nos espaços livres são um dos fatores que podem gerar a complexidade espacial nos espaços livres públicos que, segundo Jacobs e Cullen, é uma das principais características para que eles sejam interessantes e atrativos para as pessoas, conforme comentado no capítulo anterior.

Dessa maneira foram identificadas 3 áreas principais para desempenharem esses papéis:

1. Área com potencial de subida atrativa que conecta área densa de casas da favela com a Praça do Alto Adeus ;
2. Área com potencial de se tornar um anfiteatro contíguo a praça 02 (atualmente mais utilizada pela população);
3. Área com potencial de espaço lúdico em diversos níveis/ patamares, gerando atrativo na área por trás do teleférico que atualmente é erma;

#### 4. Área com potencial para se tornar arquibancada do campo.

Todas as áreas até aqui comentadas, não foram pensadas no sentido de substituir as praças e áreas livres já construídas pelo PAC. Propõe-se que as áreas livres existentes sejam melhor qualificadas, seguindo também os princípios e estratégias apresentadas no capítulo anterior. Nessa lógica, as novas áreas propostas e as já existentes devem compor um sistema coerente, contínuo e com diversas possibilidades de usos e apropriações.

As áreas livres existentes no alto do morro a serem melhor qualificadas e integradas às novas áreas são:

1. Praças- mirante 1, 2 e 3.

2. Campo de futebol

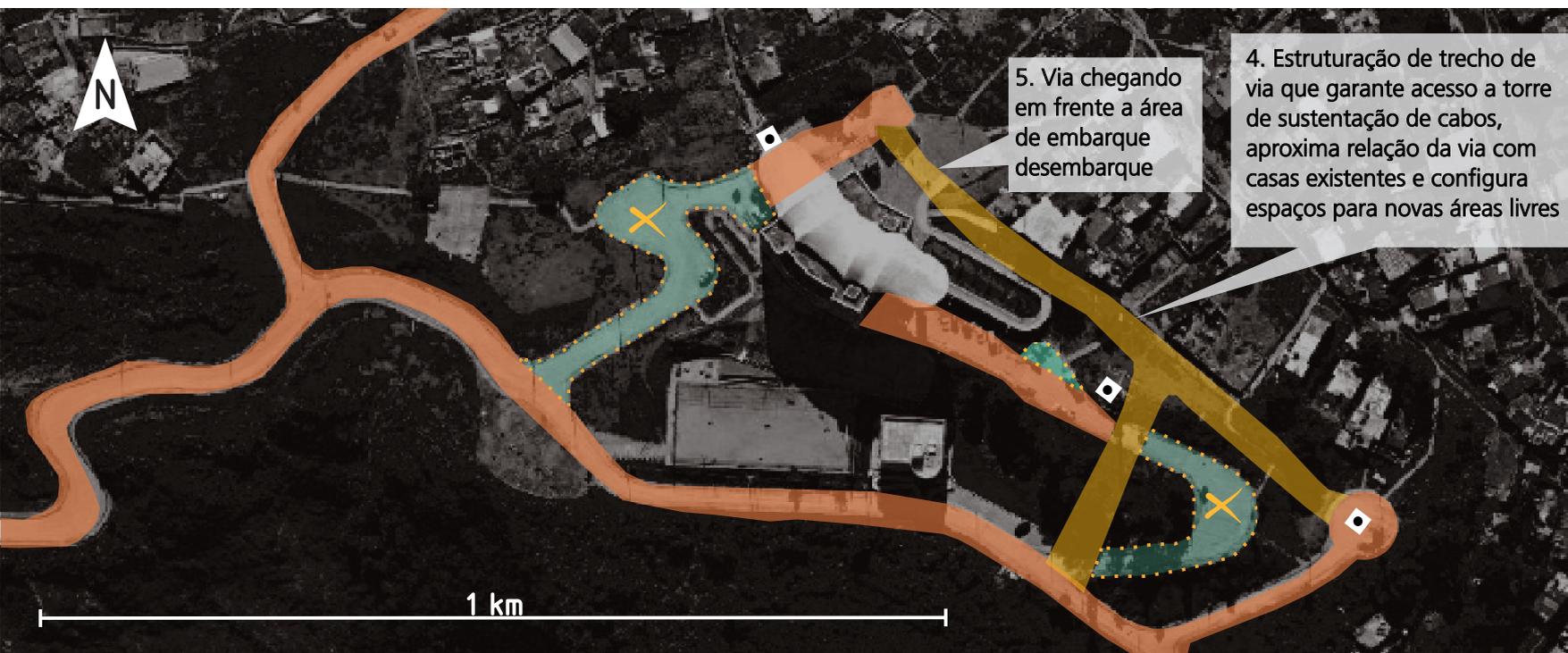
Nesse sentido, tanto as novas áreas propostas, como as existentes foram pensadas segundo princípios de projetos na escala mais macro (a nível da intervenção geral) e na escala mais micro (a nível dos olhos). Embora esses princípios por vezes se misturem.

#### **Princípios macro:**

- Continuidade e conexão dos espaços livres públicos
- Formação de recintos abertos através do envolvimento dos espaços livres públicos com massas vegetais e edificadas
- Equilíbrio entre cheios e vazios

#### **Princípios a nível dos olhos:**

- Formação de áreas de transição confortáveis nas zonas periféricas dos espaços livres públicos, próximos aos volumes edificados e massas vegetais envolventes.
- Criação de oportunidades para sentar, sobretudo as áreas de transição. Que essas áreas para sentar proporcionem conversas em grupos ou descanso e contemplação individual.
- Criar diferentes tipos de sombras, dando prioridade às sombras mais acolhedoras e nas "zonas de transição".
- Criar atrativos e sugestão de novos usos nos espaços livres públicos.
- Criação de centralidades visuais (pontos focais), utilizando agrupamentos vegetais.
- Destinar superfícies para expressão de artistas locais como o grafite, por exemplo.



Área Plana identificada ao lado da estação do teleférico com intenção de projeto de conformar praça central

Intenções de projeto

Torres de sustentação cabos do teleféricos, onde é necessário acesso de manutenção

Via construída pela intervenção do PAC existente

Novo trecho de via proposto

Trechos de via a serem suprimidos para dar lugar a novos espaços livres públicos

PLANTA ESQUEMÁTICA  
MUDANÇA DE VIA  
ESC. 1/7.500



Configuração final proposta para via

Locais espaços livres públicos existentes

Local proposto para espaço livre público em topografia predominante plana

Locais propostos para espaços livres públicos em níveis em topografia acidentada

1 Local potencial para anfiteatro

2 Local potencial para subida convidativa

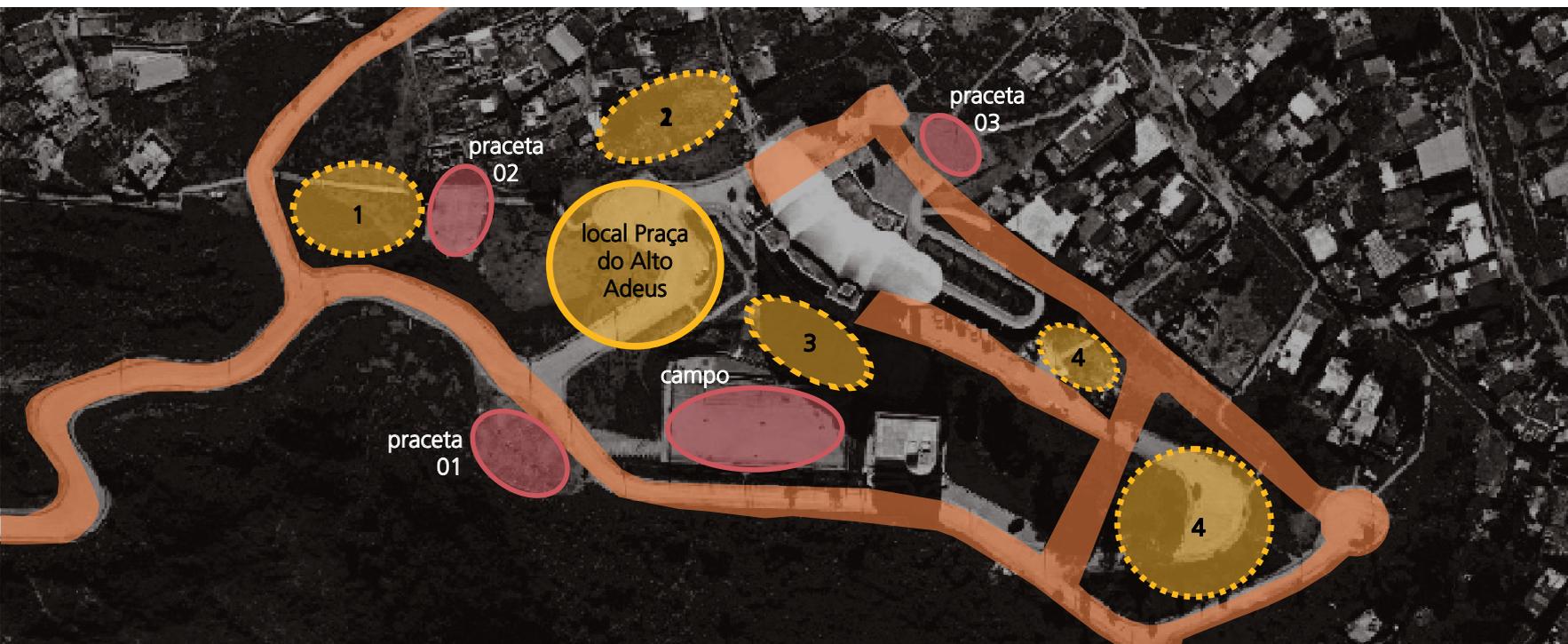
3 Local potencial para arquibancada para campo

4 Locais potenciais para espaços lúdicos em níveis

PLANTA ESQUEMÁTICA

MUDANÇA DE VIA

ESC. 1/7.500



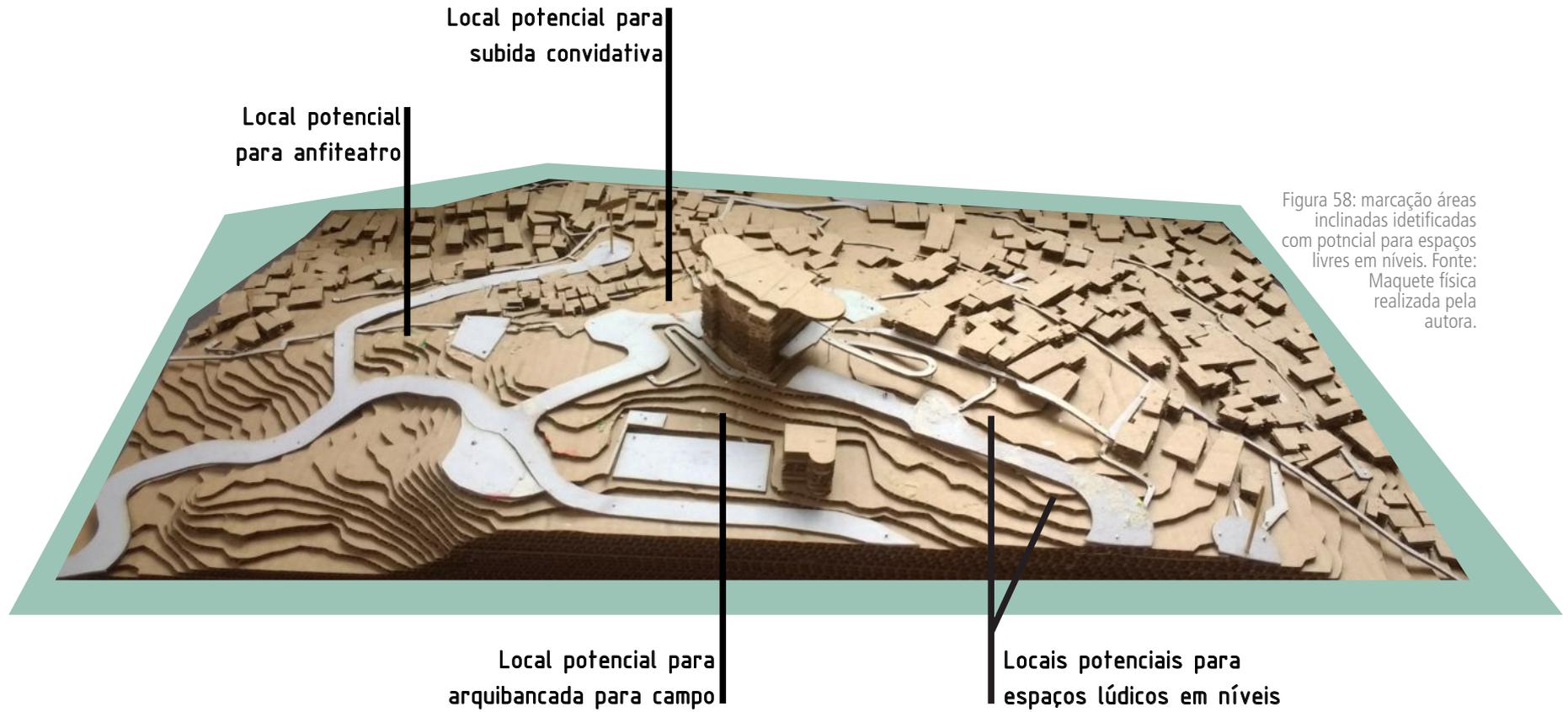


Figura 58: marcação áreas inclinadas identificadas com potencial para espaços livres em níveis. Fonte: Maquete física realizada pela autora.

Figura 59: Foto área Inclinada 1 - Potencial para anfiteatro. Fonte: Google Earth 3D.



Figura 60: Foto área Inclinada 2 - Potencial para subida convidativa para conectar área de casas da favela com o topo do morro. Fonte: pesquisa de campo.

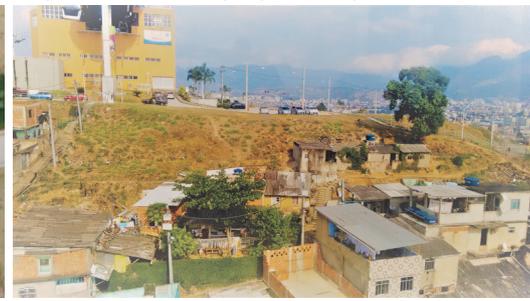


Figura 61: Foto área Inclinada 3 - Potencial para arquibancada para o campo. Fonte: Google Earth 3D.



Figura 62: Foto área Inclinada 4 - Potencial para espaço lúdico em níveis. Fonte: pesquisa de campo.



# APRESENTAÇÃO DE ENSAIO PROJETUAL

Nos mapas das páginas a seguir, está uma sequência de mapas com a aplicação das estratégias de projeto descritas no capítulo 3, aplicadas ao território do Morro do Adeus. Nesses mapas estão expressos os princípios que foram denominados de “macro”. Porém vale elucidar que essa escala “macro”, não corresponde a escala da cidade, se refere apenas a totalidade da área de intervenção. Sendo assim, ainda se trata de uma escala bastante local.

Ao final da sequência de mapas, está expressa a planta baixa geral da intervenção proposta e uma perspectiva síntese da proposta. Em seguida há alguns cortes, que elucidam melhor algumas relações espaciais da proposta.

Também faz parte da proposta a sugestão de algumas espécies nativas da Mata Atlântica. As espécies vegetais foram consideradas como elementos estruturadores da composição do espaço. Embora tenham recebido um maior destaque na estratégia ‘arborizar/sombrear’, os elementos vegetais participam da aplicação de todas as demais estratégias. Dessa forma, também são consideradas para ‘envolver’ e conformar espaços; ‘conectar’ ambientes, demarcando caminhos; e criar atrativos, como pontos focais ou áreas lúdicas compostas por espécies com troncos convidativos à brincadeira. Uma vez que existe um viveiro

de mudas da Mata Atlântica atuante no local, talvez esse seja o aspecto do projeto mais próximo de uma concretização próxima.

A indicação de algumas espécies pioneiras de reflorestamento pode contribuir para indução do reflorestamento das encostas próximas, uma vez que essas espécies pioneiras crescem e se propagam com facilidade pelo vento e atuação espontânea da fauna. Nesse aspecto, merece destaque as diversas espécies de Embaúbas que podem gerar sombra rápido nos espaços públicos (2 anos); contribuem para sobrevivência e desenvolvimento das espécies plantadas próximas a elas; e ainda são muito utilizadas para o reflorestamento. Vale ressaltar que as espécies sugeridas não excluem a possibilidade de utilizar outras espécies desse mesmo bioma.

Por fim, será feita uma descrição explicativa de cada ‘recinto urbano’ criado pelo projeto, com algumas imagens ilustrativas da proposta. Nas páginas à direita, foram destacados enquadramentos simulando a percepção do espaço “ao nível dos olhos”. Também foi colocada algumas sequências de imagens que ilustram pequenos percursos, representando o que seria a percepção dessa paisagem urbana em ‘Visão Serial’ (CULLEN, 1983).

As imagens foram produzidas a partir de maquete eletrônica, realizada pela autora. A volumetria da proposta foi modelada a partir das curvas de nível e edificações atuais do Morro do Adeus. As casas da favela estão representadas em volumes em cinza nas imagens. A proposta se inseriu na área do topo do Morro do Adeus, nas áreas que já são livres de edificações. Nesse sentido, foi considerado a permanência de todas as edificações atuais.



# ENVOLVER



 MASSAS VEGETAIS ENVOLVENDO OS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS

 VOLUMES EDIFICADOS ENVOLVENDO OS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS

**1** Edificação da estação de teleférico

**2** Blocos habitacionais com flexibilidade para implantação de comércio no térreo

**3** Edificação cultural Escola-Parque

**4** Unidades comerciais próximas as casas da favela - embaixo de escada

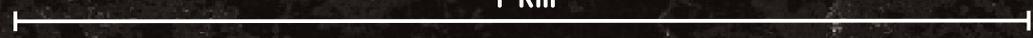
**5** Cine-escola

 AMBIÊNCIAS URBANAS OU RECINTOS CONFORMADOS

PLANTA ESQUEMÁTICA  
**ESTRATÉGIA EVOLVER**  
ESC. 1/7.500



1 km





# CONNECTAR

Conexão através de percurso predominante plano

Conexão através de percurso com desníveis (escadas ou caminhos inclinados)

Conexão através de espaço livre público em desnível

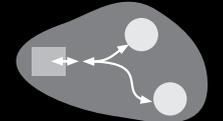
Conexão através de interior de edificação pública (escada rolante ou elevador)

Conexão entre espaços livres e interior das edificações

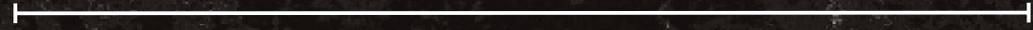
Caminhos de chegada a partir da malha da favela

Superfícies dos espaços livres públicos

PLANTA ESQUEMÁTICA  
**ESTRATÉGIA CONECTAR**  
ESC. 1/7.500



1 km





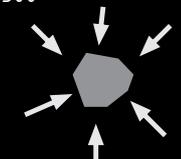
# ATRAIR



-  ANFITEATRO
-  ESPAÇO LÚDICO (PARQUINHO)
-  EQUIPAMENTO CULTURAL
-  HORTA
-  ESPAÇO PARA SENTAR SOMBREADO
-  SKATE-PARQUE
-  CINE ADEUS
-  CAMPO DE FUTEBOL
-  ACADEMIA AO AR LIVRE
-  ESPAÇO DE LIVRE APROPRIAÇÃO

1 km

PLANTA ESQUEMÁTICA  
ESTRATÉGIA ATRAIR  
ESC. 1/7.500





# ARBORIZAR/SOMBREAR

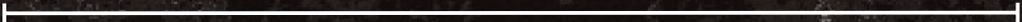


-  Massas vegetais com sombra confortável abaixo de sua copa ("teto" de recintos)
-  Massas vegetais que envolvem os espaços livres (e sombreiam)
-  Massas vegetais que demarcam caminhos (e sombreiam)
-  Massas vegetais que pontuam o espaço livre por sua forma ou cor diferenciada, geram pontos focais demarcando «centralidade» ou «entradas»
-  Massas vegetais convidativas para brincadeira, geram frutos (e sombreiam)
-  Massas vegetais apropriadas para o reflorestamento e que geram frutos
-  Projeção cabos do teleférico

PLANTA ESQUEMÁTICA  
ESTRATÉGIA EVOLVER  
ESC. 1/7.500



1 km



# Espécies nativas da Mata Atlântica sugeridas

## 1. Jabuticabeira *Myrciaria cauliflora* árvore de médio porte



Locais do projeto: Praça das Jabuticabeiras, em frente a estação do teleférico

## 2. Grumixama *Eugenia brasiliensis* árvore de médio porte



Locais do projeto: Em frente a estação do teleférico, anfiteatro

## 3. Cambuci *Campomanesia phaea* árvore de pequeno porte



Locais do projeto: Em frente aos blocos habitacionais

## 4. Araçá *Psidium cattleianum* árvore de pequeno porte



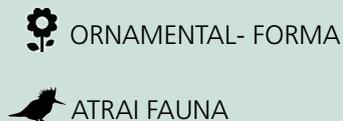
Locais do projeto: Em frente aos blocos habitacionais, na Praça do Alto Adeus

## 5. Paineira Rosa *Ceiba speciosa* árvore de medio porte



Locais do projeto: Entrada da escola parque, ao lado da Praça cinética

## 6. Palmeira Juçara *Euterpe edulis* Palmeira



Locais do projeto: Canteiro no centro da Praça do Alto Adeus

## 7. Palmeira Macaúba *Acrocomia aculeata* Palmeira



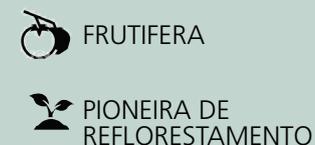
Locais do projeto: Canteiro no centro da Praça do Alto Adeus

## 8. Embaúba Prata *Cecropia hololeuca* árvore grande porte



Locais do projeto: Todos os canteiros e caminhos (cresce rápido, ajuda as outras espécies e induz reflorestamento das encostas próximas)

## 9. Pitanga *Eugenia uniflora* arbusto / arvoreta



Locais do projeto: Próximo a blocos habitacionais, Subida Convite a Favela Subir e Praça Cinética

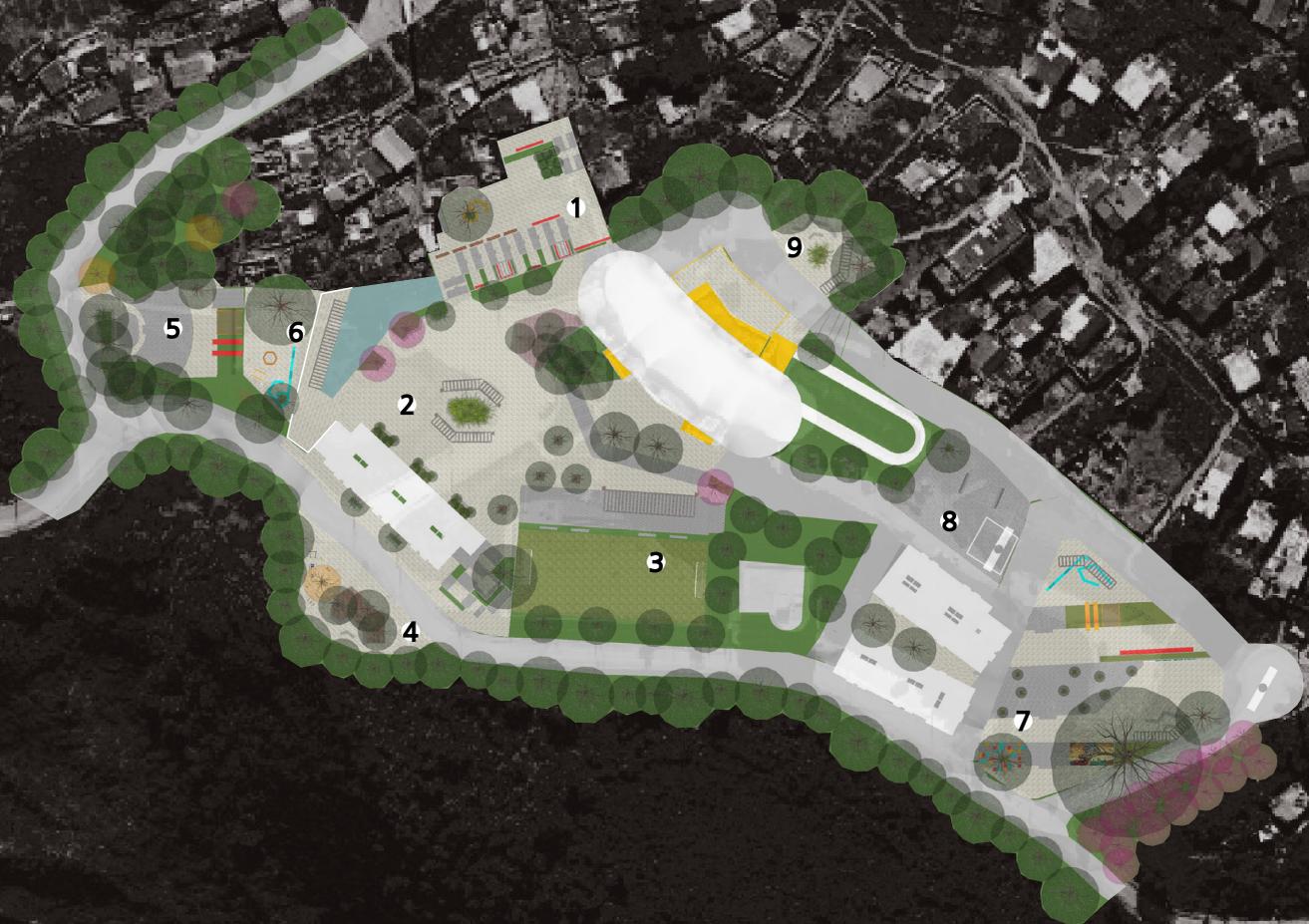
## 10. Pau-brasil *Caesalpinia echinata*

## 11. Pau-cigarra *Senna multijuga*

## 12. Manacá da serra *Tibouchina mutabilis*

## 13. Aroeira Pimenta *Schinus terebinthifolius*

## 14. Embaúba vermelha *Cecropia glaziovii*



**1** Subida convidativa-  
conexão topo

**2** Praça do Alto  
Adeus

**3** Campo de Futebol

**4** Praceta das  
Jabuticabeiras

**5** Anfiteatro

**6** Praceta Parquinho

**7** Praça Cinética

**8** Skate- Parque

**9** Praceta Embarque-  
Desembarque

PLANTA BAIXA GERAL  
**ENSAIO PROJETUAL**  
ESC. 1/7.500

1 km





Praça do Alto Adeus

Subida Convidativa  
conexão favela - topo



Praça Cinética



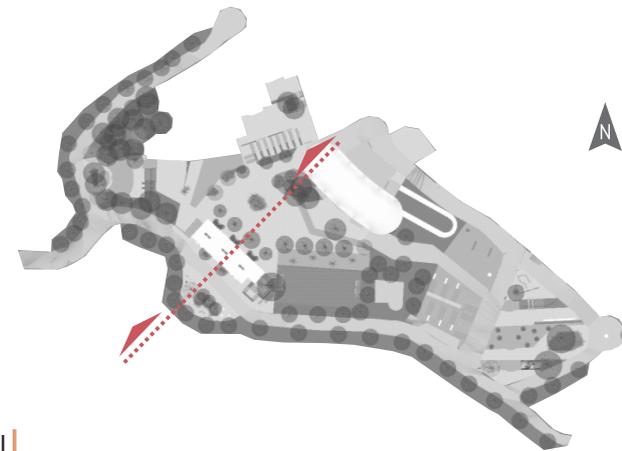
Anfiteatro e Praceta Parquinho



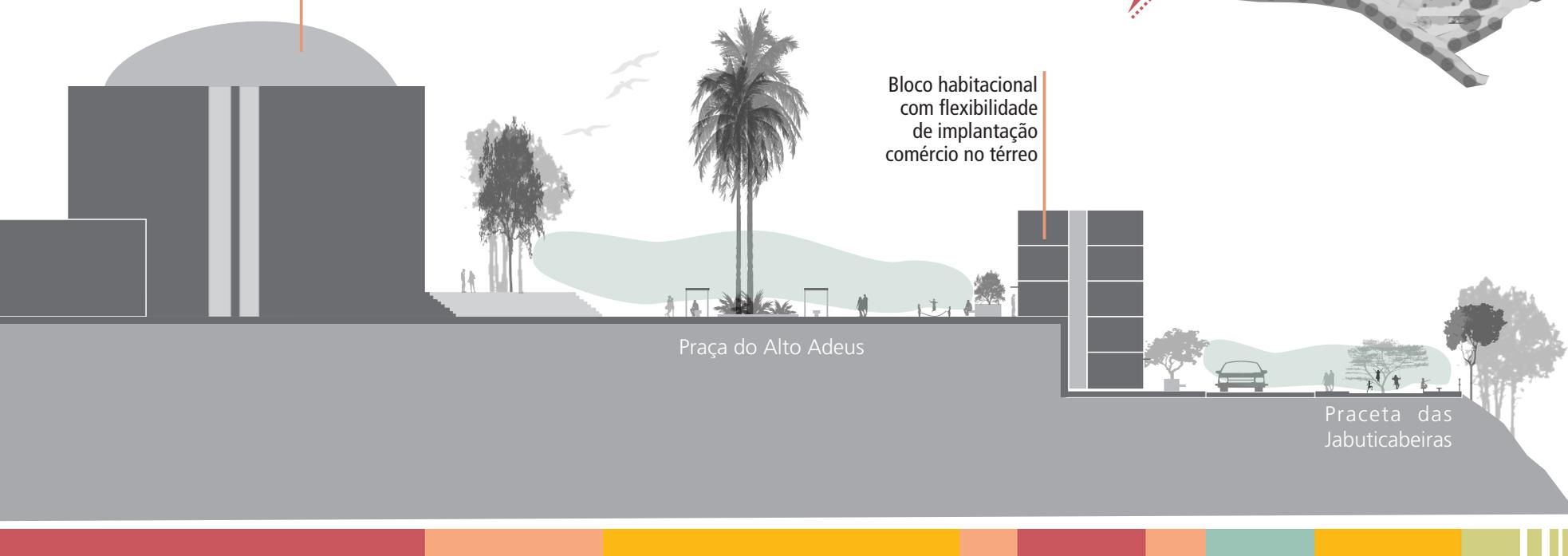
Praceta das Jabuticabeiras



Edificação da  
estação do  
teleférico do  
Adeus



Bloco habitacional  
com flexibilidade  
de implantação  
comércio no térreo



Praça do Alto Adeus

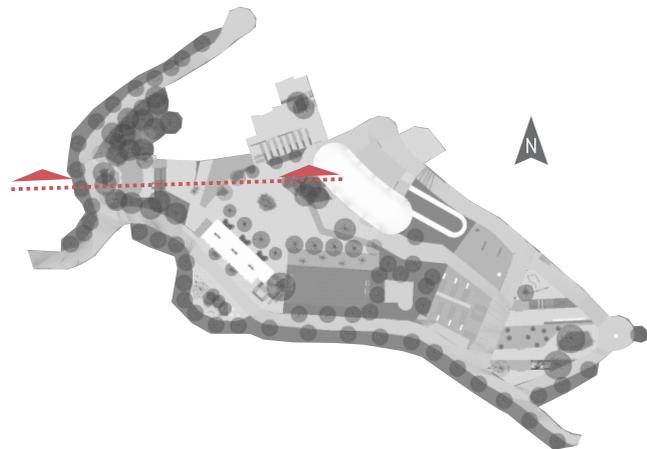
Praceta das  
Jabuticabeiras

-  Volume edificado (envolvendo espaços livres públicos)
-  Espaços de transição
-  Espaço livre público acolhedor de livre apropriação
-  Via pública carroçável - com características de rua
-  Início da encosta de recuperação ambiental

 Ambiência acolhedora criada  
ao nível dos olhos

CORTE AA

ESC. 1/500



Edificação da  
estação do  
teleférico do  
Adeus

Edificação  
cultural-Escola  
Parque

Praça do Alto Adeus

Praceta-parquinho

Anfiteatro

- Volume edificado (envolvendo espaços livres públicos)
- Espaços de transição
- Espaço livre público acolhedor de livre apropriação
- Via pública carroçável
- Início da encosta de recuperação ambiental

Ambiência acolhedora criada  
ao nível dos olhos

## CORTE BB

ESC. 1/500

## 1. Subida convidativa conexão favela topo

Esse espaço livre público se insere em uma área bastante próxima às casas da favela, sendo em parte envolvido por estas. Nessa área propõe-se uma área livre que tem a vantagem de ser bem próxima aos usos cotidianos da favela existente, podendo funcionar como uma extensão das casas no entorno imediato.

Nesse espaço preocupou-se em vencer o grande desnível através de escada que possua patamares intermediários, como pausas ao percurso de subida. Nessas pausas, oportunidades para sentar sozinho ou em grupo. Também foi pensado na colocação de canteiros durante a subida, dando oportunidade para o plantio de hortas urbanas.

Abaixo da escada de subida colocou-se pequenas unidades comerciais que poderiam atender a demandas locais de pequenos serviços, além de conformar junto com as casas os espaços vazios.



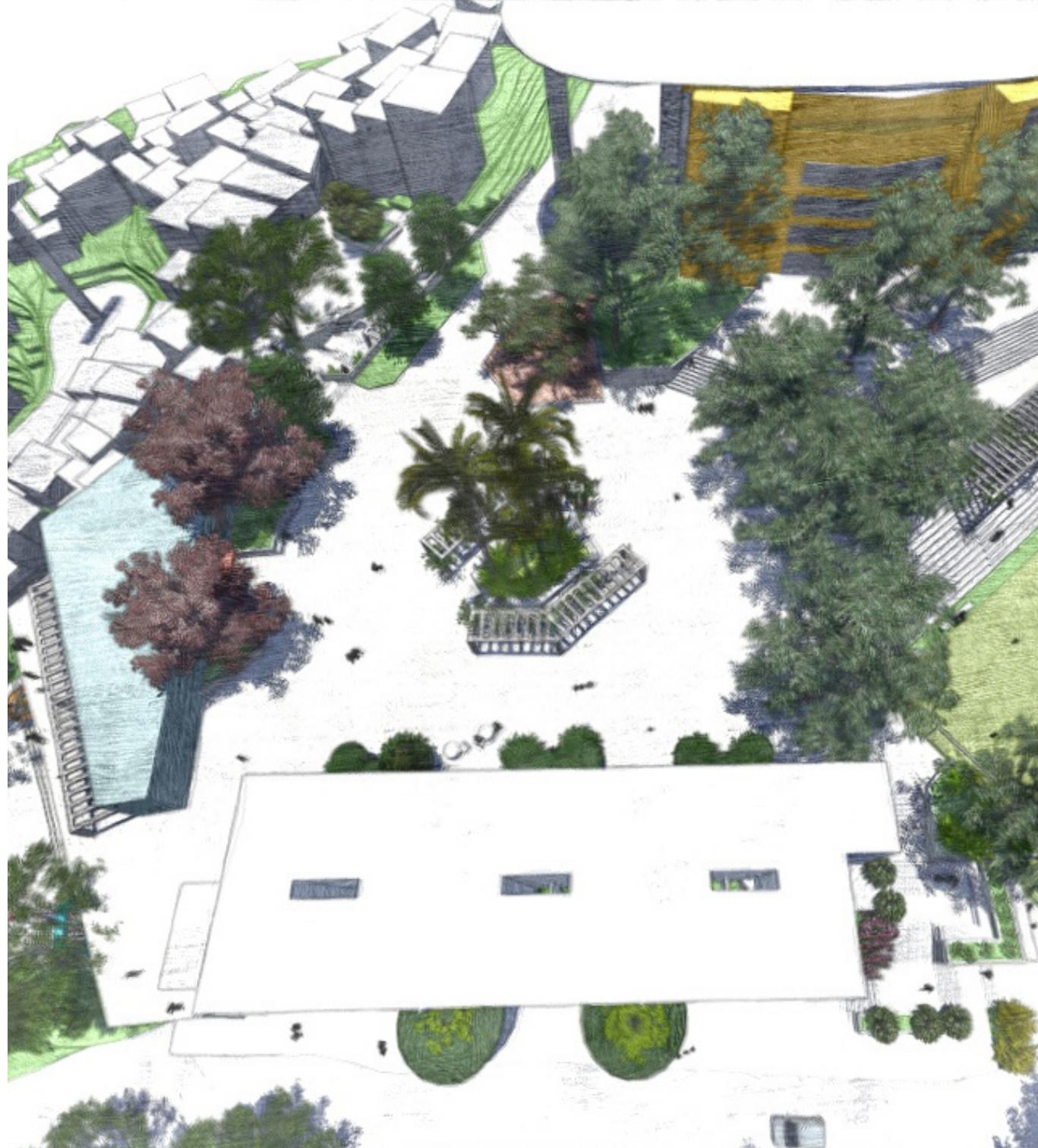


## 2. Praça do Alto Adeus

A Praça do Alto Adeus se propõe a ser uma superfície pública de livre apropriação com características acolhedoras. A praça que pretende se tornar um grande espaço de encontro, está envolta por uma edificação cultural, um novo bloco habitacional e a própria edificação do teleférico.

O bloco habitacional proposto, prevê projeto que possibilite implantação de comércio no térreo pelos próprios moradores. Desse modo, a praça funciona também como extensão dessa edificação podendo ser colocados mesas para fora pelos comércios e serviços que possam vir a surgir a partir da possibilidade de empreendedorismo dos próprios moradores.

A edificação cultural também pode estender suas atividades para o espaço livre, seja para a praça do Alto Adeus, seja para os espaços livres em que ela se conecta. Na área de transição contígua a edificação cultural foram propostas canteiros para o plantio de árvores de sombra associados a bancos que favorecem conversas em grupo.





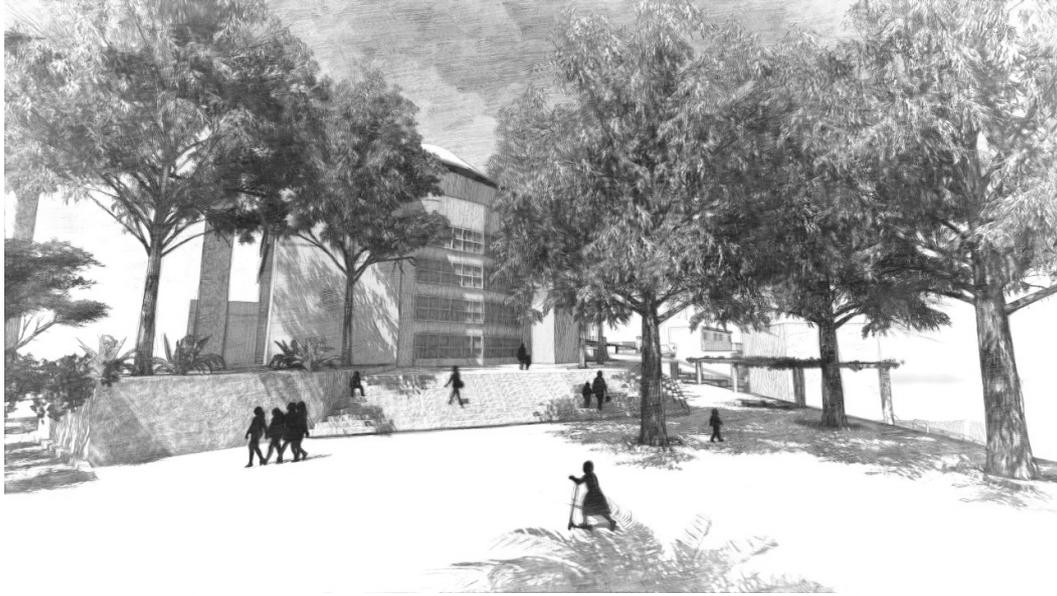
Entre a edificação do teleférico e a praça, foi criado um patamar intermediário, pois a as mesmas encontram-se em níveis distintos. Dessa forma, buscou-se promover um desenho que permitisse a sensação de continuidade e convite.

A praça é o espaço do “entre” essas três edificações de usos distintos. Para além das edificações, a vegetação de árvores da mata atlântica fortalece o envolver da praça. A vegetação também desempenha importante papel na promoção das sombras, frutos e atração da flora.

Como marcação de uma centralidade e ponto focal para os diversos caminhos por onde se pode chegar na praça, propôs-se um canteiro de palmeiras e embaúbas da Mata Atlântica que são marcantes por sua verticalidade e forma diferenciada em relação às demais árvores propostas para a praça.

A praça pretende tanto atender a usos ordinários do dia-a-dia, tais como brincadeira das crianças próximo às suas casas, transito de pessoas que estão indo ou saindo do teleférico; como abrir a possibilidade para realização de eventos, festividades, feiras etc.





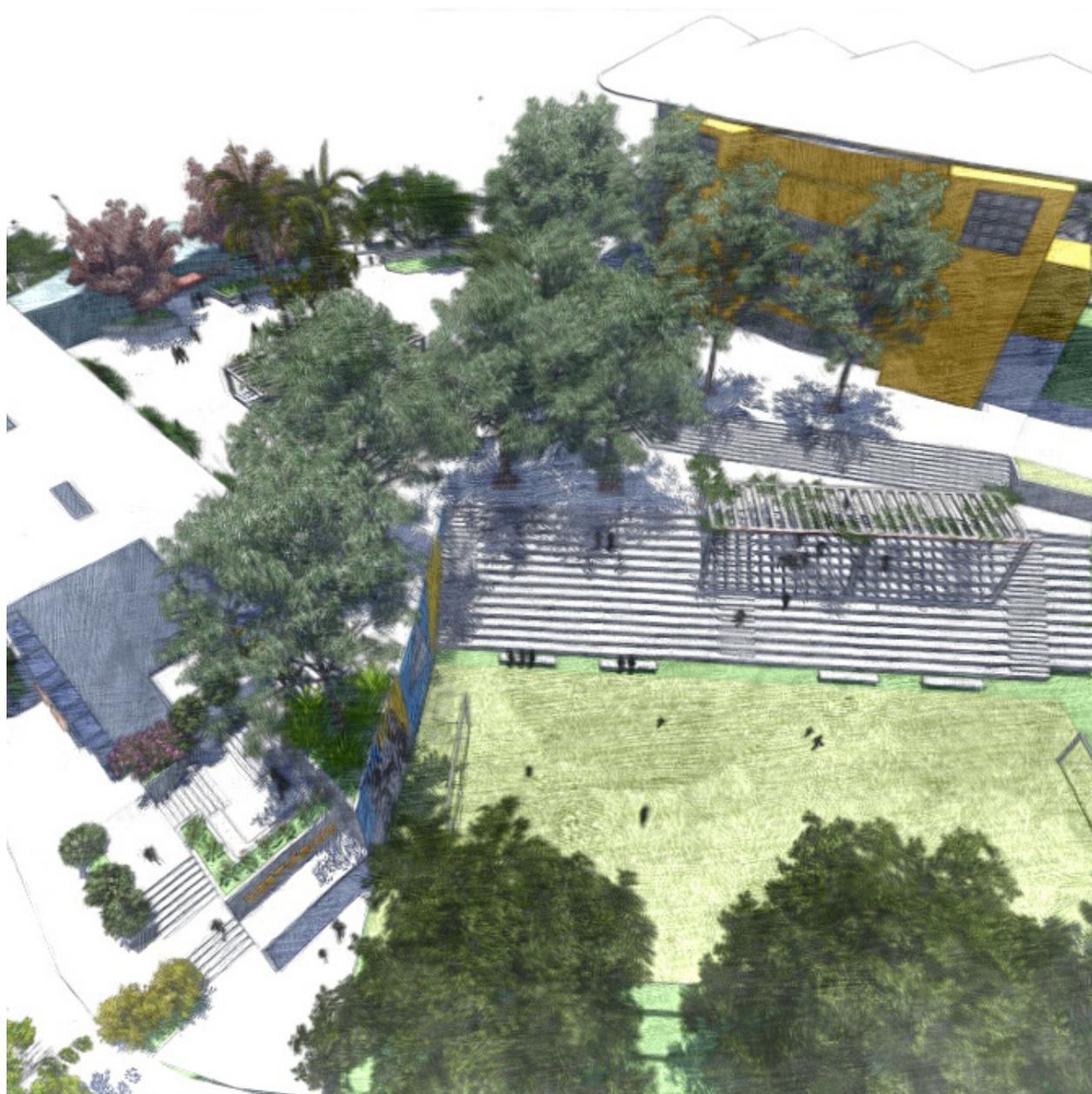
### 3. Campo de futebol

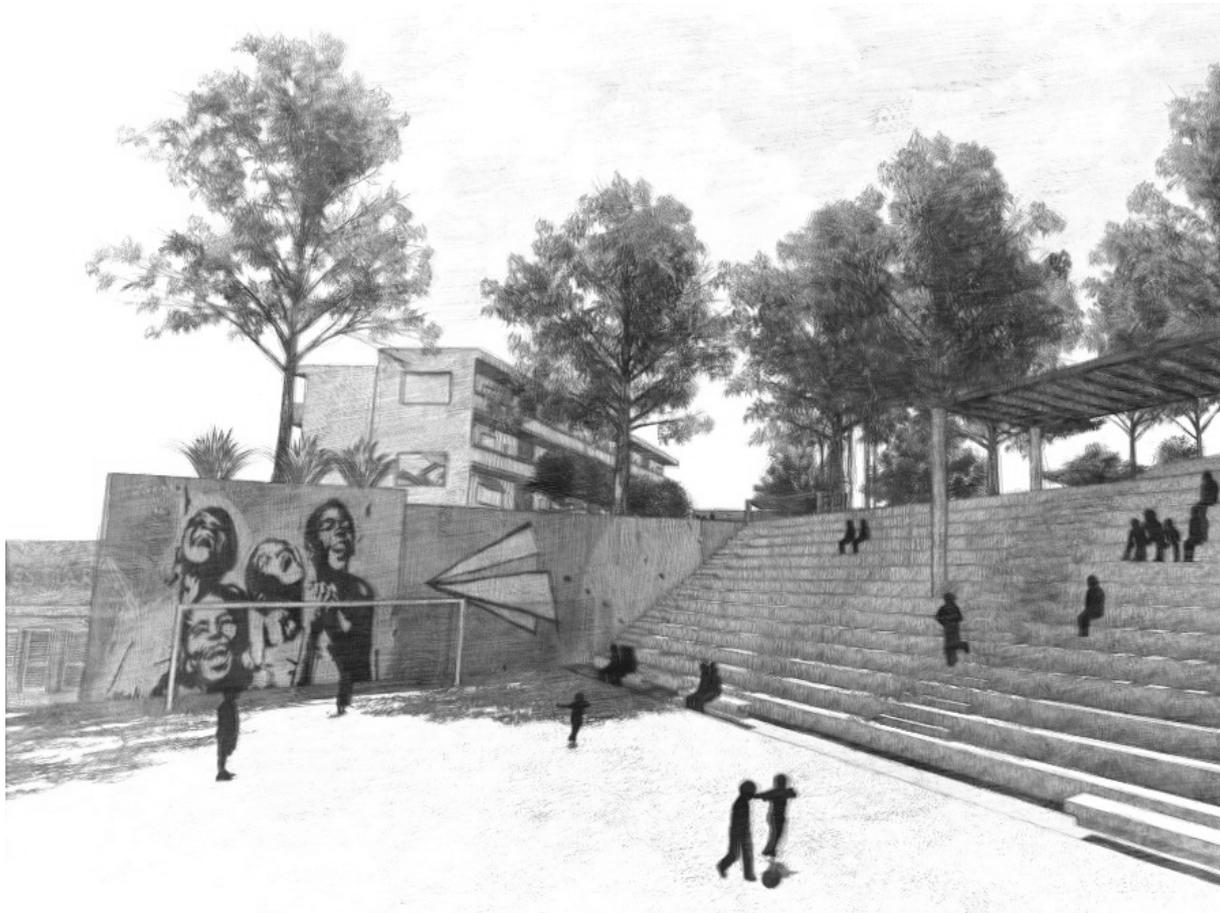
O campo de futebol é um espaço bastante simbólico no sentido que é o único elemento no topo do morro que permanece no mesmo local desde antes da intervenção do PAC. Sendo, nesse sentido, uma espécie de referência espacial. Também é um espaço que segue sendo usado pelos moradores, como foi comentado na pesquisa de campo.

Foi estruturado uma arquibancada contígua ao campo, aproveitando desnível existente entre o nível do campo e o nível da praça. Assim, a arquibancada, além de dar oportunidade de reunir pessoas para assistir aos jogos e possíveis eventos, também estabelece uma melhor relação de continuidade entre os níveis.

Nessa arquibancada foi proposta uma estrutura de pergolado para proporção de área com sombra para os espectadores de um jogo em dia de sol. Nas periferias do campo e da arquibancada também é proposto o plantio de árvores de sombra da Mata Atlântica.

Ao lado do campo também é proposto uma infraestrutura de vestiários e banheiros como apoio às atividades da escolinha de futebol. Uma infraestrutura que foi reivindicada pelos moradores foi uma melhor drenagem do campo para os períodos chuvosos.





## 4. Praceta das Jabuticabeiras

A praceta das jabuticabeiras corresponde a atual praceta 01, descrita no capítulo dois deste trabalho. A localização e formato do piso permanecem, mas propõe-se uma nova relação desta praça com os elementos espaciais do entorno e de sua própria configuração.

A proximidade com o bloco habitacional permite que a praça seja movimentada pelos moradores dessa nova edificação. O térreo do bloco habitacional, que permite instalação de comércio, estabelece relação de continuidade como espaço livre da praceta.

Em seu perímetro de intercessão com a encosta vegetada propõe-se massa vegetal de árvores que envolvem o espaço e possam porte para não parar as visuais e sim emoldurá-las. Foi proposto no centro da praça um grande canteiro brincante. Nesse canteiro seriam plantadas jabuticabeiras, espécie da Mata Atlântica frutífera e convidativa à subida e brincadeira das crianças. No piso em terra do canteiro propõe-se colocação de elementos simples que podem também despertar a imaginação infantil como pedaços de troncos, percurso de equilíbrio, dentre outras possibilidades.

Uma das sugestões dos moradores, durante a pesquisa de campo, foi a instalação de equipamentos de academia ao ar livre. Considerou-se que esse seria um bom espaço, tendo em vista sua nova relação de proximidade com as habitações. Também seriam mantidas algumas mesinhas de concreto existentes, mas agora em local sombreado e mais acolhedor.

Próximo ao limite com a encosta e no perímetro do canteiro brincante também foi proposto bancos que tanto servem de apoio aos acompanhantes das crianças, como também propicia a contemplação da vista da encosta e da cidade.

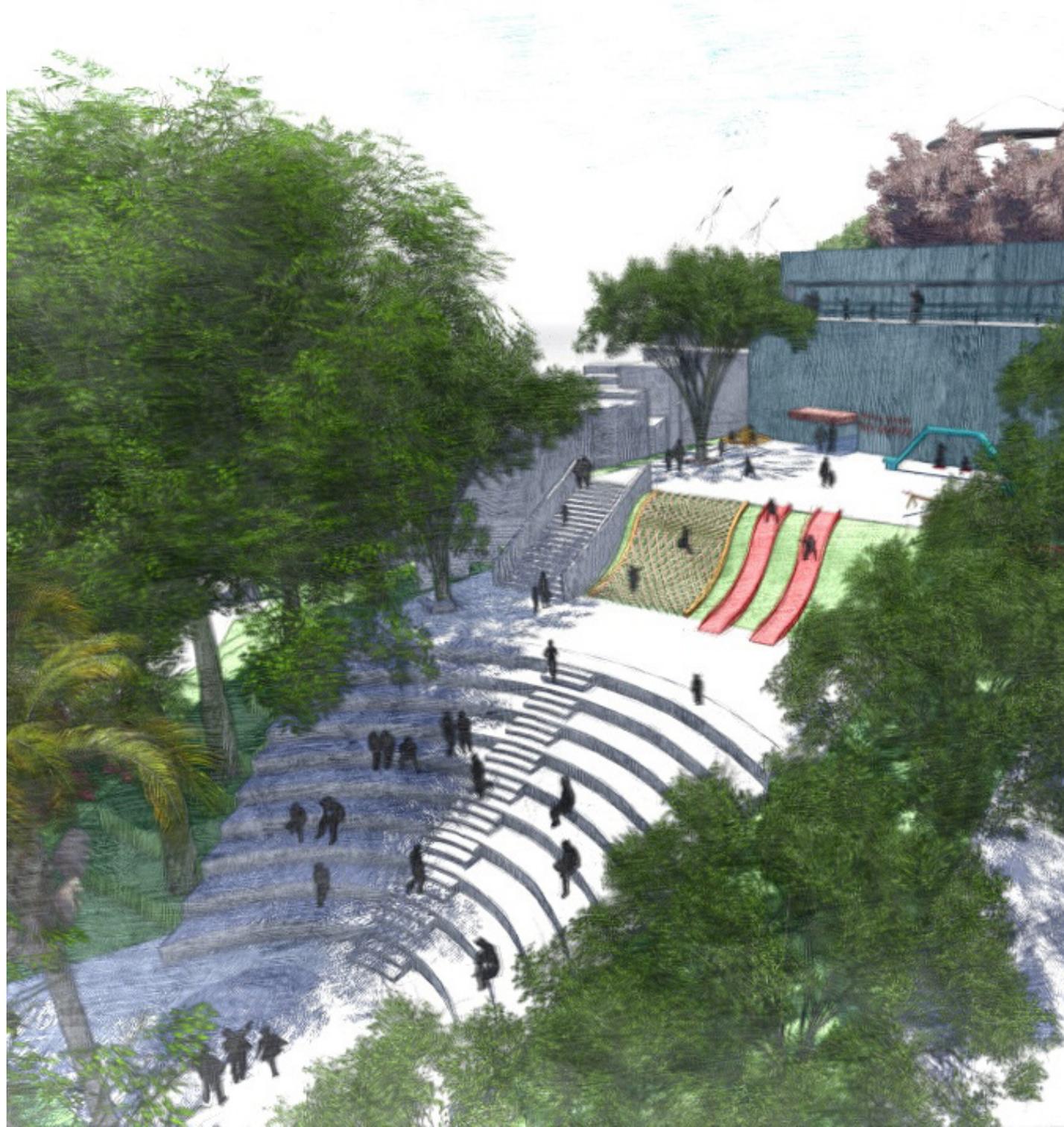


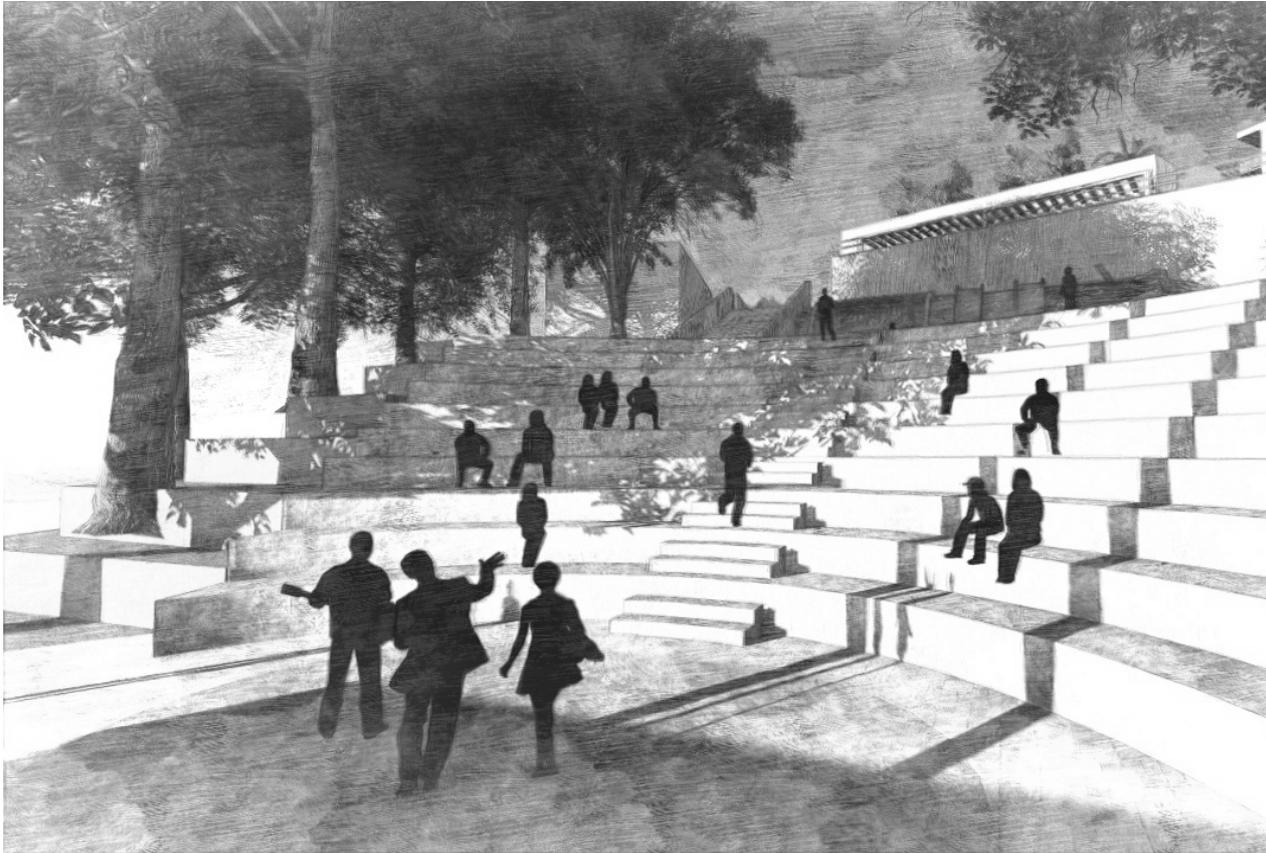


## 5. Anfiteatro

O anfiteatro proposto é adaptado à topografia do lugar onde está inserido. Sua localização também é estratégica, pois é uma continuidade da edificação cultural. Dessa maneira, pode funcionar como suporte a desdobramentos das atividades culturais propostas pelo equipamento urbano. Nas laterais do anfiteatro é mantida uma parte da encosta vegetada. Nessa área não pavimentada, propõe-se o plantio de árvores de médio e grande porte. Dessa forma, o ambiente cimentado do anfiteatro pode ser sombreado e “abraçado” pelo sentido de plano dado através dos troncos das árvores.

Embora não tenha sido um equipamento solicitado diretamente na pesquisa de campo, considerou-se oportuna a inserção desse equipamento, uma vez que foi identificado o grupo de ballet e que o anfiteatro contribui para a continuidade dos espaços diante da topografia acidentada. O anfiteatro também funcionaria como uma extensão do parquinho, a ser comentado no próximo item.





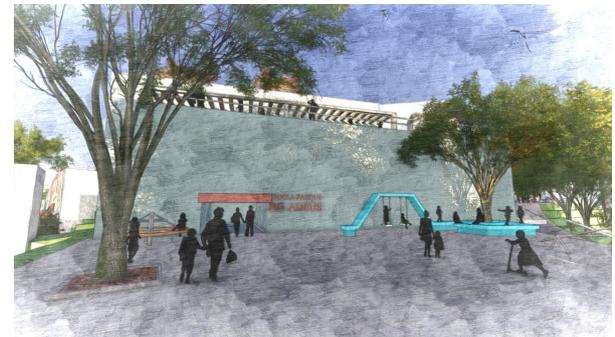
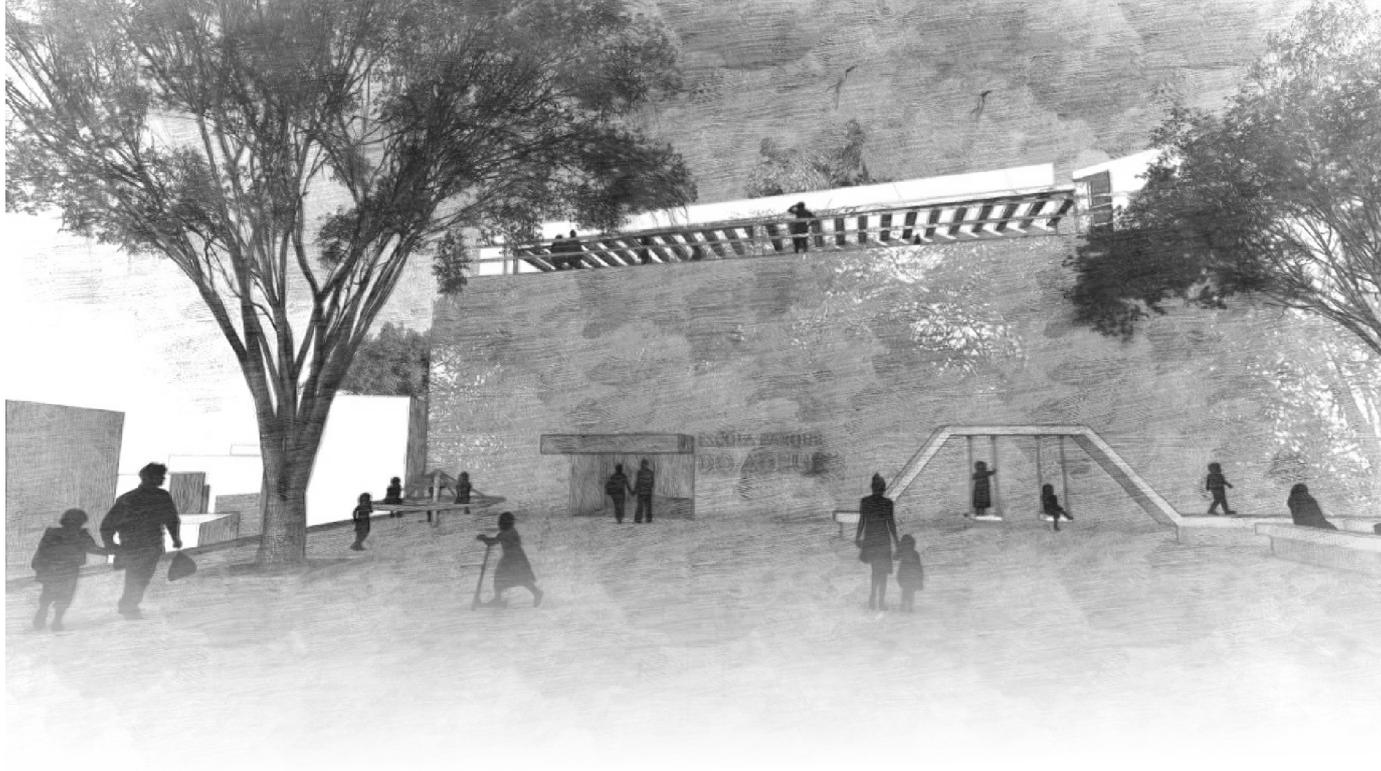
## 6. Praceta-parquinho

A praceta parquinho proposta, corresponde a atual praceta-mirante 2, descrita no segundo capítulo deste trabalho. Como visto, esse espaço já é utilizado atualmente como espaço de brincadeira, embora os equipamentos sejam de malhação e estejam deteriorados. Nesse sentido, a proposta é melhor equipar o espaço com mobiliário lúdico e promover o sombreamento da área.

É proposto que seja implantado um equipamento cultural ao lado dessa praceta, uma escola parque que poderá abrigar as aulas de ballet, uma biblioteca e outras atividades culturais e profissionalizantes. A edificação da escola parque conecta o nível da Praceta-Parquinho ao nível da Praça do Alto Adeus, sendo possível ir de uma para outra por circulação vertical por dentro da edificação. Esse posicionamento próximo entre uma edificação pública cultural e esse espaço livre foi considerado importante por diversos motivos. Um deles é o apoio que o equipamento cultural pode fornecer a manutenção da praceta. A edificação cultural pública também pode servir de abrigo as crianças quando houver o início de um conflito armado no espaço público, oferecendo sensação de segurança para a brincadeira.

Conectando o nível da praceta-parquinho com o início do anfiteatro, propõe-se a extensão do parquinho utilizando a encosta vegetada como apoio para escorregas e malha de cordas para escalada. Os níveis do anfiteatro também funcionam como extensão do território lúdico, à medida que as próprias crianças podem reinventar o sobe e desce dos níveis de livre apropriação e o palco.





## 7. Praça cinética

Conformada pelo traçado das vias propostas atrás da edificação do teleférico, a nova área livre pública criada vence um grande desnível (15m). De uma forma geral, a conformação da Praça cinética, busca instigar o movimento e a reunião de amigos. Tanto há um convite a subir e descer os desníveis de forma criativa e brincante como há espaço para sentar e conversar na sombra de árvores e pergolados.

Assim como a praqueta- parquinho, a Praça Cinética é configurada como um espaço lúdico, porém com algumas características diferentes. Enquanto a praqueta parquinho se destina a crianças menores, na faixa dos 6 a 14 anos, a Praça Cinética, juntamente com o skate-parque, é destinada a jovens e adultos a partir dos quinze anos.

Esse espaço livre em níveis conecta os seus quatro patamares de diferentes formas: muro de escalada, encosta vegetada com brinquedos, subida em cubos etc. Também como forma de vencer um dos desníveis, uma escada-arquibancada é proposta com alguns canteiros para arbustos frutíferos, que tem a função de sombread áreas de sentar e despertar o interesse pelos frutos.

Encaixado no desnível topográfico, propõe-se a inserção de um cine-escola. A favela atualmente



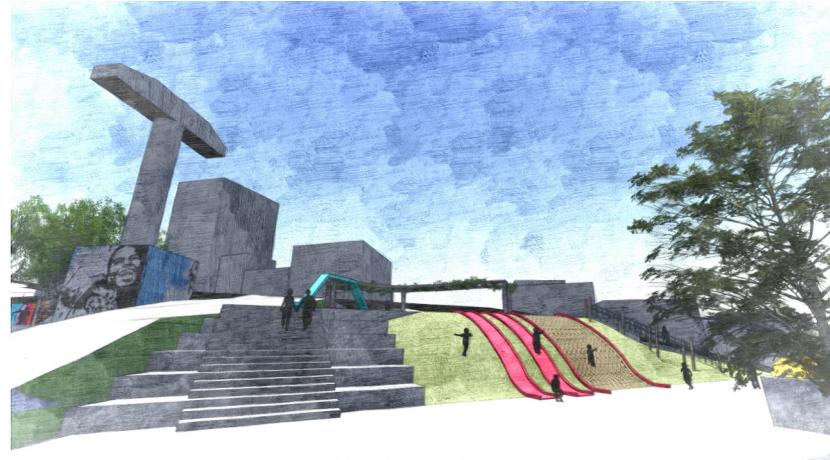
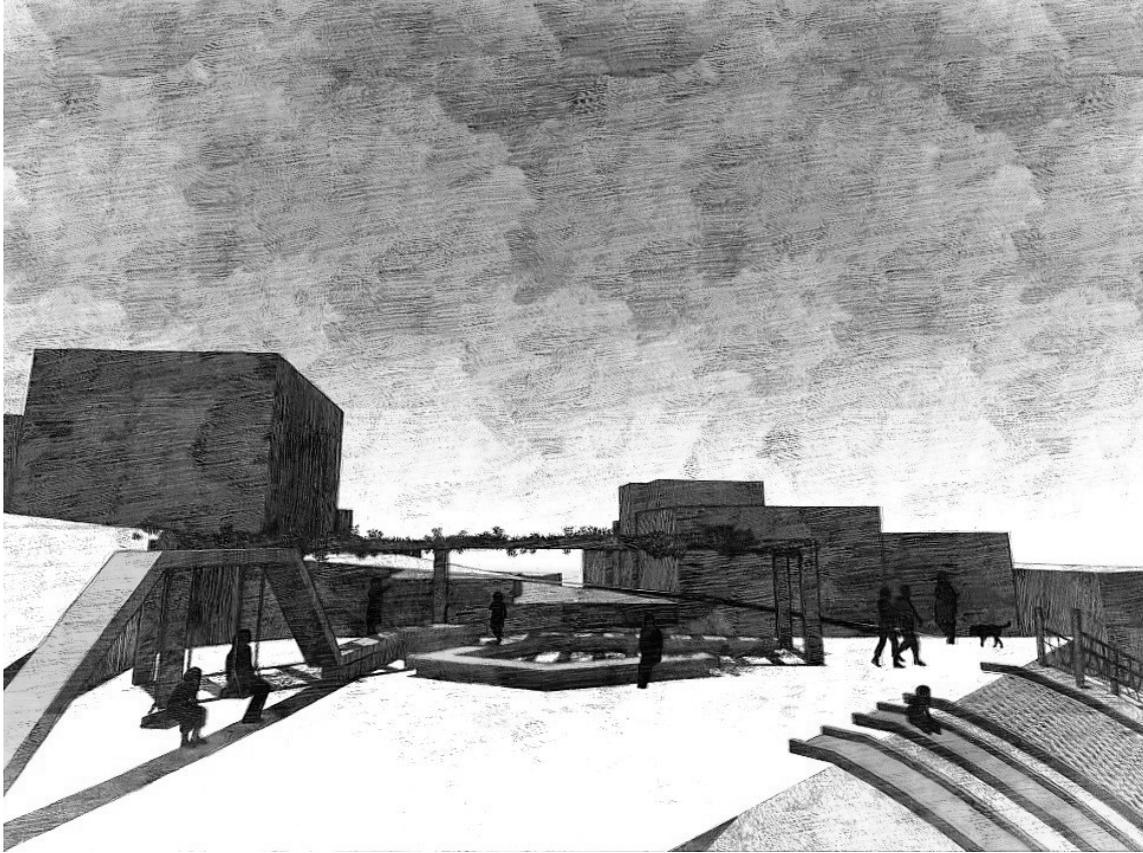


tem a produção audiovisual como uma atividade muito potente para quebrar estigmas e envolver a juventude criativa.

Durante esse tempo em contato com o Complexo do Alemão entrei em contato com alguns grupos organizados de mídia independente de favela que buscam protagonizar suas próprias narrativas através da potência da produção audiovisual no mundo contemporâneo. Alguns desses grupos são: Vozes das Comunidades (jornal local sediado na parte baixa do Morro do Adeus); Gato Mídia (mídia alternativa de favela); Favela Doc do Instituto Raízes em Movimento (produção independente de documentários voltados a memória da favela); Papo Reto (coletivo de defesa de Direitos Humanos que utiliza o audiovisual de celular como principal contra-arma).

Nesse contexto, propor um cinema é propor um lugar de encontro para troca de experiências desses coletivos, lançamentos de suas produções primeiro em seus territórios, para depois expandir para à cidade e para o mundo. Ao mesmo tempo, é possível disponibilizar equipamentos, espaço e equipe de suporte para fortalecer as potencialidades locais em audiovisual. O uso convencional do cinema, também pode acontecer para todos os moradores. O cinema da Nova Brasília, na Praça do Conhecimento, também no Complexo, tem tido uma experiência positiva nesse sentido.





## 8. Skate-parque

O Skate- Parque, em conjunto com a praça cinética, se configura como um equipamento atrativo para adolescentes e jovens. O espaço livre desse equipamento estabelece relação de proximidade tanto com novo bloco habitacional proposto, como com algumas casas remanescentes da favela. Esse espaço se configura como relativamente árido, pois como está localizado imediatamente abaixo dos cabos do teleférico, não é recomendado que sejam plantadas árvores. De certa maneira, a aridez do concreto com a possibilidade do colorido do grafite, pode configurar uma linguagem interessante para linguagem do skate. Esse espaço livre está inserido no entorno de uma das torres de sustentação dos cabos do teleférico, elementos já existentes e bem marcantes na paisagem.

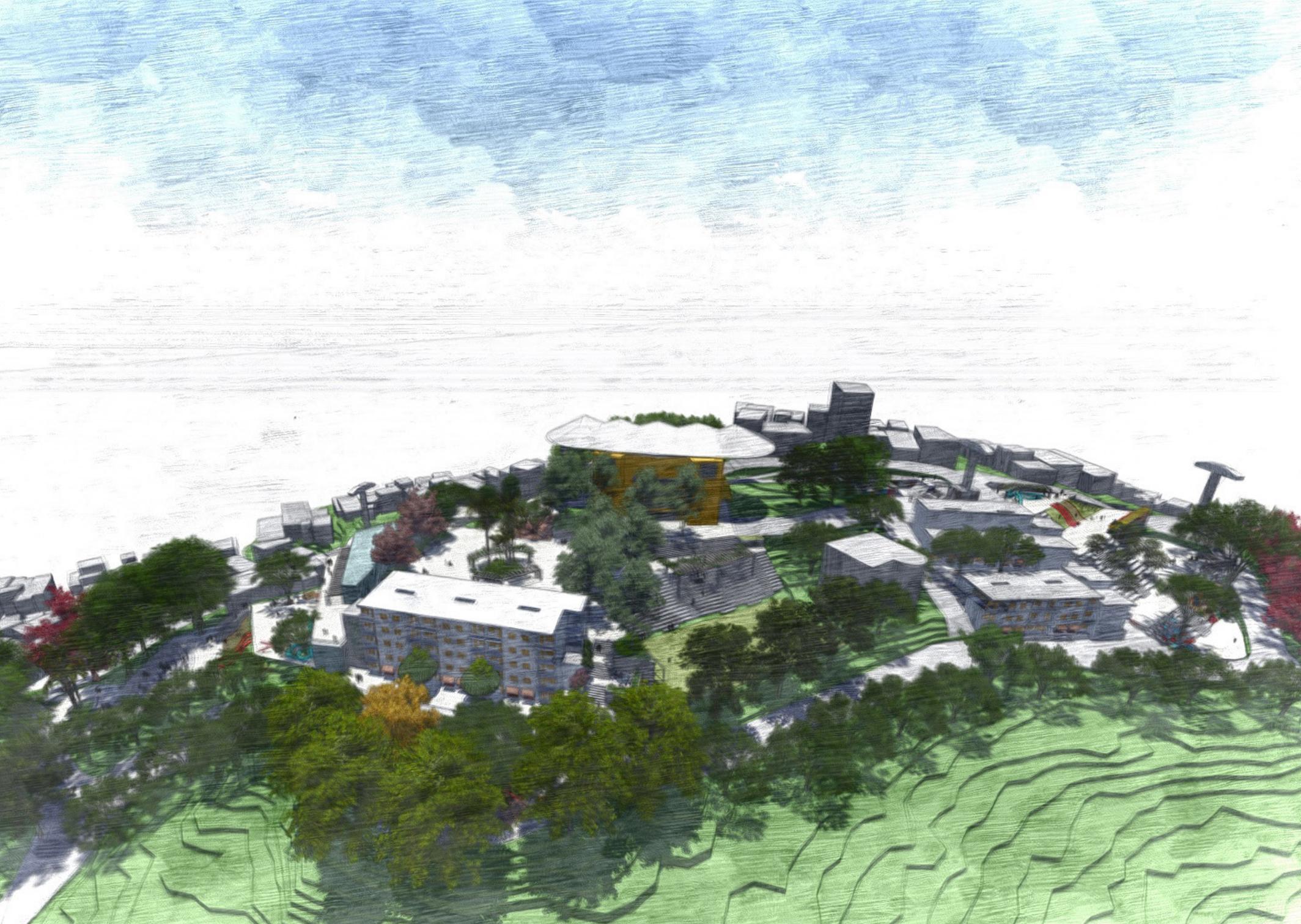


## 9. Praceta Embarque - Desembarque

A praceta embarque-desembarque corresponde a praceta-mirante 03, descrita no capítulo 2 deste trabalho. Para este espaço propõe-se o plantio de arvores em seu entorno para gerar sombra e sensação de envolvimento/acolhida. No centro da praceta, é proposto um rasgo no piso, para implantação de canteiro para plantio de palmeiras da Mata Atlântica (Juçara e Macaúba). Esse canteiro no centro uma massa vegetal alongada, propiciará sentido de ponto focal e ponto de encontro. Um mobiliário de bancos e pérgolas também é proposto nas áreas sombreadas pelas arvores e pérgolas.

A chegada da via até essa entrada da edificação do teleférico abre a possibilidade para que um novo fluxo de pessoas possa acontecer nesse local. Se considerarmos o retorno do funcionamento do teleférico, os novos usos e atrativos no alto do Morro do Adeus, e a possibilidade de conexão do teleférico com os outros modais da favela, é possível que essa praceta se torne um ponto chegada, partida e espera.







## Deixa o Menino Jogar (Natiruts)

O valor de um amor não se pode comprar  
Onde estará a fonte que esconde a vida  
Raio de sol nascente brotando a semente

Os anos passam sem parar  
E não vemos uma solução  
Só vemos promessas de um futuro  
Que não passa de ilusão  
E a esperança do povo  
Vem da humildade de seus corações  
Que jogam suas vidas, seu destino  
Nas garras de famintos leões

Deixa o menino jogar ô iaiá  
Deixa o menino jogar ô iaiá  
Deixa o menino aprender ô iaiá  
Que a saúde do povo daqui  
É o medo dos homens de lá  
A sabedoria do povo daqui  
É o medo dos homens de lá  
A consciência do povo daqui  
É o medo dos homens de lá

O valor de um amor não se pode comprar  
Onde estará a fonte que esconde a vida  
Raio de sol nascente brotando a semente  
Sinhá me diz porque é que o menino chorou  
Quando chegou em casa e num canto escuro encontrou  
A sua princesa e o moleque fruto desse amor  
Chorando de fome sem saber quem o escravizou

Deixa o menino jogar ô iaiá  
Deixa o menino jogar ô iaiá  
Deixa o menino aprender ô iaiá  
Que a saúde do povo daqui  
É o medo dos homens de lá  
A consciência do povo daqui  
É o medo dos homens de lá  
Sabedoria do povo daqui  
É o medo dos homens de lá

Música de reggae

Fonte: <https://www.letras.mus.br/ponto-de-equilibrio/987626/>



# 5.

Considerações  
Finais, Anexos  
e Referencias  
Bibliográficas

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo contribuir no campo do projeto paisagístico de espaços livres públicos, abordando o tema de urbanização de favelas. Através da análise do espaço resultante da intervenção do PAC-Favelas no alto do Morro do Adeus observou-se que a lógica que guiou as decisões de projeto dessa intervenção ainda esteve bastante influenciada pela cultura remocionista, embora o discurso seja o da urbanização. Observou-se também que a população do Morro do Adeus não reconhece os espaços livres públicos implantados por essa intervenção. Atualmente, esses espaços encontram-se subutilizados.

Na busca de estabelecer estratégias de desenho urbano que melhor dialogassem com os espaços proporcionais à escala humana da favela, foi realizada uma revisão bibliográfica relacionada a esse tema. A partir da análise do espaço na situação atual e do referencial bibliográfico, lançou-se um ensaio projetual para uma nova conformação de paisagem urbana para o alto do Morro do Adeus.

No caso do Morro do Adeus, a situação atual apresentou a existência de diversas áreas vazias que puderam ser utilizadas pela proposição de projeto. É provável que em outras situações de projeto em favelas o cenário seja diferente, devido a alta

densidade de casas nas favelas. Nesse sentido, talvez a área do projeto chamada – Subida Convidativa –, na qual teve de se pensar um pequeno espaço conformado por edificações da favela já existentes, se assemelhe mais com desafios de projeto em outras favelas mais densas. Porém, é válido ressaltar que esse campo de estudo precisa ser maior aprofundado por outras pesquisas admitindo-se que cada local a ser estudado trará desafios diferentes, enriquecendo o campo de estudo de diferentes formas. No caso do Morro do Adeus o desafio esteve em dar novo significado a uma área subutilizada produzida a partir de uma intervenção do poder público que não estabeleceu diálogo com as reais demandas e dinâmicas locais.

Outro ponto em que este trabalho buscou avançar foi em questionar a dicotomia, entre favela e paisagismo. Foi sugerido enfaticamente no trabalho que os moradores devem ser incluídos e beneficiados pelas ações de educação ambiental e plantio de árvores da Mata Atlântica no morro pela CEDAE. A medida em que a presença da arborização nativa próxima às casas da favela aumenta, pode-se trazer maiores benefícios para a qualidade de vida na favela. Os moradores da favela podem passar a se tornar agentes ambientais do cotidiano.

Foi enfatizado também que um viveiro inserido em uma favela não deve focar apenas no reflorestamento das encostas, mas também na arborização que traga qualidade ambiental aos espaços livres públicos da favela. A arborização nesses espaços livres pode, inclusive, induzir o reflorestamento de encostas inacessíveis uma vez que muitas espécies pioneiras se propagam com facilidade para as proximidades pela ação natural do vento e da flora. Uma vez que a população passar a se afeiçoar com

as espécies vegetais e se beneficiar de suas sombras, frutos e propriedades medicinais, a população terá maior cuidado com essa natureza e potencializar-se-á a sobrevivência e multiplicação das espécies de reflorestamento. É preciso romper com essa dicotomia de que onde há cidade/favela não pode haver natureza, ou de que é preciso necessariamente remover as pessoas para a recuperação ambiental. Nesse sentido, é importante lembrar que é reconhecido que a proximidade com a natureza traz benefícios à qualidade de vida e bem-estar das pessoas.

Um outro aspecto interessante que a pesquisa suscitou foi o pensar a favela dentro da disciplina da arquitetura e urbanismo não apenas como uma questão habitacional, mas como uma questão de paisagem urbana e de desenho urbano. Nesse contexto, também é importante ressaltar que ao se pensar soluções para o gigantesco déficit brasileiro por habitação digna, a questão da paisagem urbana deve estar presente nas soluções, seja na intervenção em favelas ou na proposição de novas unidades de habitação de Interesse Social.

Neste trabalho, embora não tenha sido aprofundado os desenhos da arquitetura interna das edificações, foram propostos alguns blocos habitacionais. Essas novas unidades habitacionais buscaram se inserir na paisagem urbana da favela contribuindo para conformar espaços livres públicos acolhedores e dialogar com o seu entorno. A possibilidade de implantação de comércios no térreo, em cômodo extra, dentro das próprias unidades habitacionais, buscou considerar a incorporação de uma dinâmica comum que já ocorre nas diversas unidades habitacionais autoconstruídas. Essa possibilidade de facilitar a

implantação de comércios no térreo, também proporciona o diálogo desses blocos edificados com o espaço livre do entorno, alimentando de vida urbana e serviços, que beneficiam toda a comunidade no local.

No tema do desenho urbano que busque dialogar com a morfologia da favela, esse trabalho construiu um caminho de elaboração de estratégias para conformação de espaços livres públicos inspirado na fala de autores que abordam características da cidade tradicional que valorizavam da escala humana na cidade. Porém, é certo que esse tema precisa ser melhor aprofundado, tendo como base espaços urbanos brasileiros e, dentro desse universo, incluir espaços urbanos da favela para aprofundamento da produção de conhecimento nesse tema.

Ainda nesse aspecto do desenho urbano no contexto de uma favela carioca, a questão da topografia acidentada de morro foi um dos desafios do projeto. A realização de uma maquete física e uma maquete virtual tendo como base as curvas de nível do local foi o caminho encontrado para melhor compreender essa configuração espacial. A investigação projetual levou a proposição de espaços livres em níveis (patamares), o aproveitamento de encostas vegetadas para instalação de brinquedos para as crianças, como escorregas e cordas de escalada, etc. Também foi considerado que edifícios públicos poderiam conectar diferentes níveis através de circulação vertical interna (escadas rolantes e elevadores). Para as escadarias nos espaços públicos buscou-se, na medida do possível, a inserção de patamares intermediários com mobiliários de descanso.

Também é importante salientar a importância da postura de escuta que a pesquisa buscou ter, sobretudo na condição da autora de outsider da cidade do Rio de Janeiro e do do espaço da favela. Nesse sentido, a metodologia de observação participativa estabeleceu postura de escuta e diálogo com moradores comuns, lideranças locais e grupos sociais organizados atuantes no local: Associação de Moradores do Morro do Adeus, grupo de ballet Na Ponta dos Pés e viveiro da CEDAE.

A partir dessa atividade de escuta e interação com esses grupos, havia a intenção de aprofundar o ambiente de troca de conhecimentos a partir de atividades, utilizando a maquete física do local, para identificar percepções dos moradores de pontos positivos e negativos e sugestões projetuais colaborativas para o espaço. Porém, essas oficinas não puderam ocorrer devido a mudança do cenário de tranquilidade ocorrida a partir de junho de 2017. A partir dessa data, como já foi mencionado, houve um período de conflitos e tensões no espaço público do Morro do Adeus que inviabilizou por um tempo as atividades da pesquisa de campo.

Merece ser pontuado, também, que o cenário desejável para o futuro das pesquisas em favelas deve apontar para um ambiente acadêmico de produção do conhecimento em que houvesse mais estudantes, profissionais e pesquisadores que tivessem a favela como seus locais de vida. Nesse sentido, é de fundamental importância ampliar e fortalecer as políticas de inclusão dentro das universidades e a democratização do ensino superior em geral.

## O projeto urbano-paisagístico na favela e na periferia como uma das formas de fortalecer o Direito à Cidade.

“Democratizar o acesso ao lazer e contato com a natureza através da distribuição espacial equilibrada dos espaços livres públicos ” foi um dos itens da Carta de Diretrizes Paisagísticas para as Cidades Brasileiras do Século XXI” lançada no ENEPEA Salvador, em 2016. Essa carta foi produzida coletivamente pelos participantes do evento em workshop em que participei da organização, juntamente com o orientador dessa pesquisa. A referida carta trabalhou com o conceito de ‘Direito à Paisagem’, como desdobramento do ‘Direito à Cidade’. O tema central do evento era: “Paisagismo necessário / verde social”.

Nos últimos anos o tema do Direito à Cidade muito tem sido debatido nas esferas do poder público e da academia, sobretudo desde o lançamento da Lei do Estatuto da Cidade (2011). O Direito à Cidade, conceitualmente, é um tema bastante amplo passível de diversas abordagens. A elaboração deste trabalho buscou disputar o conceito do Direito à Cidade também pela democratização dos espaços livres públicos de qualidade pensados para o convívio humano.

É também de grande importância que o Direito à Cidade dispute o direito à habitação digna, direito a infraestrutura urbana, direito à localização próxima às oportunidades de trabalho e serviços urbanos, direito à transporte público barato e eficiente para ampliar o acesso da população aos serviços urbanos nos bairros centrais, etc. Nenhuma dessas abordagens é menos importante, ao contrário, a luta e disputa pelo Direito à Cidade deve ser um mosaico de vários elementos.

# ANEXO 01.

## UNIDADES HABITACIONAIS COLOCADAS NO PROJETO

No Ensaio Projetual apresentado no capítulo 4, foi proposto três blocos habitacionais. Como a pesquisa tem como foco o tema do projeto de espaços livres públicos, não foi aprofundado no corpo do trabalho os projetos de arquitetura das edificações propostas, mas apenas sugerido sua volumetria e sua relação com a conformação e relação com o espaço livre público. Porém, é válido ressaltar que as volumetrias das edificações colocadas no projeto correspondem a espaços em que é possível desenvolver as funções a qual se propõe, tanto no bloco da Escola Parque como nos blocos habitacionais.

Nos blocos de habitação social, foram utilizadas unidades habitacionais desenvolvidos pela autora em outro trabalho acadêmico (VASCONCELOS, 2013), adaptados à realidade desse projeto. Nesse sentido, considera-se válido dispor neste anexo como se configuram as unidades habitacionais colocadas no projeto e de que forma essa adaptou-se a topografia acidentada do Morro do Adeus. Foi considerado a inclusão de cômodo flexível para implantação de comércio dentro das unidades habitacionais.

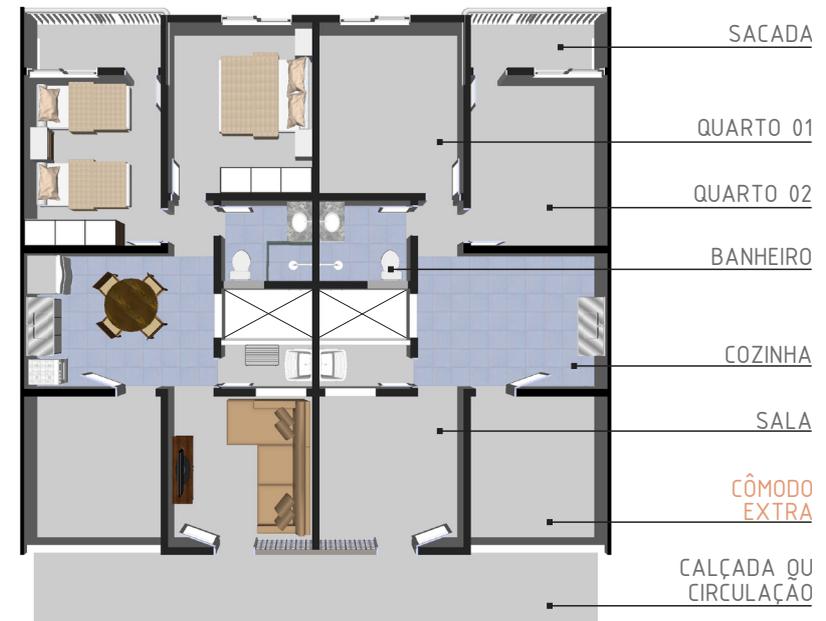
As unidades habitacionais possuem todos os cômodos básicos de uma casa (sala, cozinha, dois quartos, banheiro e pequena lavanderia) e um cômodo extra que se abre para fora e se conecta internamente tanto com a cozinha como com a sala. Essa configuração buscou trazer uma flexibilidade para a família poder utilizar esse cômodo extra de diversas formas, conforme a necessidade de cada unidade familiar. A conexão com a cozinha permite que o cômodo extra se torne um lugar de vender lanches, almoços ou um bar. A conexão com a sala permite a ampliação desse cômodo para ser um local de reuniões comunitárias. Mesmo sem se conectar com outros cômodos internos a abertura para fora permite que esse cômodo se torne uma pequena loja, ou um local de produção familiar de algum produto artesanal ou artístico. Também pode-se tornar mais um quarto da casa para as famílias que têm muitos filhos ou que recebam parentes por longos períodos de tempo.

Essa configuração que priorizou a sala e esse cômodo extra com comunicação direta com o exterior e circulação de pessoas, levou a necessidade de criar uma circulação de ar e exaustão para ventilação do banheiro e da cozinha, que não têm janelas

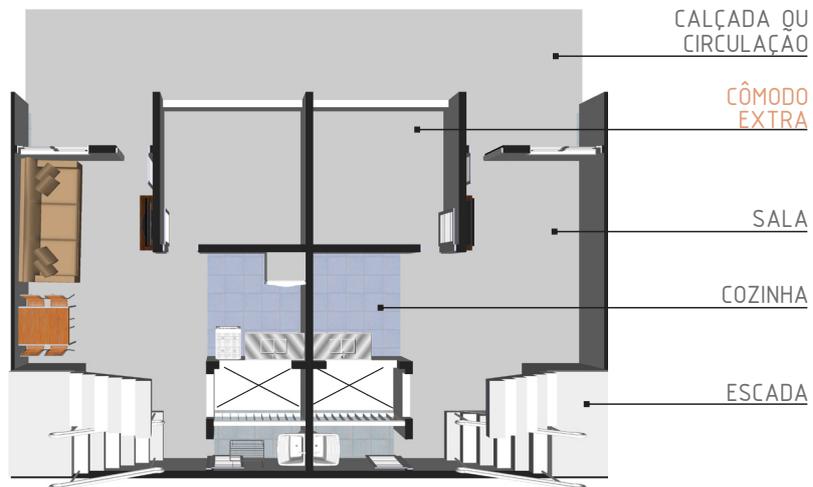
para fora. Foi priorizado que os quartos de dormir, ambientes de maior permanência, tivessem janelas para fora da edificação.

Esses cômodos-extra nas habitações tanto existe nas unidades térreas, como nas localizadas nos andares superiores e estão conectados ao corredor de circulação. Nesse sentido, também há a possibilidade para implantação de cômodos de trabalho ou comércio. É provável que nas unidades térreas sejam mais frequentes a instalação de comércios, mas essa possibilidade não é completamente vetada aos moradores dos andares de cima. Nesse contexto, costureiras, boleiras, manicures, chaveiros, marceneiros são alguns exemplos de profissões que podem melhor se desenvolver com a existência desse cômodo extra. Com o avanço da democratização do ensino superior é considerado que, em um futuro próximo e desejável, surjam também cômodos que se tornem pequenos escritórios de arquitetos, designers, advogados, engenheiros etc.

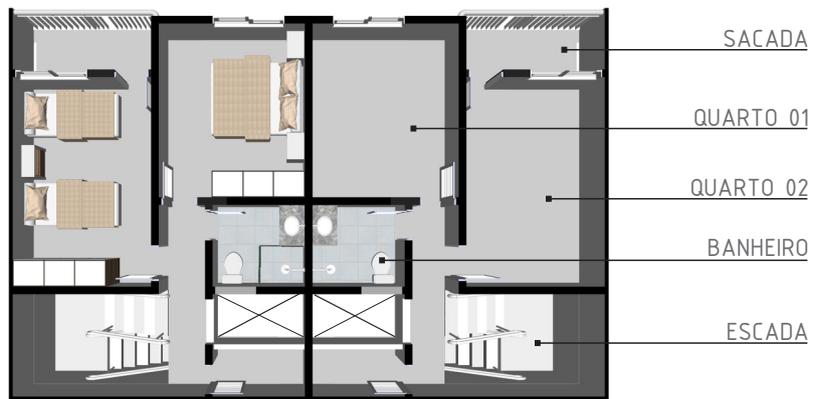
Todos esses serviços que podem surgir contribuem diretamente para a vitalidade urbana dos espaços livres públicos do entorno dessas edificações. Dessa forma, também é importante que a política pública atue em outros aspectos para impulsionar essa vitalidade urbana e a economia local. O bloco da Escola Parque, proposto no projeto, pode abrigar cursos de empreendedorismo e lançar programas que integrem formação técnica associada a concessão de microcrédito aos moradores



PLANTA ESQUEMÁTICA  
UNIDADE HABITACIONAL 01



PLANTA ESQUEMÁTICA  
TÉRREO UNIDADE HABITACIONAL 02  
TIPO SOBRADO



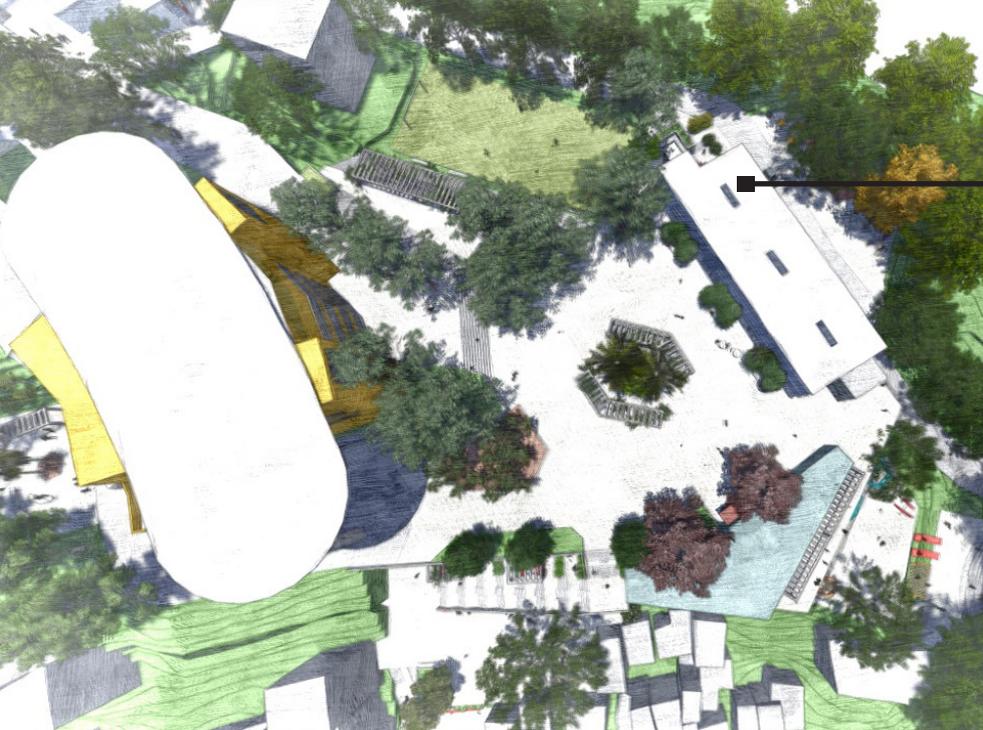
PLANTA ESQUEMÁTICA  
2 ° PAVIMENTO UNIDADE HABITACIONAL 02  
TIPO SOBRADO



- UNIDADE HABITACIONAL 01
- UNIDADE HABITACIONAL 02 - TIPO SOBRADO
- CONEXÃO CÔMODO EXTRA PARA COMÉRCIO  
COM ESPAÇO PÚBLICO
- VAZIO PARA VENTILAÇÃO

### CORTE ESQUEMÁTICO ADAPTAÇÃO DAS UNIDADES HABITACIONAIS À TOPOGRAFIA

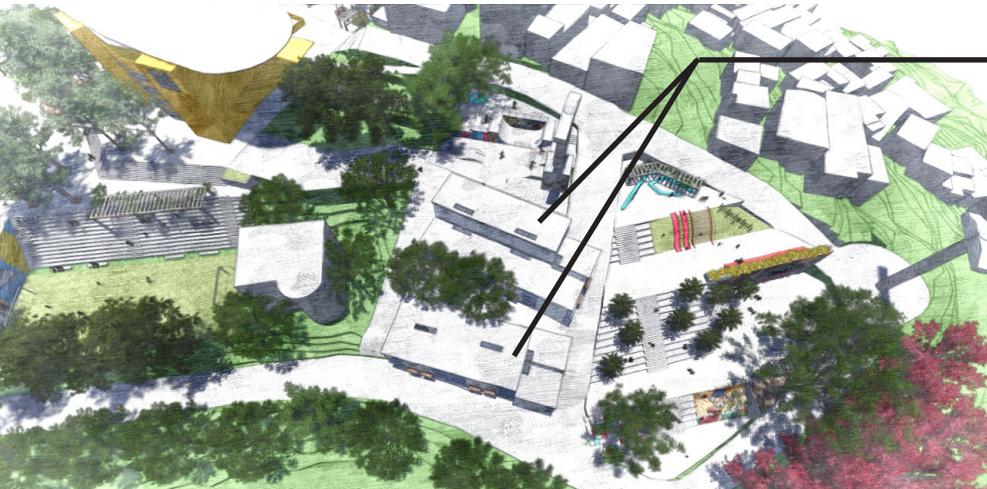
Na lateral do bloco habitacional 'A', que se encaixa entre os níveis da Praça do Alto Adeus e a Praceta das Jabuticabeiras, foi proposto um elevador público para melhorar a acessibilidade entre esses espaços livres. O elevador, de uso aberto à população, poderia receber supervisão e manutenção ou da Escola Parque, equipamento público cultural localizado ao lado, ou da própria estação do teleférico do Adeus. Seguem, nas páginas seguinte, imagens ilustrativas da relação entre os blocos habitacionais e os espaços livres públicos propostos.



## **BLOCO HABITACIONAL A**

Conecta-se com as praças  
Alto do Adeus e Praceta das  
Jabuticabeiras





## **BLOCOS HABITACIONAIS B , C**

Conectam-se com a Praça Cinética e o Skate Parque



## **BLOCO HABITACIONAL C**

Conecta-se com o Skate Parque



# ANEXO 02.

## SOBRE A TORRE 8

Vale pontuar que o espaço da torre 8, analisado no capítulo 2 desta pesquisa, foi compreendido como um dos espaços importantes para ser qualificado no contexto do alto do Morro do Adeus. Ao mesmo tempo em que essa pesquisa foi realizada, houve um Trabalho Final de Graduação desenvolvido com foco na torre 8 pela arquiteta Caterina Tavares. No início da pesquisa de campo, algumas visitas ao Morro Adeus foram feitas em parceria, tendo em vista que ambos os trabalhos eram orientados pelo mesmo professor orientador, que também nos acompanhou nessas primeiras idas ao Morro do Adeus. Nesse sentido, foi acordado que ela teria como foco a torre 8 e que a pesquisa a ser desenvolvida por esse trabalho de mestrado trataria de forma mais ampla as demais áreas do topo do Morro do Adeus. Em seguida apresento a perspectivas do trabalho desenvolvido pela arquiteta Caterina Tavares.



## ANEXO 03.

# OFICINA DE SONHOS COLETIVOS DO MORRO DO ADEUS

Como foi mencionado no capítulo 2, a partir do diálogo constante desta pesquisa com a Associação de Moradores do Morro do Adeus, o viveiro da CEDAE e o Projeto Na Ponta dos Pés foi idealizado um bloco de atividades com o objetivo de ampliar a reflexão acerca dos espaços livres públicos do Morro do Adeus e mobilizar uma ação para intervir em um dos espaços. As atividades descritas neste anexo não ocorreram devido a situação de conflitos que se iniciaram no mês de junho, já mencionados nesse trabalho. Porém, vale ressaltar que ainda existe o plano de apresentar o resultado dessa pesquisa para os moradores do Morro do Adeus e organizações atuantes e, com isso, restabelecer o diálogo a partir das análises, reflexões e Ensaio Projetual que esta pesquisa propôs.

A idealização da Oficina de Sonhos do Morro do Adeus teve como inspiração o conceito de “ecologia dos saberes” proposto por Boaventura de Sousa Santos. Para Santos (2007) essa nova forma de pensar o mundo a partir da ecologia de saberes permitiria a co-presença e co-validade de todos os conhecimentos possíveis de todas as culturas de todos os povos, não devendo existir uma hierarquia entre os conhecimentos e nem um sistema que os classifique como verdadeiros ou não, legais ou ilegais etc. O autor defende que o pensamento científico continue com sua importância, coexistindo, mas sem o caráter de sobreposição e superioridade em relação às outras formas de conhecimento. A utilização de um ou outro conhecimento para as intervenções necessárias no mundo real deverá ser feita caso a caso, de acordo com o princípio da prudência e análise de cada situação específica. A prudência dentro da ideia de ecologia de saberes seria considerar o máximo possível de visões dos grupos envolvidos.

Nesse contexto, foi feita uma pesquisa sobre metodologias de processos participativos para montar uma programação que guiasse as reflexões e diálogos entre os grupos envolvidos. Foi considerado, nesse sentido, o Manual de Metodologias de Participativas para o Desenvolvimento Comunitário, desenvolvido pela USP em parceria com Universidade York no Canadá e o Instituto Ecoar; o manual “ Vamos Ouvir Crianças? (CECIP, 2013) e o manual de Metodologias do Jogo OASIS do Instituto Elos.

Após a leitura dessas referências e conversas com os grupos envolvidos foram propostas algumas atividades. As primeiras atividades buscariam escutar os desejos e sonhos dos moradores

em relação ao Morro do Adeus e identificar pontos positivos e problemáticas dos territórios utilizando a maquete física e percursos pelo território. Seriam também utilizadas outras atividades de desenho e manipulação na maquete física do território. Essa etapa inicial seria de grande importância para guiar as decisões e prioridades do ensaio Projetual desta pesquisa.

Em uma segunda etapa seria feita uma intervenção simbólica em um dos espaços. A partir das reuniões para organização das atividades, foi definido em comum acordo entre os envolvidos, que a praça 2 seria o espaço escolhido a receber essa intervenção, por ser a praça onde as crianças já brincam. Nesse sentido, seria realizada uma atividade de plantio de mudas com o objetivo de gerar sombra nesse espaço, com articulação com o viveiro. Seria dada prioridade a espécies frutíferas. Funcionários do viveiro já haviam entrado em contato com supervisores e confirmado participação.

Dessa forma as crianças participantes dos projetos sociais do futebol e do ballet adotariam as mudas plantadas. Os professores do futebol e do ballet também já estavam envolvidos na organização dessa atividade. Além do Plantio a ação previa também a confecção de alguns brinquedos.

A associação de moradores já havia iniciado uma movimentação para arrecadação de materiais como pneus, tintas e madeira. Havia também a previsão da realização de uma horta que seria supervisionada pela dona Clotilde com auxílio de funcionários do viveiro. Essa ação não seria uma solução para a complexidade da problemática local. A ação teria sentido simbólico de catalisar

a atuação conjunta desses grupos para melhorar um de seus espaços livres e também para impulsionar a atuação do viveiro na arborização com foco na qualidade ambiental de espaços de convívio e reflorestamento de percursos sem sombra.

Segue a programação que estava prevista para oficina de sonhos coletivos do Morro do Adeus e alguns dos flyers com a divulgação das atividades.



<b>Sábado</b> 01/julho	Dia de mudar olhar, quais são as belezas e os recursos daqui?
<b>Terça</b> 04/julho	Dia de identificar os lugares importantes... Como eles são? Como você gostaria que eles fossem?
<b>Quinta</b> 06/julho	Dia de identificar os talentos locais... Qual seu talento? Quem você conhece que é um talento?
<b>Sábado</b> 08/julho	Dia de sonhar junto uma realidade melhor para o Morro do Adeus... Qual seu sonho? O que do seu sonho parece com o meu?
<b>Terça</b> 11/julho	Dia de se dividir em equipes de trabalho e ir conhecer as árvores da Mata Atlântica do viveiro...
<b>Quinta</b> 13/julho	Dia de criar... Dia de planejar...
<b>Sábado</b> 15/julho	De decidir todo mundo junto como vai ser a ação/mutirão afinal...Dia de fazer maquete....
<b>Terça</b> 18/julho	Dia de fazer lista de materiais e se dividir para ir conseguir tudo!
<b>Quinta</b> 20/julho	Dia de trazer todos os materiais e preparar tudo para a mão na massa do sábado...
<b>Sábado</b> 22/julho	Dia de botar a mão na massa e transformar o lugar...
<b>Domingo</b> 23/julho	Dia de ver espaço transformado e celebrar...

**1º dia** – Sábado 01/07

***Dia de mudar olhar, quais são as belezas e os recursos daqui?***

Atividades:

1. Vamos começar se apresentando:
  - Apresentação de cada um, expectativas de cada um
  - Apresentação da oficina– princípios, atividades, objetivos etc...
  - Filmes curtos sobre experiências de intervenções
2. Jogo dos óculos da abundância:
  - Saída pela comunidade com os óculos da abundância– Identificar 5 belezas e 5 recursos
  - Retorno e compartilhamento das percepções. Fazer mural do Olhar da abundância + Identificação na maquete/mapa
3. Linha do tempo:
  - Dividir em duplas e pedir para cada dupla fazer uma linha do tempo do Morro do Adeus – passado, presente e como imagina o futuro + apresentação

**2º dia** - Terça 04/07

***Dia de identificar os lugares importantes... Como eles são? Como você gostaria que eles fossem?***

Atividades:

1. Jogo dos primos turistas vindos do Nordeste:
  - Dividir em duas (ou mais) equipes
  - Cada equipe irá imaginar a situação hipotética que existe um grupo de primos que chegaram de outra cidade e vem conhecer o Morro do Adeus, cada equipe terá que elaborar um percurso para apresentar o Morro do Adeus para os primos explicando quais são os lugares onde as pessoas se encontram, onde as crianças brincam (jogam ou dançam), quando tem festa, onde elas acontecem etc...
  - Cada equipe irá fazer uma lista dos lugares importantes. Para cada lugar os pontos fortes (características positivas) e os pontos fracos (características negativas) e se elas pudessem transformar esses espaços o que elas fariam? (fazer desenho)
  - Identificar no mapa os espaços afetivos falados
  - Fazer painel coletivo dos pontos fortes e fracos dos lugares
  - Sair em grupo, fazendo o percurso e apresentando para “primos distantes” os lugares

**3º dia** - Quinta 06/07

***Dia de identificar os talentos locais... Qual seu talento? Quem você conhece que é um talento?***

Atividades:

1. Identificar os talentos:

- Rodada para cada pessoa falar qual o seu talento (uma coisa que gosta muito de fazer). Cada um falar também de um talento de uma outra pessoa que esteja presente na roda e um talento de uma pessoa que não está presente, mas que mora no Morro do Adeus (pode um parente ou amigo)

*“Talento pode ser qualquer coisa que goste muito de fazer, como soltar pipa, dançar, contar piada, fazer desenhos, marcenaria, consertar coisas, cuidar de plantas, tocar um instrumento musical, cantar, etc...”*

- Definir desses talentos – quem dos talentos pode se apresentar nos próximos sábados de atividades e quem pode ajudar no mutirão.

*“Todo sábado pode ter um show de talentos”*

- Fazer Mural dos Talentos locais
- Fazer breve roda aberta para talentos

**4º dia** - Sábado 08/07

***Dia de sonhar junto uma realidade melhor para o Morro do Adeus...***

***Qual seu sonho? O que do seu sonho parece com o meu?***

Atividades:

1. Dinâmica árvore dos sonhos e muro das lamentações
  - Distribuir dois papéis para as pessoas em cores diferentes
  - Cada um escrever em um papel o que considera as principais pontos negativos do Morro do Adeus. E no outro papel qual escrever qual o sonho de cada um para o lugar, imaginando que tudo é possível, não há limitações para os sonhos!
  - Cada um falar o que escreveu. Explicar um pouco mais sobre os seus sonhos e ir colar no mural
  - Após todos já terem colado seus papéis no mural, identificar quais os sonhos temos incomuns ou quais sonhos se relacionam de alguma forma
  - Localizar na maquete/mapa onde e como esses sonhos podem se materializar no Morro do Adeus - Sonhe grande e junto!
  - Fazer votação para qual parte desse sonho grande podemos fazer um mutirão para realizar coletivamente

**5º dia** - Terça 11/07

***Dia de se dividir em equipes de trabalho e ir conhecer as árvores da Mata Atlântica do viveiro...***

Atividades:

**1. Formação de equipes para Grupos de trabalho**

- Apresentação de princípios de projeto – objetivos de cada elemento (arborização, brinquedos, horta, etc) e algumas referências de cada elemento.
- Divisão em Grupos de Trabalho:
  1. GT arborização
  2. GT parquinho
  3. GT mobiliário
  4. GT artes – pinturas, grafite, esculturas, etc...
  5. GT horta
  6. GT drenagem do campo de futebol
  7. GT Sonho maior – plano geral de ações para os espaços públicos do Morro do Adeus (Sugestão de grupos - aberto outras possibilidades)

**2. Visita ao viveiro da CEDAE**

- Apresentação do trabalho do viveiro e de espécies que são cultivadas da Mata Atlântica.
- Filme Florestas e a Água e/ou debate sobre utilização das espécies no nosso projeto à sombra das árvores.

**6º dia** - Quinta 13/07

***Dia de criar... Dia de planejar...***

Atividades:

- Ir ao local de intervenção e visualizar ideias no local da intervenção (levar papeis para fazer anotações e desenhos no local)
- Retorno e início da confecção da Maquete do local- com brinquedos do parquinho, árvores, mobiliário urbano, etc... (Interação e diálogo entre grupos - todos os grupos trabalham em uma mesma maquete)
- Grupo do “sonho maior” - realização de painel com sonho plano de intervenção e apontamentos na maquete grande do Morro.

**7º dia** - Sábado 15/07

*De decidir todo mundo junto como vai ser a ação/mutirão afinal...  
Dia de fazer maquete....*

Atividades:

- Grupo que veio na terça e na quinta, fazer apresentação das ideias já desenvolvidas durante a semana, com painéis, desenhos, e imagens de referência.
- Dividir em duas (ou mais) equipes para cada equipe fazer uma maquete do local da intervenção
- Equipes apresentarem suas maquetes e a partir do debate das melhores ideias gerar uma maquete só de todo mundo

**8º dia** - Terça 18/07

*Dia de fazer lista de materiais e se dividir para ir conseguir tudo!*

Atividades:

- Fazer lista de materiais da ação de acordo com a maquete e quantitativo aproximado
- Ver o que já temos de material na comunidade e o que teremos que conseguir
- Fazer divisão de tarefas para conseguir materiais

**9º dia** - Quinta 19/07

*Dia de trazer todos os materiais e preparar tudo para a mão na massa do sábado e domingo...*

Atividades:

- Mobilização para conseguir materiais e ir buscar e deixar próximo ao local do mutirão
- Ir convidando as pessoas enquanto busca materiais e reforçar convite em redes sociais
- Reunir para ver o que cada um conseguiu, se ainda falta alguma coisa.
- Planejar etapas do mutirão- quem fica responsável pelo que? Organizar em equipes de ação
- Confirmar com talentos artísticos para participar de festa de celebração/inauguração do espaço

**10º dia** – Sábado 22/07

*Dia de botar a mão na massa e transformar o lugar...*

Atividades:

- Mutirão de reforma do espaço
- Confeção de brinquedos de pneus
- Execução de horta
- Plantio de mudas de árvores no entorno do espaço e caminhos
- Pinturas/ desenhos de piso/pinturas de pneus
- Ação de drenagem do campo
- E tudo mais que tiver sido decidido coletivamente...

**12º dia** – Segunda-feira

*Dia de fazer balanço geral da experiência da oficina...*

Atividades:

- Rodada de reflexão 1: o que acharam, como cada um se sente com a experiência da oficina. Que bom! Que pena! Que tal?!
- Rodada de reflexão 2: Leitura das expectativas do primeiro dia. O que atendeu as expectativas, o que não atendeu, e o que superou as expectativas.
- Rodada de reflexão 3: Quais os próximos sonhos a serem realizados?
- Encerramento da oficina

**11º dia** – Domingo 23/07

*Dia de ver espaço transformado e celebrar...*

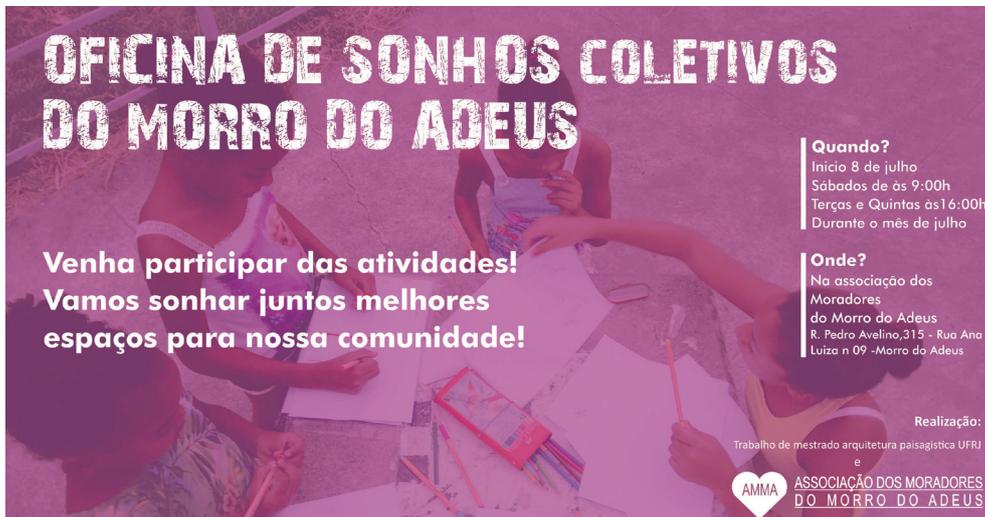
Atividades:

- Finalização do mutirão de melhoria do espaço
- Confraternização de inauguração
- Apresentação de talentos locais: balet, música, tc...)

**13º dia** - 6 meses depois

*Dia de se reencontrar e sonhar mais...*

- Rodada de reflexão 1: Como está o espaço hoje? Está sendo utilizado? O que mudou de antes para depois da intervenção?
- Rodada de reflexão 2: Quais os próximos sonhos a serem realizados?
- Apresentação do trabalho de mestrado
- Debate sobre apresentação do trabalho de mestrado: vocês se sentem representados por esse trabalho? Se fossem vocês que tivessem fazendo esse mestrado, o que teriam feito de diferente? Vocês consideram que a realização desse trabalho contribuiu para comunidade de vocês de alguma forma? De que forma?
- Abrir espaço para outros trabalhos falando sobre a experiência do workshop também apresentar (pode ser um trabalho de escola, uma redação, um artigo publicado, uma poesia, uma música, uma dança, etc...)



# OFICINA DE SONHOS COLETIVOS DO MORRO DO ADEUS

**Venha participar das atividades!  
Vamos sonhar juntos melhores espaços para nossa comunidade!**

**Quando?**  
Início 8 de julho  
Sábados de as 9:00h  
Terças e Quintas as 16:00h  
Durante o mês de julho

**Onde?**  
Na associação dos Moradores do Morro do Adeus  
R. Pedro Avelino,315 - Rua Ana Luiza n 09 -Morro do Adeus

Realização:  
Trabalho de mestrado arquitetura paisagística UFRJ  
e  
 ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO MORRO DO ADEUS



# OFICINA DE SONHOS COLETIVOS DO MORRO DO ADEUS

**Venha participar das atividades!  
Vamos sonhar juntos melhores espaços para nossa comunidade!**

**Quando?**  
No mês de julho  
Sábados as 9:00h  
Terças e Quintas as 16:00h

**Onde?**  
Na associação dos Moradores do Morro do Adeus  
R. Pedro Avelino,315 - Rua Ana Luiza n 09 -Morro do Adeus

Realização:  
Trabalho de mestrado arquitetura paisagística UFRJ  
e  
 ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO MORRO DO ADEUS

A OFICINA DE SONHOS COLETIVOS DO MORRO DO ADEUS FOI

# ADIADA

EM BREVE INFORMAREMOS NOVA DATA PARA INICIO  
PROVAVELMENTE SERÁ PRÓXIMO SÁBADO  
DIA 08 DE JULHO

A OFICINA DE SONHOS COLETIVOS DO MORRO DO ADEUS FOI

# ADIADA

EM BREVE INFORMAREMOS NOVA DATA  
PROVAVELMENTE SERÁ  
DIA 15 DE JULHO

## Cancelamento da Oficina de Sonhos Coletivos do Morro do Adeus

Devido aos acontecimentos do mês de junho e julho no Morro do Adeus, um período de muitos conflitos armados e algumas mortes no espaço livre público, a Oficina de Sonhos foi seguidamente adiada, até a decisão conjunta entre os colaboradores da organização que seria melhor cancelar.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUENO, Laura Machado Melo. **Projeto e Favela:** metodologia para projetos de urbanização. Tese de doutorado apresentada a FAUUSP. São Paulo, 2000.

CULLEN, G. **Paisagem urbana.** São Paulo: Martins Fontes, 1983.

CECIP. **Vamos ouvir crianças?** [Recurso eletrônico]: Caderno de Metodologias Participativas Projeto Criança Pequena em Foco/ [organização CECIP; textos de Beatriz Corsino Pérez, Mariana Dantas Jardim; ilustrações Claudius Cecon]. Rio de Janeiro: CECIP, 2013. Disponível em < <http://www.cecip.org.br/site/voz-as-criancas-2/>> Acesso em 20/05/2017.

DUARTE, Cristovão F. **Forma e Movimento.** Rio de Janeiro: PROURB, 2006,].

DUARTE, Cristovão F. **Reinvenção da Cidade.** Disponível em <https://cristovao1.wordpress.com/tag/cultura-urbana/>

DUARTE, Cristovão F. **Rio de Janeiro, doze décadas de favelas: da invisibilidade a onipresença.** In: LUCARELLI, Francesco, DUARTE, Cristovão e SCARRETTA, Massimo (org.) Favela & cidade. Napoli: Giannini Editore, 2008.

DUARTE, Cristovão. F. **Um tempo-lugar para o cultivo dos corpos e do espírito.** In: Rachel Coutinho Marques da Silva. (Org.). A cidade pelo avesso. 1 ed. Rio de Janeiro: Viana & Mosley / Ed. PROURB, 2006, v. 1, p. 59-67.

FIGUEIREDO, Lucas. **Desurbanismo: Um manual rápido de destruição de cidades.** In: I ENANPARQ – Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro, 2010.

FONSECA, Rafael. **Nas Frestas do Chão: Transmissões da Área Portuária.** (Doutorado) Rio de Janeiro: PROURB, 2015. Disponível em: <[http://minerva.ufrj.br/F/YTJELXH3GCAXXIB-VU4FNI8GCTFHCL94K7698CKN4TC2LLJSREU=05409-?func=find-b&find\\_code=WRD&request=nas+frestas+do+ch%-C3%A3o&local\\_base=UFR01](http://minerva.ufrj.br/F/YTJELXH3GCAXXIB-VU4FNI8GCTFHCL94K7698CKN4TC2LLJSREU=05409-?func=find-b&find_code=WRD&request=nas+frestas+do+ch%-C3%A3o&local_base=UFR01)> acesso em: 23/10/2016.

GEHL, Jan. **Cidade Para Pessoas.** / Tradução Anita Di Marco. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HOLANDA, Frederico. **Urbanidade: Arquitetônica e Social.** In: I ENANPARQ – Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL. **Estudo de Caso: Programa Favela Bairro.** Rio de Janeiro: IBAM, 1997.

INSTITUTO ELLOS BRASIL. **Jogos de transformação Ellos.** Disponível em <<http://www.institutoelos.org/games/games/view/jogo-oasis>> Acesso em 20/05/2017.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. 2ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

LEFEBVRE, Henri. (1991). **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MATINA, Sabrina. (2016). **Capitães do Mato**. Disponível em < [https://www.facebook.com/pg/McMartinaOficial/videos/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/McMartinaOficial/videos/?ref=page_internal)> acesso em: 21/10/2017.

NASCIMENTO. Tuany. (2015). **Projeto Social de Ballet na ponta dos Pés**. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=xk9rLgl7z3w>> acesso em: 21/10/2017.

PINHEIRO, Alan Brum. **O mundo complexo... do alemão**. In: RODRIGUES. Rute Imanishi. (Org.) *Vida Social e Política nas Favelas: Pesquisas de campo no Complexo do Alemão*. Rio de Janeiro: Ipea, 2016.

RIO ON WHATCH. **A História das Urbanizações nas Favelas parte I, II e III**. Disponível em:< <http://rioonwatch.org.br/?p=4676>> ; < <http://rioonwatch.org.br/?p=5042>> ; < <http://rioonwatch.org.br/?p=5735>> Acesso em: 25/10/2016.

RODRIGUES. Rute Imanishi. **Uma construção complexa: Necessidades básicas, movimentos sociais, governo e mercado**. In: RODRIGUES. Rute Imanishi. (Org.) *Vida Social e Política nas Favelas: Pesquisas de campo no Complexo do Alemão*. Rio de Janeiro: Ipea, 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. Novos

estud. - CEBRAP[online]. 2007, n.79, pp. 71-94. ISSN 1980-5403. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos (1984). Rio de Janeiro, **O que transforma e o que é transformado** in TURKIENICZ, Benamy (org.) "Desenho urbano: I Seminário sobre desenho urbano no Brasil" Cadernos Brasileiros de Arquitetura. (Volume 12). São Paulo: Projeto/ CNPQ/FINEP, p. 100-115. Apud SILVA, Maria Laís Pereira (2008). Sobre as favelas e seus moradores: palavras de Carlos Nelson Ferreira dos Santos. in FAU-UFRJ (2008). *Revista Habitar a Cidade: Favela*. Rio de Janeiro, Revista da FAU UFRJ (número 1), 2008.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**- 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SENADO FEDERAL, **Estatuto da Cidade**. Brasília: Secretaria especial de editoração e publicações subsecretaria de edições técnicas, 2008.

SILVA, Heitor. **O urbano subordinado: O PAC nas favelas do complexo do Alemão**. Belo Horizonte: Anais XVI ENAMPUR, 2015.

SILVA, Jailson de Sousa; BARBOSA, Jorge Luís. *Favela: Alegria e dor na Cidade*. Rio de Janeiro: Editora SENAC Rio, 2005.

UOL Notícias (ANDRADE, Hanrikson). **Em 4 anos teleférico do Alemão fracassa para o turismo e para o transporte**. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/07/05/deficitario-teleferico-no-alemao-rj-e-visto->

com-desinteresse-apos-4-anos.htm> Acesso em: 25/10/1016.

USP; UNIVERSITY YORK; INSTITUTO ECOAR PARA CIDADANIA.  
**Manual de Metodologias de Participativas para o Desenvolvimento Comunitário.** Disponível em <[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/ems/PDF%20DOS%20PROGRAMAS/MANUAL\\_DE\\_METODOLOGIAS\\_PARTICIPATIVAS.pdf](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/ems/PDF%20DOS%20PROGRAMAS/MANUAL_DE_METODOLOGIAS_PARTICIPATIVAS.pdf)> Acesso em 20/05/2017.

VASCONVELOS, Lara Barreira. Em Busca de uma Sustentabilidade Socioambiental Urbana: **Uma Proposta para o Bairro Serviluz Simbólico.** [Trabalho Final de Graduação apresentado em 2013, sob a orientação de Clarissa Freitas]. Disponível em : < [https://issuu.com/larabarreira/docs/em\\_busca\\_de\\_uma\\_sustentabilidade\\_so](https://issuu.com/larabarreira/docs/em_busca_de_uma_sustentabilidade_so)> Acesso em 20/11/2017.

XIII ENEPEA SALVADOR 2016. **Carta de Diretrizes Paisagísticas para Cidades do Século XXI.** Disponível em <[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/ems/PDF%20DOS%20PROGRAMAS/MANUAL\\_DE\\_METODOLOGIAS\\_PARTICIPATIVAS.pdf](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/ems/PDF%20DOS%20PROGRAMAS/MANUAL_DE_METODOLOGIAS_PARTICIPATIVAS.pdf)> Acesso em 19/11/2017.



Eu Sou Favela  
(Bezerra da Silva)

“ Em defesa de todas as favelas do meu Brasil,  
aqui fala o seu embaixador”

A favela, nunca foi reduto de marginal  
A favela, nunca foi reduto de marginal

Ela só tem gente humilde Marginalizada  
e essa verdade não sai no jornal

A favela é, um problema social  
A favela é, um problema social

Sim mas eu sou favela  
Posso falar de cadeira  
Minha gente é trabalhadeira  
Nunca teve assistência social  
Ela só vive lá  
Porque para o pobre, não tem outro jeito  
Apenas só tem o direito  
A um salário de fome e uma vida normal.

A favela é, um problema social  
A favela é, um problema social

Música de samba  
Fonte: <https://www.letras.mus.br/bezerra-da-silva/467115/>